CARTAS BIBLIOGRAPHICAS

Tiragem 100 exemplares. Não se expõem á venda.

N.º 78

CARTAS BIBLIOGRAPHICAS

POR

F. T.

....Salut, vieux livres, mes amis, mes consolateurs, mes plaisirs et mes espérances!

BIBLIOPHILE JACOB.

COIMBRA
IMPRENSA ACADEMICA
1876

CARTAS BIBLIOGRAPHICAS

I

Meu amigo

Visto que a minha pertinaz doença me não deixa ir abraçal-o, e dar-lhe ao mesmo tempo uma das monumentaes massadas bibliographicas que o meu amigo atura com tanta benevolencia, resolvi aproveitar os intervallos de menos soffrimento, escrevendo-lhe uma serie de cartas, a que, talvez com pouca modestia, dou o nome de bibliographicas, satisfazendo d'esta fórma o meu desejo de cavaco, e ao mesmo tempo a minha tal ou qual paixão por estes assumptos. Espero portanto que me ature de tão bom grado escrevendo, como me tem aturado fallando, e tanto mais o

espero, quanto o meu amigo, quer o queira, quer não, tem tambem o seu tanto ou quanto de *bibliophilo*.

Bibliophilo! palavra quasi desconhecida em Portugal inda hoje, e que ha dez ou doze annos não saberíam da sua existencia e significação meia duzia de pessoas. Não direi o mesmo hoje, graças ao valiosissimo *Diccionario Bibliographico* do nosso eminente bibliographo e bibliophilo, I. F. da Silva, e que tanto concorreu, máo grado a zoilos e maldizentes, para despertar entre nós o gosto dos livros. Poder-lhe-á parecer, em vista do que digo, que só n'estes ultimos tempos é que elle se desenvolveu, e que em o nosso paiz ninguem, até essa data, se occupára com isso, mas não é assim. Cenaculo, o beneficiado José Pedro Hasse de Belem, Antonio Lomelino de Vasconcellos, monsenhor Ferreira, e tantos outros, são nomes que os verdadeiros bibliophilos nunca esquecerão, porque estes o foram, e dos mais ardentes. Tambem a maior parte das casas nobres possuiam bibliothecas, muitas d'ellas ricas em impressos e manuscriptos, porém estas collecções dispersaram-se todas, ou quasi todas, com o andar dos tempos, de fórma que hoje o que pelos nobres d'então era tido quasi como um dever, pelos d'agora.... nem fallemos n'isso; os livros trocaram-se por cavallos. Não se ria, e deixe passar porque é verdade.

Cabe aqui uma observação necessaria a provocada por ter, por vezes, ouvido a algumas pessoas, aliás instruidas, confundir o *bibliophilo* com o *bibliomano*, e vice-versa, provindo isto, a meu ver, da falta de reflexão, e do pouco cuidado com

que se falla, muitas vezes de proposito, para ridiculisarem certas tendencias e gostos. Em quanto a mim, o que destingue o bibliophilo é um certo bom gosto, e um tacto ingenhoso e delicado, que a tudo se applica, e que faz o encanto do individuo que realmente o é. O bibliophilo só faz entrar na sua collecção um livro depois de o sujeitar a todas as investigações dos seus sentidos e da sua intelligencia, o bibliomano junta livros e livros, sem, para assim dizer, lhe lançar a vista; o bibliophilo aprecia o livro pela materia de que trata, pela sua nitida impressão, pela belleza da encadernação, etc., o bibliomano toma-lhe o peso, ou mede-o. Mede-o, sim, meu amigo, porque conheço alguns que avaliam as riquesas da sua bibliotheca.... ao metro quadrado! Quanto maior é o numero de livros que possuem, tanto mais ricos se julgam; olham á quantidade, não á qualidade. A deliciosa e innocente *febre* do bibliophilo é no bibliomano uma doença aguda, que chega muitas vezes até á loucura, e quando chega a este gráo de paroxismo, desapparece tudo o que n'elle poderia haver de intelligencia. descendo então ao nivel d'uma monomania. Ahi tem o meu amigo a differença que, como vê, é bastante para se não confundir um com o outro.

Apezar, porém, do que disse no principio d'esta, inda não chegou a epocha para os verdadeiros bibliophilos. Lancemos os olhos para as outras nações, e consideremol-as debaixo do ponto de vista da bibliologia, ou bibliophilia; o que vemos? Na Inglaterra immensas bibliothecas publicas, das quaes a principal, e talvez uma das primeiras da Euro-

pa, é o Bristsh-Muséum. Particulares não fallemos, muitas e riquissimas. Na França, só em Paris quatro grandes bibliothecas publicas: a Nacional, a Mazarina, a de Santa Genoveva e a do Arsenal; nos departamentos, em quasi todas as cidades e povoações de certa importancia. Na Russia, a de S. Petersburgo, talvez nada inferior em importancia ao Bristsh-Muséum, e á Nacional de Paris. Na Italia, em Roma a do Vaticano, celebre em todo o mundo, afóra as de Turim, Florença, Veneza, etc. Na Belgica a de Bruxellas, e em quasi todas as cidades principaes. Em a nossa vizinha Hespanha a Real de Madrid, a do Escurial, celebrada de ha muito, a de Sevilha, Alcalá, Salamanca, etc. Em Portugal quantas? Duas em Lisboa: a Nacional, e a da Academia, uma no Porto, e egual numero em Coimbra, Braga e Evora. Em quanto nos outros paizes vemos bibliothecas publicas em todas as cidades e povoações de certa importancia, em Portugal nem ao menos nas capitaes dos districtos existem, á excepção das que mencionei, e da de Vizeu que, se a tem, a deve ao benemerito bibliophilo Antonio Nunes de Carvalho, que ainda em vida legou a sua importante collecção á terra que lhe foi berço.

Emquanto a bibliophilos dignos d'este nome, poucos ou nenhuns tem havido em Portugal, e senão vejamos: annuncia-se um leilão de livros, abre-se no dia designado, e ha muita concorrencia, apparece sobre a mesa um livro mencionado como raro no catalogo (quando o ha, o que nem sempre acontece). Os *soi disant* bibliophilos começam a lici-

tar, levando muitas vezes o livro a um preço fabuloso, sem terem em attenção o seu bom ou mau estado, se está ou não picado da traça, se tem ou não nodoas d'agoa, se está demasiadamente aparado, se a encadernação é boa, etc. Nos outros paizes qualquer d'estes defeitos faz descer a 50 % o valor do livro, por muito raro e importante que elle seja. Entre nós ninguem faz caso d'isso; a questão é obter-se o livro, seja qual fôr o seu estado. Concordo em que alguns pequenos defeitos não poderão muitas vezes ser levados em conta, por causa da extrema rarídade do livro, que faz com que os poucos que apparecem sejam mais ou menos defeituosos, mas por outro lado entendo que esta regra não tem applicação a todo e qualquer livro, como estamos vendo a cada passo. Ainda ha poucos dias, no leilão da bibliotheca do conde de Lavradío se vendeu o *Nobiliario do conde D. Pedro*, edição de Madrid, por vinte e tantos mil reis, exemplar muito aparado, cheio de nodoas, e falto de folhas, emfim, um livro que faria o desespero de um verdadeiro bibliophilo, mas que apezar d'isso encontrou um dos taes maniacos que o levou por aquelle preço, quando não valia nem a quarta parte, em vista do seu estado.

A respeito de sociedades ou associações de bibliophilos, a maxima pobreza; nem ao menos uma na capital, e tarde veremos realisado o voto feito pelo nosso distincto bibliographo, I. F. da Silva, no prologo que precede a edição da *Feira dos anexins*, de D. Francisco Manuel de Mello, feita pelo solicito editor Antonio Maria Pereira, aos quaes

ambos devemos finalmente a publicação de uma obra tão importante, e cuja falta era sentida pelos poucos que inda se interessam por estas coisas.

Para não irmos procurar exemplos longe de nós, que os temos e muitos, bastar-nos-á lançar os olhos para a vizinha Hespanha, onde encontramos: a Sociedade dos bibliophilos hespanhoes, com a séde em Madrid, a quem, e unicamente á sua iniciativa, se deve a publicação de varios manuscriptos importantes, afóra reimpressões de muitas obras tornadas raras: a Sociedade dos bibliophilos andaluzes, com a séde em Sevilha, que em 1871 contava 119 socios, e tinha publicado nove obras, com a tiragem de 300 exemplares de cada uma, em 4.º portuguez, ficando no prélo cinco, que é natural tenham já visto a luz. Em França cada provincia tem por assim dizer a sua sociedade de bibliophilos, por cuja conta tem sido editadas não poucas obras da maxima importancia. E entre nós? Nada. Pois não é á falta de termos muitos livros, hoje raros o procurados, que mereciam as honras da reimpressão. Concordo em que não se atreva a isso um editor, mas uma sociedade formada sob o plano das que mencionei prestaria muitos serviços á litteratura e historia patria. O que um só não faz fazem-n-o muitos. A prova de que um homem só o não faz, tem-n-a o meu amigo, além d'outras, nas reimpressões que ha annos se começaram a fazer em Lisboa de diversas obras importantes, debaixo da direcção do já mencianado I. F. da Silva e por conta do editor A. J. Fernandes Lopes, que depois de ter

reimpresso a *Historia de S. Domingos* de Fr. Luiz de Sousa; o *Mappa de Portugal* de J. B. de Castro, o *Elucidario* de Viterbo, e mais duas ou tres, teve de parar com a empresa á mingua de subscriptores. Li ha tempos que a Academia Real das Sciencias tinha resolvido publicar os nossos principaes classicos em collecção, semilhante á que está publicando em Madrid o celebre editor Rivadeneyra. Não sei se realisará a idêa, o que, se não acontecer, não me espantará, para não desmentir o máo sestro que sempre tem perseguido em Portugal os commettimentos litterarios de alguma importancia. Quem hoje entre nós realisa a publicação de algum manuscripto ou reimprime alguma obra antiga, tem uma coragem e um arrojo que eu devéras admiro. A épocha corre de feição para os romances *grivoises* e para as *poesias satanicas;* fóra d'esta egreja não ha salvação..... para os editores.

Tenho-me alongado mais do que devia, e apezar disso muita cousa me ficou para dizer. Isto não tem passado de verdadeiro cavaco, e, se se não enfadou, ha de permittir-me que de vez em quando conversemos por este meio ácerca de livros, como o poderiamos fazer em sua casa, junto dos seus, ou aqui, na minha pequena bibliotheca, commodamente sentados em fauteils.

Nas que se seguirem a esta, (caso me conceda a permissão que pedi) farei simplesmente na sua amavel e erudita companhia, a volta da minha bibliotheca, como Xavier de Maistre fez a do seu quarto de cama. Conheço perfeitamente

que n'esta nossa viagem faltará, á minha parte, o inimitavel talento que deu grande reputação áquelle, mas confio em que a sua amizade me não pedirá mais do que eu posso dar. Percorreremos um paiz ainda quasi inexplorado, mas onde, por isso mesmo, encontraremos novidades. Desde já o previno de que não encontrará ordem, nem methodo no resultado, ou na relação d'esta viagem. Bem sei que é mais um defeito que ella terá, mas irei escrevendo á proporção que for encontrando sobre que. Tenha paciencia, e para isso lembre-se do proverbio: *cada louco com sua mania.*

Louzã, 1.º—6.º—1876.

seu mt.º am.º

F. T.

II

Meu amigo

Se não se enfadou com a minha antecedente carta, e se por ventura já fez os seus preparativos, começaremos hoje a viagem projectada. Como, porém, lhe serão talvez necessarias algumas informações ácerca do paiz que vamos percorrer, não será fóra de proposito fornecer-lh'as visto que, para o meu amigo, é elle quasi desconhecido. Supponha pois uma casa quasi quadrada, com uma janella voltada ao nascente, e rodeada de estantes de nogueira preta, divididas em dois corpos, sendo estes subdivididos verticalmente por pilastras. Á entrada, e do lado esquerdo, encontra-se

uma estante envidraçada, da mesma madeira, com obra de talha, e no estylo grego, onde se acham dispostas algumas preciosidades e curiosidades, de que nos occuparemos no decurso da nossa conversa, sendo talvez este o local onde mais tenhamos que observar. Posto isto, principiemos.

De certo não ignora o que em estylo typographico se chama um *cartão:* quando, ou para corrigir erros, ou para fazer desapparecer passagens que deram causa a reclamações mais ou menos fundadas, ou feriram susceptibilidades, se eliminam de um volume impresso uma, ou muitas folhas, e se substituem por outras, dá-se a estas, como sabe, o nome de *cartões.* Tenho deante de mim um livro em que isso se deu, mas por um methodo differente, porque, em logar de tirarem as folhas, e substituirem-n-as por outras, imprimiram differentes tiras de papel, com as passagens que pretenderam substituir, e colaram-n-as sobre as linhas já impressas, emendando assim o livro. Como vê, o systema não deixa de ser original e... economico.

É facil de comprehender que os exemplares em que existem as paginas, ou passagens primitivamente impressas, têm, aos olhos dos bibliophilos, um valor excepcional; são muito raros, e ás vezes até rarissimos. Apezar de já descripto pelo sr. Innocencio o livro de que lhe fallo, como é d'elle que especialmente me occuparei n'esta carta, passo a descrevel-o.

Vida do bemauenturado Padre Santo Theotonio, Primeiro Prior do Real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

de Conegos Regulares do Patriarcha Santo Agostinho. Escrita em latim por um Religioso contemporaneo & discipulo do mesmo Santo. Traduzida em nosso vulgar portuguez, juntas as vidas de outros Santos & Santas collegidas de diuersos & graues autores. Por Dom Timoteo dos Martyres, Conego Regular & filho do conuento de Santa Cruz de Coimbra, & natural da mesma cidade. Offerecidas ao grande Padre Santo Theotonio. Em Coimbra, com todas as licenças necessarias, na impressão de Manoel Carualho, impressor da Universidade. Anno DMCL. 4.º de XVI inum. 238 pag.

Transcrevi todo o frontispicio, apezar de ser um pouco longo, mas em bibliographia nada é superfluo, e além d'isso o livro é raro.

Este D. Thimoteo dos Martyres é o auctor de um outro livro com o titulo de *Breve exemplar das vidas de alguns santos conegos regulares,* impresso egualmente em Coimbra por Manuel Carvalho em 1648, livro hoje celebre, porque deu lugar a grande questão ácerca da sua existencia, chegando o sr. Innocencio, no artigo que lhe consagrou no prestimoso *Diccionario Bibliographico* a chamar-lhe *imaginario*, e a affirmar que tal livro *jámais existiu!* Eu possuo um que comprei no deposito dos conventos em Coimbra, e conheço mais uns tres ou quatro exemplares. Talvez que o descreva n'uma das minhas proximas cartas, visto o sr. Innocencio não o ter feito e eu não ter a certeza se o *Diccionario Bibliographico* se chegará a concluir, por causa do perigoso estado em que se acha o seu illustre auctor.

A Vida de S. Theotonio decorre de pagina 1 a meio de pagina 58 (e não 57, como diz o Diccionario), seguindo-se logo as de S. Braulio, S. Carlos Borromeu, Santa Comba, Santa Columba, Santa Cordula, Santo Estanislau (bispo), Santo Estanislau (confessor), S. Frederico, Santa Genoveva, Santa Goduleva, Santo Ivo, S. Norberto e Santa Ripsimia e suas companheiras. São, porém, mais numerosos os cartões na de S. Theotonio, o que é devido talvez a ser a mais importante de todas, havendo-os egualmente na de S. Braulio, na de Santo Ivo, e na de S. Frederico. Nas restantes não existem, ao menos no exemplar que tenho á vista.

Como se dá a particularidade de possuir dois exemplares do livro em questão, um com os taes cartões de nova especie, e outro sem elles, vou aproveitar esta circumstancia, que poucas vezes se dará, pondo em parallelo, como objecto de curiosidade, as passagens cartonadas ou emendadas, com as que primitivamente se imprimiram, designando, para maior clareza, e para evitar repetições, o exemplar com os cartões pelo algarismo 1 e o que os não tem pelo algarismo 2.

Na vida de S. Theotonio encontra-se o primeiro a pag. 12.ª, linha 15.ª

N.º 1.—Morto o Conde D. Henrique, pertendeo o Conde D. Fernando Peres de Tavora...

N.º 2.—Morto o Conde D. Henrique pertendeo D. Fernando Pays, Conde de Transtamara...

Segundo cartão a pagina 23.ª, linha 15.ª e seguintes. De-

signando os primeiros conegos regulares que se constituiram em communidade, diz:

N.º 1.—O quarto Dom Honorio Prior da Igreja collegiada & Regular de São Tiago de Coimbra: foy este de mandado do Padre Santo Theotonio, fundar o mosteiro de São Vicente de Lisboa. O quinto Dom Mendo que foy depois o primeiro Bispo de Lamego.

N.º 2.—O quarto Dom Honorio ou Odorio Prior da Igreja collegiada & regular de São Tiago dos arrabaldes de Coimbra, foy depois o primeiro Bispo de Vizeu na restauração daquella cidade. O quinto Dom Mendo que veyo a ser o primeiro Bispo de Lamego...

Terceiro cartão, a pag. 25.ª, linha 19.ª e seguintes até ao fim da pagina.

Mencionando os conegos que, em numero de sessenta, se juntaram aos primeiros doze, depois d'estes constituidos em communidade, começa:

N.º 1.—Dos quaes o primeiro era D. Fernando Martins sobrinho do Mestre escolla Dom João Peculiar, foy este depois Bispo do Porto, sagrado pelo dito seu tio sendo Arcebispo de Braga. O segundo Payo Guterres, cuja foy a fonte que ainda oje conserva seu nome no claustro do mosteiro. O terceiro Dom Nuno Guterres, que foy o primeiro Prior do Hospital de Leiria. O quarto Dom Odorio, Prior da See de Vizeu que foy depois o primeiro Bispo d'aquella cidade na restauração daquella cadeira. O quinto Dom Godinho que veo a ser Bispo de Vizeu. O sexto Dom Domingos Diacono,

que foy ao mosteiro de São Ruffo de França buscar as constituiçoens por onde se auião de gouernar. O setimo Dom Pedro seu irmão....

N.º 2.—Dos quaes o primeiro (como acima). O segundo Dom Godinho, que veyo a ser Bispo de Vizeu. O terceyro Payo Guterres, cuja foy a fonte que ainda oje na claustra do mosteiro conserva o seu nome, a este fez o Padre Santo Theotonio Prior do Convento & Hospital de Leiria que destroirão os mouros. O quarto Dom Oveco. O quinto Dom Domingos, então Diacono, que foy ao mosteiro de São Ruffo de França buscar a Regra & Constituiçoens por onde se auião de governar. O sexto Dom Pedro seu irmão...

No exemplar n.º 1, repete-se duas vezes o n.º 7 d'esta fórma: O setimo Dom Pedro seu irmão, etc. *O setimo Dom Miguel Prior que era da See cathedral de Coimbra*, etc., concordando d'aqui por deante ambos os exemplares.

Na vida de S. Braulio ha tambem um cartão de duas linhas a pag. 62.ª, occupando a 14.ª e 15.ª; na de Santo Ivo, a pag. 111.ª, outro tambem de duas linhas, sendo a 2.ª e 3.ª, e finalmente na de S. Frederico, a pag. 139.ª, outro, comprehendendo as ultimas cinco linhas da referida pagina, a que correspondem, no exemplar n.º 2, sómente as ultimas quatro. Não as transcrevo, para não o incommodar, sendo as transcripções que fiz sufficientes para o meu amigo ajuizar da importancia das emendas. As taes tiras ou cartões são mais mal impressas que o resto do livro, inda que com os mesmos caracteres ou typos, excedendo até a *justificação* primitiva das paginas, por serem muito mais longas.

Para muitos parecerão pueris, e de somenos importancia taes indagações; para mim não, e creio que para o meu amigo o não serão egualmente. Em todos os tempos, e em quasi toda a Europa, occupou a bibliographia um logar distincto nas letras, e, tendo ligação intima com as sciencias de erudição, tornou-se ultimamente um dos ramos mais importantes dos conhecimentos humanos. Entre nós, á excepção de poucos e muito poucos, ninguem, por assim dizer, se occupou ainda com ella, e os rarissimos escriptos, que, de tempos a tempos, apparecem, como têm sido recebidos pela maxima parte do nosso *illustrado* publico? Sabe-o o meu amigo melhor do que eu; alcunham-n-os de *velharias*, de *arte de conhecer livros pelos rostos e lombadas*, como alguem denominou o prestantissimo Diccionario Bibliographico, e outras quejandas expressões, que nem ao menos tèm espirito, apesar das pretensões a isso.

Como sabe, existe uma outra *Vida de S. Theotonio*, vertida do latim com additamentos pelo conego D. Joaquim da Encarnação, da qual ha duas edições, a 1.ª de 1764 e a 2.ª de 1855, ambas de Coimbra, as quaes são mencionadas pelo sr. Innocencio, e mais minuciosamente ainda pelo illustrado professor do lyceu de Braga e distincto bibliophilo, Dr. Pereira Caldas, na curiosa e erudita resenha dos filhos illustres de Barcellos, com que precedeu a reimpressão da *Relação historica do que fizeram os moradores de Barcellos, desde o dia em que na villa acclamaram D. João IV*, etc., do licenciado Manoel da Rocha Freire; ora, cotejando

as duas versões, a de D. Timotheo dos Martyres, e esta de D. Joaquim da Encarnação, vê-se evidentemente que foram feitas do mesmo original latino; apezar, porém, de eu não conhecer este, parece-me que a de D. Joaquim é mais litteral, e, se tiver á mão a de D. Timotheo (porque a 2.ª edição da de D. Joaquim é vulgar), dê-se ao trabalho de as comparar, e verá o meu amigo se tenho razão para assim pensar.

A *vida de Santa Comba, virgem e martyr portugueza,* que decorre de pagina 169.ª até pagina 185.ª, do livro de D. Timotheo dos Martyres, é muito curiosa e abundante de noticias, e que talvez lhe sejam de algum proveito para a 2.ª edição do seu bello «*Guia do Viajante em Coimbra e arredores*» de que o meu amigo está cuidando.

Descancemos por hoje; na seguinte continuaremos a conversa, e faremos algumas descobertas, mais ou menos curiosas e interessantes, esperando me continue a dispensar a sua benevolencia, a fim de que me possa aturar estas massadas.

Adeus.

Louzã, 4 de junho de 1876.

Seu am.º e mt.º obr.º

F. T.

III

Meu amigo

Fallar-lhe-ei hoje de um nosso escriptor e poeta, que, ha mais de dois seculos, tem jazido n'um profundo esquecimento, muito immerecidamente, como verá; mas em primeiro logar quero narrar-lhe como o descobri.

Em 1870, n'uma das muitas excursões bibliographicas que fiz ao deposito dos livros dos conventos de Coimbra, que nessa epocha estava sendo vendido por conta do livreiro francez Demichelis, e onde me encontrei muitas vezes com o meu amigo, puz a mão em um pequeno volume com capa de pergaminho, que pelo rosto vi eram poesias escri-

ptas em hespanhol; folheando-o, deparou-se-me uma boa porção de versos portuguezes, que me não pareceram de todo destituidos de merecimento, e fazendo acquisição do livro, juntamente com outros, levei-o para casa, muito satisfeito com o resultado da busca d'esse dia. Recolhendo ali, foi este o primeiro que examinei, folheando-o minuciosamente a fim de ver se estava mutilado, ou completo, o que creio todo o bibliophilo pratica, sempre que lhe vem á mão qualquer livro n'estas condições, e tive a satisfação de ver que nada lhe faltava. Ao percorrer, porém, o prologo vi que o auctor se declarava portuguez, mostrando certo orgulho em o ser, o que me fez recorrer ao ***Diccionario Bibliographico,*** porém inutilmente, pois que não encontrei n'elle o nome do auctor, e como não tinha á mão o meu exemplar da ***Bibliotheca Lusitana,*** de Barbosa, fui consultal-a á livraria da Universidade, e n'ella o encontrei mencionado como natural de Lisboa, e auctor do livro em questão, e de mais duas ou tres obras, sem mais indicação ou individuação ácerca d'ellas. Tive pois de me contentar com este pouco, e tratei então de examinar miudamente o livro, especialmente na parte escripta em portuguez, que era o que mais me interessava. Vou expôr-lhe o resultado d'esse exame, principiando pela descripção bibliographica do volume, como é de razão.

Lirica poesia. Por Antonio Lopes da Vega. A Don Fernando de Toledo, Duque de Huescar, Marques de Coria y de Villanueva del Rio. Con licencia. En Madrid, por

Bernardino de Gusman, año MDCXX, 8.º peq. de VIII inn. 190 folhas numeradas por uma só face, e I inn. reproduzindo o local, nome do impressor e a data. Nas VIII folhas preliminares comprehendem-se as licenças, dedicatoria, *A los lectores*, e por ultimo um *Soneto dedicatorio*. De folhas 1 a folhas 18 corre uma poesia em hespanhol com o titulo de *Filomena, fabula tragica*, começando de folhas 19 em deante as poesias soltas que o auctor dividiu em tres partes ou *tercios*, compondo-se as duas primeiras de sonetos, eclogas, romances, canções, etc., em lingua espanhola, e a terceira parte dos mesmos generos de poesias em *lingua portugueza*, terminando com tres sonetos e dois madrigaes em italiano.

Como disse no principio d'esta, o auctor declara-se portuguez, o que concorda com o dizer de Barbosa, o qual o faz natural de Lisboa, sobrinho de D. Diogo Lopez d'Andrade, eremita de Santo Agostinho e bispo de Otranto, *que conhecendo o grande talento que descobria na adolescencia* (do sobrinho) *para as letras humanas e filosofia, o levou na sua companhia para Madrid*. Que n'essa cidade era consultado pelos sabios como um oraculo; que foi secretario do Condestavel de Castella, o qual para seu uso lhe fez patente a sua grande bibliotheca, e que vivia em Madrid no anno de 1656, contando n'essa epocha 70 annos de edade, *até que na mesma côrte fechou o circulo da vida*. Eis em resumo o que ácerca d'este auctor nos diz o douto e infatigavel Barbosa; como vê, é muito pouco, pois que nada nos diz ácerca da sua filiação e data do seu nascimento e

morte, inda que a d'aquelle se póde calcular pelos annos que diz contava em 1656, podendo-se-lhe portanto assignar a data de 1586, pouco mais ou menos. Vejamos agora as expressões de que o proprio auctor se serve fallando da sua nacionalidade. Depois de nos dar conta, na parte que elle intitula *A los lectores*, dos motivos por que dividiu o livro de que me occupo em tres partes, ou *tercios*, como elle as denomina, continúa: *El tercero (tercio) es de la patria, dando logar a mi lengua, que por todas las calidades dignas de estimacion le merece entre las mejores*. Não acha, meu amigo, que esta passagem respira uma certa satisfação da parte do nosso poeta em se confessar portuguez, e isto em 1620, quando inda gemiamos sob o jugo castelhano?

Tencionando occupar-me especialmente da terceira parte do livro, em que se comprehendem as poesias portuguezas, principio por fazer a enumeração d'ellas. Compõe-se pois esta terceira parte de trinta e tres sonetos, duas poesias em tercetos, que o auctor denomina *Capitulos amorosos*, duas canções, uma sextina, dois madrigaes, decimas, motes glosados, etc., o que tudo, no meu fraco entender, não desmerece das melhores que n'aquelle tempo se escreveram; como, porém, me julgo incompetente para avaliar ou ajuizar do merito d'estas composições, para lhe dar uma idêa do estylo e veia poetica do auctor, consinta que lhe transcreva aqui uma das canções que se comprehendem n'esta parte, e que me agradou pela fluencia e boa linguagem, a qual se acha a folhas 158, verso.

CANÇÃO

EM SENTIMENTO DE HŨ AMIGO MORTO NA PASSAGEM DE HŨ RIO

1.

Se nesse ethereo assento a que subiste,
Podem, Menandro amado, ser ouvidos
Sospiros lastimosos:
Se á celeste cidade,
Hierusalem divina,
Chegão os ays de Babilonia triste;
A receber te inclina,
Lagrimas, e gemidos,
Dos corações queyxosos,
Que deyxaste no mar da saudade,
Verás, que se entre o homẽs habitando,
Vontades, e olhos, apos ty, levaste,
Quando a vida deyxaste,
Mil almas te seguirão sospirando
De que somente admira,
Vêr que quem te seguio, geme e suspira.

2.

Cortoute, ainda em flor, a parca dura,
Invejando o poder da natureza
Que em ty resplandecia:
E de triumfante louro
Duramente ambiciosa,
Antes da tarde pôs em noyte escura
Essa manhaã fermosa
De tua gentileza:
Ay que em tão breve dia
Caio da natureza o mór thesouro.
Exemplo lastimozo, que na morte,
Fruto de possessão, flor de esperança,
Se igualão na balança:
E he do grande o pequeno egual a sorte
Cego quem considera
Em mortal campo, eterna primavera!

3.

Como sombra declina nossa vida:
Nacemos, e nacendo, caminhamos
Ao fim, que nũca tarda.

E pois naturalmente
Vamos d'ella fugindo,
Em que se enleya hũa alma divertida
Que anda sempre seguindo
Bem que fugindo vamos,
E que taõ pouco aguarda
A quem seus passo segue deligente?
Ditoso quem c'o a vista levantada,
Isento pisa os falsos bẽes da terra!
E andando sempre em guerra
Consigo mesmo, busca a patria amada:
Despresando os enganos,
Que cegaõ a alma, e douraõ nossos dannos.

4.

Perdeo Amor, Menandro, com perderte,
Fiel retrato, em teu fermozo gesto:
E, em teu peyto rendido,
Jurisdição mais alta:
Que quando tu vencias,
C'o trato, corações pôde vencerte:
E em teus olhos trazias
Seu fogo manifesto,
Que, no peyto, escondido,
Levanta incendio, e pellos olhos salta.

Assí, desfeyto em lagrimas, mostravas
Que nẽ se esconde a Amor, nẽ se defende
Quem tudo vence, e rende,
Pois, commũ vencedor, te sogeytavas
E agora, em triste sorte,
Mostras tãbẽ, q̃ a Amor he igual a morte

5.

Procurárañ, por honra, os elementos
Ter cada qual, em teus successos, parte:
O ar, e o fogo, em vida;
Hũ, que em teu peyto ardia:
O outro, recebendo
Sospiros, que lhe davam teus tormentos
E, bem que inda vivendo,
A terra, em sustentarte,
Estava ennobrecida;
E por teus olhos a agua descorria;
Ambas, na morte, pretenderañ gloria.
Foy instrumento a agua rigorosa;
E a terra, may piadosa,
Te guarda, e esconde a funeral historia,
Mas, honrandose todos,
Todos te chorañ, por diversos modos.

6.

Campos de Gelboé, que passo abristes,
Á corrente das aguas furiosas,
Que em seu profundo seyo,
Menandro sepultaraõ;
Não caya, em vós, rocío!
Sequemse quantas hervas produzistes!
E as aguas desse rio
Se tornem venenosas;
Pois, com o danno alheyo,
Acrescentar seu nome desejarão!
Corrão-se, campos tristes, de habitarvos
Os mesmos brutos, que, de tempo antigo
Tinhão, em vós, abrigo!
Tudo vos deyxe, e só, para abrasarvos
Cayão raios celestes!
Naça veneno em vós, se flores destes!

7.

Ah, quem deyxar pudera a triste vida,
Quando, meu novo Orestes, a deyxaste!
Mas inda que partindo,

Levaste juntamente,
Em tua companhia,
Esta alma, que contigo estava unida:
Como na fantasia,
Retratado ficaste:
De espirito servindo,
Me conservas a vida descontente.
Por onde não me culpem, se vivendo
Em tua ausẽcia, as leys de Amor não guardo.
Pois, se na vida tardo,
Vivo por ty, bem que sem ty morrendo.
Deixame a meu tormento,
Vereys, quanto em my pode o sentimento.

Lastimosa canção, se de pequena,
Em tão crescida pena,
O mundano theatro inda te acusa:
Responde-lhe somente
Que nũca muyto diz, quem muyto sente.

Não conheço d'este livro mais do que o exemplar que possuo, nem tão pouco o tenho visto mencionado em parte alguma, á excepção da *Bibliotheca Lusitana*; não me consta tambem que tenha apparecido algum no grande numero de leilões de livros que ha annos a esta parte têm tido logar

especialmente em Lisboa e Porto, e por isso o julgo de alguma raridade; tanto mais quanto tambem o não encontro no catalogo da riquissima bibliotheca de Salvá, publicado em Valencia em 1872, a reunião mais preciosa de livros hespanhoes, cujo inventario conheço. Ahi fica pois mais um poeta, da eschola, ou imitador de Camões, para augmentar a galeria d'elles, já tão rica; estou certo de que este não envergonha os companheiros, e por isso não terá tanto ou mais direito a ser conhecido e apreciado ao pé de D. Francisco de Portugal, D. Manuel de Portugal, Antonio Alvares Soares, Antonio Gomes d'Oliveira, e tantos outros que quasi tudo escreveram em hespanhol? Creio que sim, e ao menos não se dirá que não houve quem tentasse resuscital-o; se merecida ou immerecidamente dil-o-á o meu amigo.

Louzã, 7—6.º—1876.

seu mt.º am.º

F. T.

IV

Meu amigo

Conhece de certo, pelo menos de nome, o *Livro do Infante D. Pedro, que andou as sete partidas do mundo,* etc., opusculo muito celebre e popular, de que ha innumeraveis edições, tanto em portuguez como em hespanhol, e que em quanto uns o fazem pertencer exclusivamente á litteratura popular, outros dão-lhe fóros de nobreza, classificando-o entre os romances ou *livros de cavallaria,* sendo d'este numero o illustre bibliographo hespanhol, o sr. D. Pascual de Gayangos. Será pois d'este livro que hoje nos occuparemos.

Foi o infante D. Pedro segundo filho d'el-rei D. João I

de Portugal, e duque de Coimbra, senhor de Monte-mór, Tentugal, Condeixa, etc., e o primeiro que em Portugal teve o titulo de duque. Feitas as pazes com Castella, resolveu fazer uma longa viagem, que effectuou em 1416 segundo uns, ou em 1424 segundo outros. Sahindo de Portugal acompanhado de doze criados, e dirigindo-se á Terra Santa, esteve na côrte do Grão Turco, na do Soldão da Babylonia, em Roma, na Hungria, na Dinamarca, Inglaterra, etc., recolhendo ao reino em 1428. Nomeado regente durante a menoridade de D. Affonso V, seu sobrinho, morreu, como sabe, desastradamente da ferida de uma frecha, na celebre batalha de Alfarrobeira. Era homem intelligente e instruido, figurando como poeta no *Cancioneiro* de Rezende, onde vêm, entre outras composições suas, umas *Coplas de mil versos con sus glosas del menos precio y contempto de las cosas del mundo*, de que ha pelo menos uma edição feita em separado, em 1490, pouco mais ou menos.

A narração da sua viagem, escripta por Gomes de Santo Estevão, não passa de uma verdadeira fabula, á imitação do *Livro das maravilhas do mundo*, de João de Mandevilla, e outras do mesmo genero, sendo por isso dos taes que ainda hoje se vendem pelas feiras *a cavallo n'um barbante*, com os seus companheiros *João de Calais*, *Imperatriz Porcina*, *Princeza Mangalona*, *Donzella Theodora*, etc., e que fazem as delicias dos nossos camponezes, o que justifica as repetidas edições que d'ella se têm feito, e cuja enumeração lhe vou fazer.

Em quanto entre nós pouco ou quasi nada se tem estudado este ramo de litteratura, quer sob o ponto de vista litterario, quer bibliographico, nos outros paizes tem elle merecido uma attenção particular; na Hespanha tem sido estudado de ambas as fórmas, bem como na França, Inglaterra, Italia e especialmente na Allemanha, havendo na França uma obra curiosissima sob o titulo de *Histoire des livres populaires, et de la littérature du colportage*, por Ch. Nisard, que póde servir de modelo a qualquer trabalho d'este genero. Em Portugal, afóra algumas indicações ou investigações feitas por incidente, e de passagem, nada existe escripto seriamente, e com uma certa extensão sobre este assumpto. Não serei eu que faça esse trabalho, porque estou muitissimo longe de ter o estudo e elementos necessarios para isso, o que não quer dizer que não haja quem o possa fazer sem muita difficuldade, mas como esse estudo demanda longas e enfadonhas indagações, e havendo, como disse, uma falta quasi absoluta de elementos, não tem apparecido até hoje quem, pelo menos, o tenha tentado.

Em qual das duas linguas, a hespanhola ou a portugueza, se publicou originalmente o livro em questão, é ponto para mim duvidoso. O sr. Innocencio, no *Diccionario Bibliographico*, parece inclinar-se á primeira hypothese, mas creio não ser fóra de proposito o suppôr que elle fôsse primitivamente publicado na portugueza, visto ser portuguez o heroe do livro, e ser ou figurar-se o mesmo livro escripto por um portuguez; é verdade que isto não se póde tomar

como regra, sendo apenas motivo para mera presumpção ou indicio. Sendo, porém, muitas as edições d'este popular livro, mencionar-lhe-ei as portuguezas que tenho visto citadas, e de cuja existencia ha certeza, não me fazendo cargo das hespanholas, e limitando-me ás feitas nos seculos XVI, XVII e XVIII.

A *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, tomo I, pagina 386.ª, apenas menciona uma do seculo XVI dando-a como impressa por Antonio Alvares em 1554, edição que tenho por duvidosa em vista das razões dadas pelo illustre auctor do *Diccionario Bibliographico* e que como tal fica fóra do combate.

O *Diccionario Bibliographico*, tomo III, pagina 149.ª, aponta as seguintes: Lisboa por Domingos Carneiro 1698. Ib. por Manuel Fernandes da Costa, 1739. Ib. por Francisco Borges de Sousa, 1767, e ib. por Simão Thadeo Ferreira, 1794.

O *Catalogo de la biblioteca de Salvá*, tomo II, pagina 92.ª, além de duas em hespanhol, menciona uma portugueza, Lisboa por Domingos Carneiro, 1664, 4.º de 16 folhas sem numeração, não mencionada pelo sr. Innocencio.

No *Ensayo de una biblioteca española de libros raros y curiosos*, por Zarco del Valle, y Sancho Rayon, Madrid, Rivadeneyra, 1863, grande in-8.º, tomo I, columna 996, menciona-se uma de Lisboa na officina Ferreiriana, 1732, com o titulo de: *Tratado do Infante D. Pedro de Portugal, que andou as sete partidas do mundo, &*, tambem não

mencionada pelo *Diccionario Bibliographico*. E finalmente, D. Pascoal de Gayangos, no *Catalogo de libros de caballerias*, que antecede a edição do *Amadis de Gaula e Sergas de Esplandian*, pelo dito bibliographo feita para a collecção Rivadeneyra, cita duas: a de 1732, acima apontada no *Ensayo*, e a de 1766, descripta no *Diccionario Bibliographico*, não podendo verificar se mais alguma cousa diz ácerca d'ellas, pois que me sirvo d'um informe apontamento que em tempo tirei, por se me ter extraviado ha annos o livro do sr. Gayangos.

Ahi fica, meu amigo, o que encontrei ácerca das diversas edições do *Livro do Infante D. Pedro*, nos auctores acima citados; é chegada pois a occasião de descrever as tres que do mesmo opusculo possuo, não sendo nenhuma d'ellas, como verá, mencionada por os que se têm occupado do assumpto, e que têm vindo ao meu conhecimento.

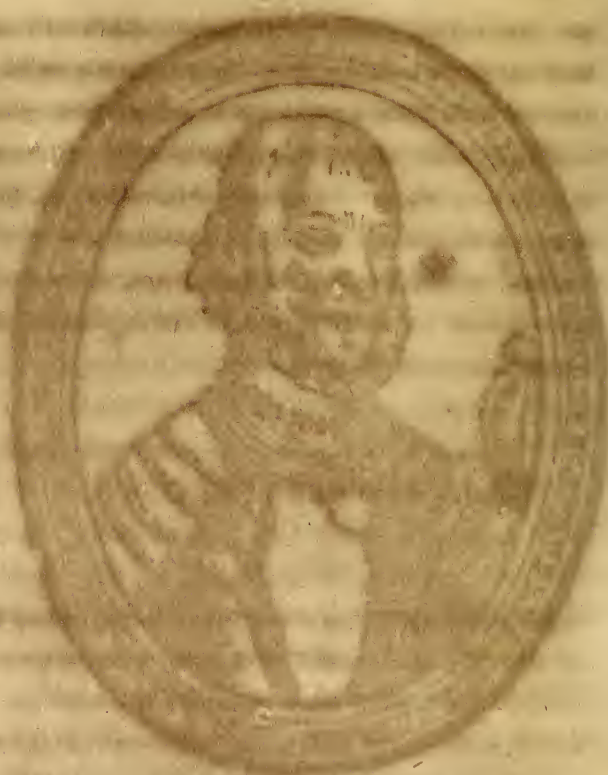
Infante D. Pedro (retrato de gravura em madeira n'um medalhão oval, representando um personagem vestido de armadura, e elmo collocado ao lado, etc.) *Liuro do Infante Dom Pedro de Portugal. O qual andou as sete partidas do mundo. Feyto por Gomez de Sancto Estevão, hum dos doze que foram em sua companhia.* No fim: *Impresso com licença da Sancta Inquisição: Por Antonio Aluarez: Anno 1602.* 4.º de 16 folhas sem numeração.

Do frontespicio d'esta edição dou aqui o *fac-simile*, um pouco reduzido das dimensões do original, e feito pelo processo da heliogravura typographica.

Infante D. Pedro (brazão portuguez de gravura em madeira). *Livro do Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sete partidas do mundo,* etc., *Lisboa na officina de Domingos Carneiro. Anno de 1644.* 4.° de 31 folhas.

Infante D. Pedro (brazão portuguez de gravura em madeira e egual ao antecedente). *Livro do Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sete partidas do mundo,* etc. *Lisboa na officina de Pedro Ferreira, 1738,* 4.° de 31 paginas. Temos pois mais tres edições até agora desconhecidas, ou pelo menos não citadas, e sendo a de 1602 a *mais antiga que hoje se conhece,* na hypothese de ser duvidosa a de 1554, que, apesar de mencionada por Barbosa, ninguem ainda viu exemplar algum d'ella. O sr. Innocencio diz: *que não conseguiu ver edição mais antiga que a de 1698.* Salvá não possuia nem cita nenhuma anterior á de 1664. Os auctores do *Ensayo de una biblioteca* declaram que *de la redaccion portuguesa no han logrado ver ninguna anterior al año 1732,* servindo-se de eguaes expressões o sr. Gayangos. Em vista do que ahi fica exposto, não me taxará pois o meu amigo de inconsiderado se eu suppozer que a edição que possuo de 1602, e que acima descrevi, é, se não o *unico exemplar conhecido,* pelo menos a mais antiga edição portugueza conhecida, ao menos emquanto não apparecer prova em contrario, devendo tambem julgal-a de grande raridade. Emquanto ás de 1644 e 1738, não serão tambem muito vulgares, porque, como viu, são egualmente desconhecidas.

INFANTE DOM PEDRO.

Liuro do Infante Dom Pedro de Portugal.
O qual andou as ſete Partidas do Mundo.
Feyto por Gomez de Sancto Eſteuão,
hum dos doze que foram em
ſua companhia.

Para prova da asserção do sr. Innocencio, de que as edições d'este livro differem notavelmente entre si em vocabulos e phrases, porque cada um dos editores as foi alterando como lhe pareceu, e como simples curiosidade bibliographica, transcrever-lhe-ei o primeiro e ultimo capitulos das duas edições de 1602 e 1644, a fim de poder avaliar *de visu* essas alterações, devendo suppôr-se ter talvez soffrido poucas ou nenhumas a de 1602, por ser muito proxima das edições originaes.

EDIÇÃO DE 1602

De como o Infante Dom Pedro de Portugal se partio da villa de Barcellos, pera yr ver as sete Partidas do Mundo.

O Infante Dom Pedro foy filho del Rey Dõ João primeyro deste nome: o qual era Conde de Barcellos. E foy muyto desejoso de ver terras. E tendo determinado de yr a ver todas as partidas do Mundo: sayose hum dia á tarde cõ os seus, estando em Barcellos, q̃ foram sete dias despois de Paschoa, & disselhes. Amigos os q̃ me quizerdes seguir, & ter cõpanhia pera yr a saber as sete Partidas do Mũdo, q̃ se mouerã em meu coração, tendome cõpanhia.

E entã se lhe offerecerão muyto pera yr cõ elle, nam quis leuar cõsigo senã doze cõpanheiros em lẽbrança dos doze Apostolos, & com elle treze, como nosso Señor Iesu Christo cõ seus Discipulos. E partimos de Barcellos pera pedir licença a el Rey de Portugal seu Pay. E a ella lhe pesou muito porq̃ queria passar aquellas partes. Mas emfim lhe deu licẽça, cõ muito grãde tristeza, & lhe deu doze mil peças de ouro.

De como o Infante se despedio do Preste Ioam, & se tornou pera Espanha

Dom Pedro, & nos otros posemos os giolhos diãte do Preste Ioão, com muytas lagrimas, pedindole perdão, & sua benção, & assi nos partimos muy tristes, & segundo a vida que naquella terra fazem, alli nos folgaramos de ficar, se os destas nações em ella boamẽte poderam viuer. Dali viemos pera Cotopia, que era terra de Gudilfe, & fomos ao Mar Vermelho, por onde passaram os filhos de Israel, quando vinham do Egypto fugindo, os quaes eram muytos milhares de homens, & molheres, & meninos, & ao longo do mar achamos até trezentos pilares que estam em sinal por onde passou cada Tribu, & cada linhage daquelles Iudeus, & depois que passamos muytas partidas, viemos a ter ao Reyno de Féz, donde nos passamos a Castella.

EDIÇÃO DE 1644

De como o Infante Dom Pedro de Portugal se partio da Villa de Barcellos para hir ver as sete partidas do mundo.

O Infante D. Pedro foy filho del Rey D. João o primeyro deste nome, o qual era Conde de Barcellos, & foy muy desejoso de ver terras. Tendo determinado de hir ver as sette partidas do Mundo, sahio hum dia a tarde com os seus, estando em Barcellos, que foram sette dias depois de ter companhia, para hir saber as partidas do mundo: & entam se lhe offereceraõ muytos para hir com elle: & nam quiz levar comsigo, senaõ doze companheyros, em lembrãça dos doze Apostolos, & com elle treze, como nosso Senhor Jesu Christo cum seus Discipulos. Partimos de Barcellos, para pedir licença a ElRey de Portugal seu pay: & lhe pezou muyto; porque queria passar aquellas partes: mas enfim lhe deu licença, com muyto grande tristeza; & lhe deu doze mil peças de ouro.

De como o Infante se despedio do Preste João, & como se tornou para Hespanha.

Dom Pedro, & nos todos puzemos os joelhos no chaõ diante do Preste João, com muytas lagrimas, pedindo-lhe

perdam, & sua bençam; & assim nos partimos muy tristes. E, segundo a vida, que naquella terra fazem, alli folgariamos de ficar, se os destas naçoens em ella poderaõ viver. Dalli viemos dar á Casopia, que era terra de Gudilfe: & fomos ao mar vermelho, por onde passaram os filhos de Israel quando vinham de Egypto fugindo, os quaes eram muytos milhares d'homens, mulheres, & mininos, & ao longo do mar achamos ate trezentos pilares, que estaõ por sinal por donde passou cada tribu, & cada linhagem daquelles Judeos. Depois que passamos muytas partidas, viemos ter ao Reyno de Fez donde nos passamos a Castella.

Como se vê as differenças são importantes, a ponto de alterarem o sentido. Outras muitas existem nos differentes capitulos em que se divide o livro, das quaes o meu amigo poderá formar ideia por as que lhe apresentei.

Fecharei este longo arrazoado, com a lista das edições cuja existencia é incontestavel. Lisboa por Antonio Alvarez, 1602, 4.º de 16 folhas sem numeração. — Ib. por Domingos Carneiro, 1644, 4.º de 31 paginas.—Ib. pelo mesmo, 1664, 4.º de 16 folhas, sem numeração.—Ib. pelo mesmo, 1698, 4.º, de 31 paginas. — Ib. na officina Ferreiriana, 1732, 4.º—Ib. por Pedro Ferreira, 1738, 4.º de 31 paginas.—Ib. por Manuel Fernandes da Costa, 1739, 4.º de 31 paginas—Ib. por Francisco Borges de Sousa 1767, 4.º

de 20 paginas—e Ib. por Simão Thadeo Ferreira, 1794, 4.º

Numero das edições conhecidas, nove.

Esperando me releve mais uma vez tão aridas investigações, reservo-me para em outra carta lhe communicar mais algumas noticias sobre livros populares.

Louzã, 10—6.º—1876.

seu am.º e obr.º

F. T.

V

Meu amigo

Cumprindo a promessa que lhe fiz na minha antecedente carta, occupar-me-ei n'esta de um outro livro popular, classificado tambem entre os romances ou livros de cavallarias, o qual, ainda que escripto na lingua hespanhola, nos toca muito de perto, por ter uma intima ligação com a nossa historia legendaria, e especialmente com uma das lendas mais interessantes e curiosas do districto de Coimbra, sendo além d'isso este livro o unico que conheço impresso ácerca d'ella, e onde mais minuciosamente se trata a mesma lenda. É nem mais, nem menos do que a historia do celebre abbade

João de Monte-mór, cujas festas commemorativas ainda de longe em longe se celebram n'aquella antiga villa. Vou pois descrever-lhe o livro que de certo nunca viu, e nem mesmo talvez o conheça de tradição.

Historia de el abbad dõ Juan. Este titulo acha-se escripto em duas linhas por baixo d'uma estampa de gravura em madeira, representando um cavalleiro vestido com todas as armas, empunhando n'uma das mãos a espada, e na outra uma bandeira com a cruz de Sant'Iago, cruz que o mesmo cavalleiro tem no peito. No chão, espalhadas aqui e ali, veem-se cabeças e corpos de mouros, e no fundo, de um lado differentes edificações, e do outro uma egreja e um castello, cercado de muralhas. Está esta estampa dentro de uma tarja da mesma gravura. No fim tem a seguinte subscripção: *Fue impresso el presente libro En casa de Francisco Fernandes de Cordoua impressor. Año de mil y quiñientos y sessenta y dos.* 4.º de 16 folh. sem numer. car. goth. Principia o texto, logo no verso da folha do rosto, por um prologo, a que se seguem dezesete capitulos, sem numeração ou designação d'elles, e cada um, como de costume, com o resumo do que n'elle se trata, tendo o primeiro a seguinte epigraphe: *Comiença el libro del abbad don Juã señor de mõte mayor. E nel qual se escriue todo lo que le ha acõtescido con dõ Garcia su criado.*

Completo esta descripção apresentando o *fac-simile* do frontespicio, um pouco redusido do seu tamanho, e obtido pelo processo da heliogravura typographica.

Hiſtoria de
el abbad dõ Juan.

Fui talvez um pouco diffuso na descripção d'este rarissimo livro, porém certamente poucos o merecem tanto como este. Do seculo 16.º não se conhece na Hespanha, em nenhuma bibliotheca, publica ou particular, edição alguma, havendo apenas um fragmento em poder de um particular, e que, só pelo caracter da letra, se presume ser d'essa epocha, por estar mutilado no fim. Nem o riquissimo *Catalogo de Salvá*, nem o *Ensayo de una bibliotheca de libros raros y curiosos*, nem o sr. Gayangos, mencionam nenhuma d'aquelle seculo, além do fragmento em que acabo de fallar, que é citado pelos dois ultimos. Do seculo 17.º cita-se apenas, no tom. 1.º, col. 889.ª do *Ensayo*, uma de Cordoba, por Diogo de Valverde y Leiva, 1693, sem foliação; e livro, ou edição que qualquer d'estes não viu ou não menciona, póde, sem receio d'errar, dar-se-lhe a classificação de rarissimo.

No excellente jornal *O Instituto* que se publica em Coimbra, no n.º 6.º da 2.ª serie, dezembro de 1875, pag. 289.ª, not. 1, cita-se a *Historia Manlianense*, do Capitão mór Antonio Corrêa da Fonseca e Andrada, a proposito da inscripção commemorativa da resurreição dos degolados, no tempo do Abbade João. Como especie correlativa, e por possuir um apographo da referida obra, tirado em 1853, vou transcrever *in extenso* o frontespicio da mesma, visto carecer d'elle a copia citada na nota acima, e que pertence ao ex.^mo Miguel Osorio Cabral de Castro, da Quinta das Lagrimas.

Historia Manlianense, Chronologica, Epithomatica, Bel-

lica, Genealogica e Panegyrica, na qual a curiosidade decifrará successos, que admiram, progressos que assombram, e desenganos que aproveitam. Offerecida á Virgem Santissima da Victoria, Nossa Senhora, e a seu esclarecido Monarcha Portuguez D. Joam V Nosso Senhor, por Antonio Corrêa da Fonseca e Andrada, Cavaleiro Professo da illustrissima ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, Capitam mór da Villa de Montemór o Velho, Coutos do Bispo Conde, Cabido e Universidade de Coimbra, que ha no seu Termo, por Sua Magestade que Deos Goarde, &. fol.

O estylo e phraseologia do titulo dão uma ideia do do resto do livro, que é todo recheiado de conceitos no gosto da epocha, mas, á parte este defeito, e a falta de critica com que é escripta, é digna d'estimação esta obra, pela abundancia de noticias curiosas que encerra, especialmente no que diz respeito ao districto de Coimbra, pois que, a proposito de Monte-mór, trata de muitas materias que mais ou menos prendem com factos ou pessoas d'aquella villa. Dividiu o author esta obra em 15 livros, e cada um d'estes em doze capitulos; no decurso d'elles menciona e historía a fundação de diversas casas religiosas, como a do convento de Santo Antonio da Figueira, do de Lorvão, Arouca, Sandelgas e S. Marcos, dando cópia de todas as inscripções que n'aquella epocha existiam na egreja d'este ultimo convento. A proposito de differentes personagens naturaes de Monte-mór, escreve a vida de D. Miguel Paes, bispo de Coimbra, de D. Godinho, 2.º bispo de Lamego e

fundador do mosteiro de S. Vicente de Fóra, de D. Alvaro de Freitas, bispo de Lisboa, relatando minuciosas noticias ácerca da familia dos Freitas, dos Pinas, etc., etc. Fallando dos casamentos dos Duques de Aveiro D. Jorge e D. Alvaro, transcreve dois curiosissimos documentos, muito importantes para a historia dos costumes, usos e trajos do seculo 16.º, os quaes declara *lhe mandou um curioso, sendo as proprias que então se remetteram de Castella,* e cujos titulos são os seguintes:

Carta por que se dá conta da entrada de D. Jorge, Marquês de Torres Novas, filho do Duque de Aveiro, D. Joam, quando foy a Castella buscar a Marqueza sua molher, D. Magdalena Gyram.—Relaçam dos apercebimentos que se fizeram em Madrid, quando D. Alvaro d'Alem Castre casou com sua sobrinha a Duqueza de Aveiro D. Juliana d'Alencastre. São minuciosissimos estes dois documentos, e não me consta que estejam impressos em alguma obra.

Por este rapido lance d'olhos poderá o meu amigo fazer ideia da importancia d'este manuscripto.

Mas voltando ao Abbade João, e á lenda que lhe diz respeito, era de presumir que o nosso capitão mór tratasse longamente d'este successo, e na verdade assim acontece, o que me despertou a curiosidade de ver a differença do impresso para o relatado no manuscripto; dando-me pois ao trabalho de cotejar um com outro, resultou d'esse exame o convencimento de que o author do manuscripto teve presente uma edição do livro impresso que acima descrevi,

pois que a parte em que elle narra a referida lenda, e que preenche os cap. 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º e 12.º do liv. 2.º e todos os doze capitulos que compõem o livro 3.º é traducção litteral do mesmo impresso, inclusivè as epigraphes dos capitulos, á excepção porém do 7.º do livro 2.º, em que elle, com a maior ingenuidade, se exforça por demonstrar que D. Garcia, creado do abbade, que este encontrou abandonado, e que depois se tornou moiro, não era, *nem podia ser* natural de Monte-mór, concluindo por esta fórma o referido capitulo: «ficando mais accreditada esta villa (de Monte-mór) em que nam nacesse n'ella esta furia dos infernos, e assim ficará corrente a historia, sem que haja que escrupolisar n'ella, sendo nam pequena felicidade d'esta villa conhecer-se agora nam ser D. Garcia natural della, pois terra tam catholica não podia produzir um Abdalá Çulema, e de melhor partido fica a sua patria em se ignorar, por nam contrahir uma infamia que a podia deslusir: que asi como os sogeytos heroycos lhe augmentam o credito, as infamam os mal procedidos, com que ficará saptisfeito o meu empenho por desfazer agora os nublados que ha tantos seculos escureciam a verdade, pois muitos escreveram (no que se enganaram) que esta villa fôra o berço de D. Garcia, e melhor fôra que logo d'elle passára á sepultura, pois chegou a ser um escandalo da natureza, e diabo encarnado sem duvida; cujo pecimo procedimento lhe adquiriu nome tam aborrecido, que faz horror, e mesmo asco.» E acabou-se. Era tempo, não lhe parece? Que torrente d'improperios,

e que gymnastica d'estylo, *para salvar a honra da patria!*

Finalisarei os extractos do manuscripto transcrevendo-lhe o que pelo individuo que tirou a cópia, que possuo, foi escripto, em fórma de advertencia, no alto de uma folha em branco que precede o texto da *Historia Manlianense:* «Leitor. Desculpae o author, porque foi fidalgo, capitam mór, e escreveu em 1715; desculpae tambem um plebeo, que, levado sómente de capricho, para aqui transcreveu tudo quanto achou em tal livro, fazendo por conservar a dicção, expressão e ortographia como verdadeiro

Copista.»

Póde-se pois presumir, em vista do que fica transcripto, que o apographo em questão, o qual, segundo me consta, foi tirado do codice original que existe no archivo da Camara municipal de Monte-mór-o-Velho, é uma cópia fidelissima do referido original, se é verdade ser esse codice o proprio que o author escreveu, pois, como digo, foram estas as informações que ácerca d'elle me deu pessoa que julgo bem informada; não sei, porém, até que ponto isto seja verdade. O que julgo é que o manuscripto é muito curioso e, na impossibilidade de ser publicado na integra, merecia ao menos ser largamente extractado, porque estou certo que difficilmente se encontrarão em outra parte muitas das interessantissimas noticias que encerra, não só com relação ao estado e historia antiga de Monte-mór e seu termo, e á epocha em que o author escrevia, mas até com relação

á historia geral do reino, e particularmente á do districto de Coimbra, do qual, como já disse, o nosso capitão mór nos dá abundantissimas noticias, colligidas com louvavel empenho e curiosidade, inda que ás vezes com critica pouco segura.

Como talvez não seja muito difficil ao meu amigo o poder examinar a cópia citada no *Instituto*, a que acima me referi, poderá, percorrendo-a, avaliar e dar o pêso que merecerem a estas considerações; creia, porém, que se tiver ensejo de o fazer, não dará por malbaratado o tempo que empregar no mesmo exame.

Adeus e vá aturando o

Louzã, 17—6.º—1876.

Seu am.º e obr.º

F. T.

VI

Meu amigo

Continuando hoje, depois de uma interrupção de seis mezes, a serie de cartas que me propuz dirigir-lhe sobre assumptos bibliographicos, as quaes o meu amigo tem recebido tão lisonjeiramente, progrediremos em a nossa viagem, da qual eu sou o *relator*, e, como tal, obrigado a noticiar-lhe o que observarmos e descobrirmos. E a proposito virá, creio eu, o fallar-lhe hoje de viagens, e do nosso primeiro navegador, o grande Vasco da Gama, dando-lhe noticia de uma relação até ha pouco tempo desconhecida da sua segunda viagem á India.

Da primeira viagem do grande navegador áquellas regiões, para onde partiu em 8 de julho de 1497, possuimos impresso o roteiro, que se julga escripto por Alvaro Velho, um dos companheiros de Vasco da Gama, do qual se fizeram duas edições, uma impressa no Porto em 1838 e outra em Lisboa em 1861, ambas já bastante raras, mas que eu conservo na minha pequena bibliotheca. Da segunda viagem, porém, começada a 30 de janeiro de 1502, segundo uns, ou a 10 de fevereiro do mesmo anno, segundo o author da relação que nos occupa, e da qual regressou no 1.º de setembro de 1503, não possuimos roteiro ou narração alguma contemporanea e particular, escripta em portuguez; mas resta-nos uma em hollandez escripta por pessoa que parece o acompanhou e tomou uma activa parte n'aquella expedição, e impressa em Anvers, em 1504, pouco mais ou menos.

Ainda ha poucos annos não se conhecia este notavel documento, que pela primeira e unica vez appareceu á venda n'um dos numerosos e importantes leilões que fez em Londres o celebre bibliophilo italiano Guilherme Libri.

Por essa occasião foi arrematado para o Museu Britanico, onde hoje se conserva. Felizmente, um amador francez, illustrado e instruido, Mr. Fillipe Berjeau, que reside em Londres, pediu e obteve a permissão de o reproduzir em *fac-simile*, accompanhando-o de uma introducção, e de uma traducção em inglez, o que tudo foi publicado com o seguinte titulo: *Calcoen, a dutch narrative of the second voyage of Vasco*

da Gama to Calicut, printed at Antuerp circa 1504. With introduction and translation by Ph. Berjeau, London, Basil Montagu Pickering, 1874, 4.º de 10 paginas para a introducção e rosto, 12 para a reproducção em *fac-simile,* 12 para a traducção ingleza, e mais uma folha com a subscripção final, ao todo 36 paginas sem numeração.

A tiragem d'esta publicação, impressa com muita nitidez, como tudo quanto sáe dos prélos inglezes, e em bom papel velino, foi diminutissima, sendo-me difficil obter o exemplar que possuo, que mandei vir directamente de Londres.

Para se julgar da importancia d'este documento, bastará lembrar que é contemporaneo do facto, e escripto por uma testemunha ocular dos acontecimentos relatados, o que julgo sufficiente para chamar a attenção e consideração de todos os homens eruditos e que se dedicam a uma certa ordem d'estudos. Isto, e a convicção de que este escripto é pouco conhecido entre nós, são os motivos que me levam a fazer-lhe uma breve analyse d'elle, servindo-me para isso da introducção que accompanha a narrativa da viagem, da qual extrahirei, resumidamente, o necessario para o meu amigo poder formar ideia do mesmo escripto.

É de notar que n'esta narração, desconhecida ainda ha poucos annos de todos os bibliographos, e que fornece interessantes pormenores, que não se encontram em *Galvão, Castanheda, Faria e Sousa, Barros, Ramusio,* e outros que fallaram d'esta viagem de Vasco da Gama á India, não

se menciona uma unica vez o nome do grande almirante; mas é fóra de duvida, que se refere a esta segunda viagem pois que as datas, acontecimentos e logares mencionados pelo author anonymo da narrativa estão perfeitamente de accordo com o que conhecemos d'esta viagem do grande navegador, e bem assim que foi escripta por algum official ou marinheiro hollandez que tomou uma activa parte nos acontecimentos d'esta expedição, porque é indubitavel que a obra a que nos referimos não é traducção de outra portugueza, hespanhola ou italiana, impressa antecedentemente.

Começa o livro por uma brevissima relação de uma das mal succedidas expedições que os nossos emprehenderam na costa da Barbaria, contra o celebre Barba-Rôxa. Continúa dizendo que a primeira terra que avistaram, depois da partida de Lisboa, *em 10 de fevereiro de 1502*, foi o Cabo Não que o nosso A. chama *Kenan*, na costa occidental da Africa, em frente das Canarias, e, ainda que não menciona o nome da ilha em que fizeram a primeira estação, chamando-lhe apenas *Cabo*, não ha duvida que se refere a Cabo Verde, pois que fixa exactamente a sua distancia de Lisboa. Proseguindo, diz que a 29 de março perdeu a expedição de vista a estrella polar, que a 2 de abril passaram a linha, e na semana seguinte o hemispherio meridional, sendo depois acossados por um temporal que durante doze dias os affastou da sua derrota, soffrendo outro ainda maior perto do Cabo da Boa Esperança.

A 14 de junho chegaram em frente de *Scafal* (Sofala)

em Kaffir Land, que o nosso A. chama o paiz dos *Paepianos*, e para onde Vasco da Gama se dirigiu sómente com quatro navios, seguindo á vela o resto da frota para Moçambique, que o nosso A. chama *Miskebije*. A 18 do mez de julho seguinte sahiram de Sofala para Quilôa *(Kilõ)*, cujo rei era tributario de Portugal, e continuando, chegaram á praça fortificada de Melinde a 20 do mesmo mez, onde se não demoraram, dirigindo-se logo para o Cabo de Santa Maria, que era então habitado principalmente por christãos gregos.

Deixando o paiz dos *Paepianos*, navegaram para Maravia, e a 21 de agosto avistaram pela primeira vez terra da India, e a grande cidade de Combaen, a moderna Cambaya, nas margens do rio *Cobar*.

Foi Gôa a proxima estação, que o nosso A. chama *Oan*, onde os portuguezes se travaram com os indios, tomando-lhes 400 embarcações, que queimaram, depois de lhes terem morto os defensores. Fizeram aguada na ilha de Anjediva, e ahi desembarcaram 300 dos seus invalidos, continuando esta ilha durante muito tempo a ser estação onde os navios portuguezes tocavam quando iam para o continente da India. Em Cananôr esperaram os navios de Mecca, atacaram *Merii*, saquearam-os, matando e queimando toda a gente de bordo, o que teve logar no 1.º d'outubro; mas nada diz o A. ácerca do facto affirmado posteriormente por outros historiadores, de terem sido salvas, e transportadas para bordo da caravella almirante, as creanças que se achavam a bordo dos navios tomados.

Sahindo de Cananôr em 27 de outubro, chegaram a *Calcoen* (Calicut), onde durante tres dias combateram com as tropas de *Samudry-a-radja*, rei d'esta cidade, que os antigos escriptores chamam o Samorim, sendo certo que n'essa occasião se estabeleceram em Calicut mercadores, ou negociantes flamengos, que tinham vindo pelo Egypto, ou pela Persia, como se vê da «Copia de una lettera» (Roma, 1505), dirigida a El-Rei D. Manuel: «*Vi sono mercadãti d'tutte q̃lle parti e d'mercantia como Bruges ĩ Flandria, Venetia ĩ Italia*».

Concorda o escripto que nos occupa com os historiadores posteriores, em a narração da acção barbara practicada por Vasco da Gama, de mandar desamparado, e sem governo, para a cidade, um navio carregado com as cabeças, mãos e pés, cortados aos seus prisioneiros de guerra.

O reino de *Granôr*, que o nosso A. diz ser situado entre *Calcoen* (Calicut) e *Kusschaín* (Cochim) é sem duvida o de Travancore, onde havia um grande numero de christãos e júdeus, governados pelo mesmo principe. Como todos os antigos viajantes da India, Vasco da Gama e os seus companheiros tomaram os sectarios de Brahma e Bouhda, por christãos, porque adoravam as imagens da Virgem Maria, levadas nos navios portuguezes, confundindo-as com a imagem de *Maha-Madia*, tendo sobre os joelhos seu filho *Shakia*. A semilhança do nome da Deusa Indiana, e as auréolas ou resplandores que cercavam a cabeça da mãe e do filho, fizeram cahir os portuguezes no mesmo erro, quando entraram n'um templo indio, e basta para provar isso, a

affirmação do A. de que estavam estabelecidos em *Coloen* (Culain, Quilom) 25:000 christãos, com 300 egrejas christãs, os quaes tinham grande repugancia em tratar, comer e beber com pessoas d'uma outra religião, o que tudo claramente patentea o engano, ainda que, n'aquella epocha, havia na peninsula indiana um certo numero de nestorianos, mas em muito menor numero do que imaginaram os portuguezes.

A cidade que o A. por ouvir dizer, chama *Lapis*, é Meliapôr, perto de Madrasta, onde, segundo uma tradição da edade-média, foi morrer o apostolo S. Thomé, se bem que uma outra diz que este facto succedeu na cidade de Calamina, d'onde o seu corpo foi transportado para Edessa, que o nosso A. chama *Edissen*, fixando a sua distancia em quatro dias de Meliapôr. Pretendem os portuguezes que, tendo encontrado o corpo do santo nas ruinas d'um templo, o levaram para Gôa, onde ainda o adoram, porém as provas em que se fundam para isso são em verdade muito fracas.

O nosso A. chama ao betel *tambour*, ao passo que Alvaro Velho lhe chama *atambour*, mas o verdadeiro nome da planta é *tombouldar*. O almiscar é tambem muito claramente descripto pelo A.

Fallando da segunda batalha que Vasco da Gama sustentou na sua volta de Cochim, tendo um unico navio, contra o rei de Calicut, em 12 de fevereiro de 1503, não faz menção o nosso A. da opportuna chegada de Vicente Sodré,

que, com o resto da frota, decidiu a acção a favor de Vasco da Gama, e logo que este se fez de volta para Portugal, voltou Sodré para traz, afim de bloquear o Mar-Vermelho.

É duvidoso se as duas ilhas que o A. diz terem visto na sua volta para Portugal, a 26 de março, são as famosas ilhas masculina e feminina, de Marco Polo, que nunca haviam sido fixadas desde o tempo d'este famoso viajante veneziano. Vasco da Gama, por causa das valiosas mercadorias que trazia a bordo dos seus navios, não quiz desembarcar n'ellas, apezar de para isso ser instado pelos habitantes. O dia em que chegaram a Lisboa, de volta d'esta viagem, não o menciona o A.

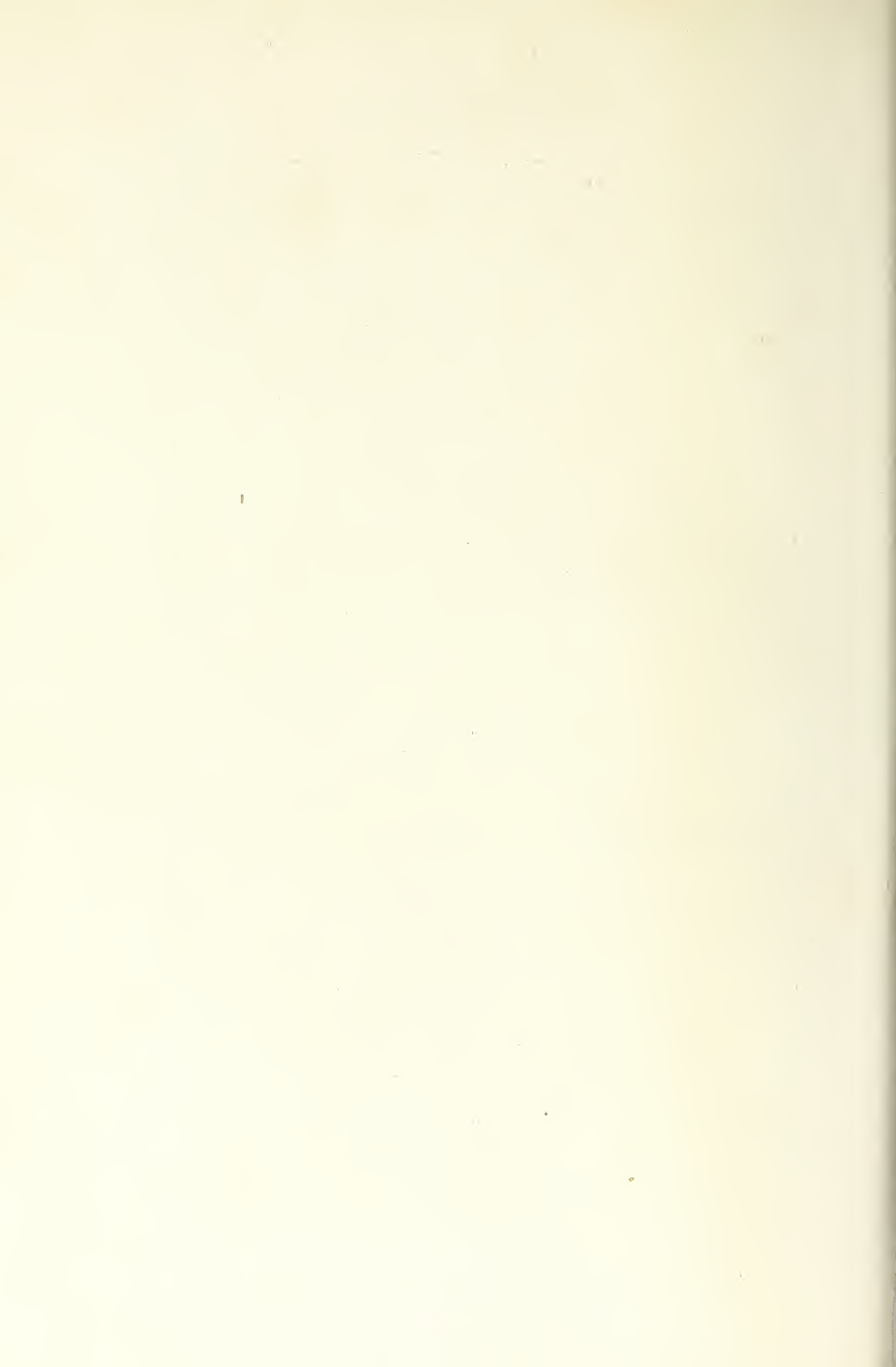
Concluindo: esta narrativa hollandeza da segunda viagem de Vasco da Gama á India, pelo Cabo da Boa-Esperança, fixa muitas datas e factos já conhecidos, mas tambem, como já se disse, fornece muitos pormenores novos e interessantes, que se não encontram em outra alguma obra. O original d'este livro está mencionado no catalogo do Museu Britanico, como impresso em Antuerpia em 1504, por conseguinte um anno depois da chegada da expedição a Portugal; e effectivamente, comparando-se os typos e a gravura que occupa a ultima pagina (a qual representa Christo crucificado, tendo de um lado a Virgem e outra mulher, e do outro um bispo de mitra e baculo, e de joelhos) com os de outras obras impressas n'aquella cidade, com a mesma data, verifica-se a exactidão da referida data de 1504.

Até aqui, meu amigo, chega a introducção que acom-

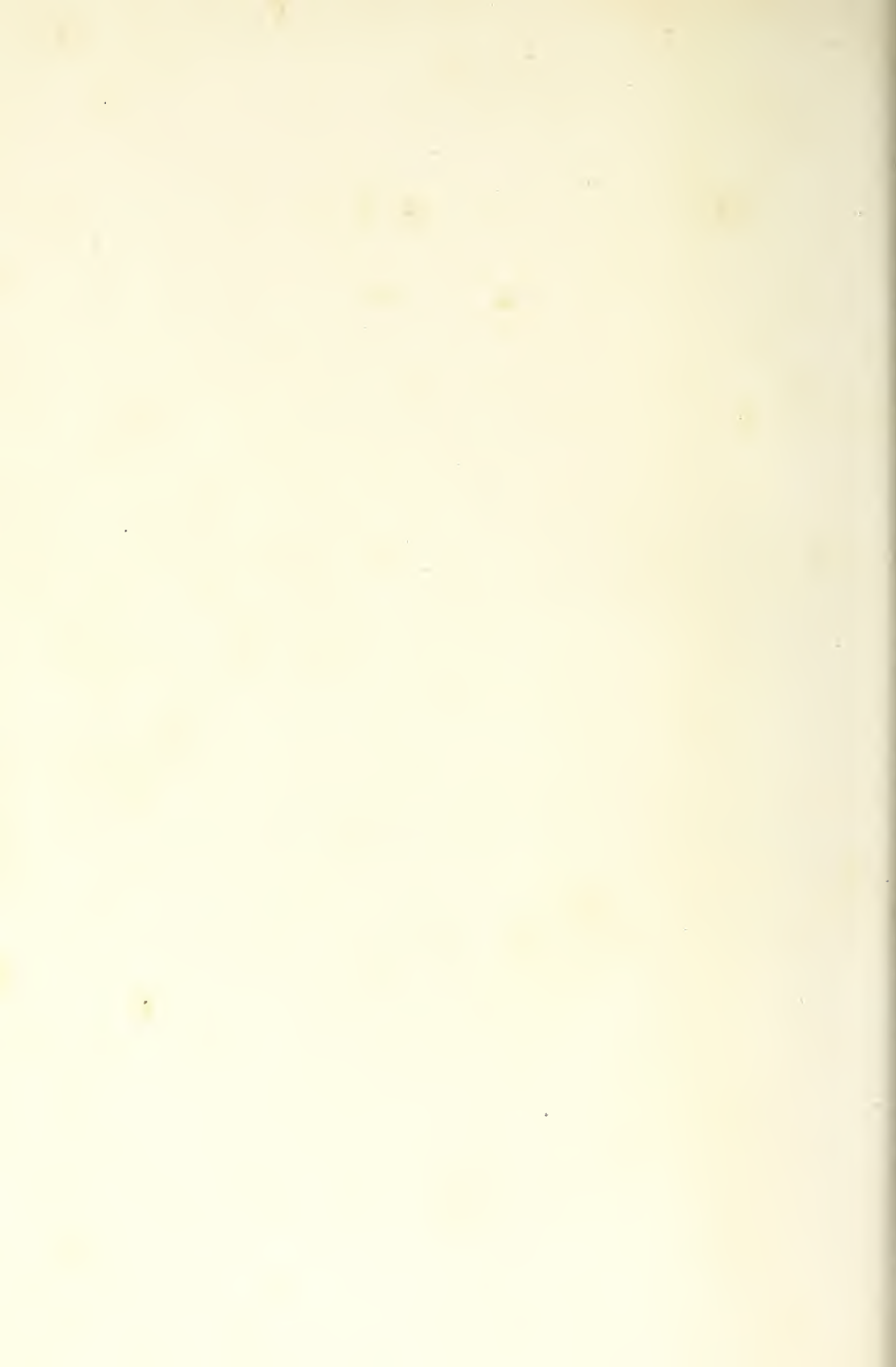
panha a reimpressão do livro, e que, como disse, resumi; por ella pois póde julgar da importancia e minuciosidade d'este documento, unico que nos resta contemporaneo d'aquella expedição. Oxalá que o exemplo do benemerito editor d'esta publicação (já conhecido por diversas reimpressões de livros xilographicos) fosse incitamento para entre nós se fazer o mesmo com relação a muitos escriptos unicos que possuimos em a nossa lingua relativos ás nossas possessões d'America, Africa e Asia. Alguma cousa tem feito a nossa academia mas muito mais devemos esperar d'ella.

Fazendo votos para que se realise este desideratum, termino com esta a primeira série das cartas que me lembrei escrever-lhe ácerca de *vélharias*. Se Deus me conservar a saude, não me despeço de continuar, formando depois uma nova série, porque o assumpto é inexgotavel.

Louzã—Dezembro—76.

F. T.

Ao tempo em que se escreviam as insignificantes cartas que vão lêr-se, com o unico fim de abreviar os longos dias de uma demorada convalescença, não se lembrava o signatario d'ellas que ainda um dia poderiam vir a ser impressas. Instancias, porém, d'um amigo a quem ellas foram dirigidas obrigaram o author a consentir na sua publicação, taes como foram primitivamente escriptas.

Sirva esta declaração ao menos para attenuar os erros e imperfeições d'ellas, que não serão poucos nem de menor tomo.

Por ultimo declara o author que receberá com animo profundamente reconhecido quaesquer correcções e additamentos que as pessoas a quem ellas forem enviadas entenderem dever fazer-se aos assumptos n'ellas tractados.

CARTAS BIBLIOGRAPHICAS

Tiragem 100 exemplares. Não se expõem á venda.

N.º 85

CARTAS BIBLIOGRAPHICAS

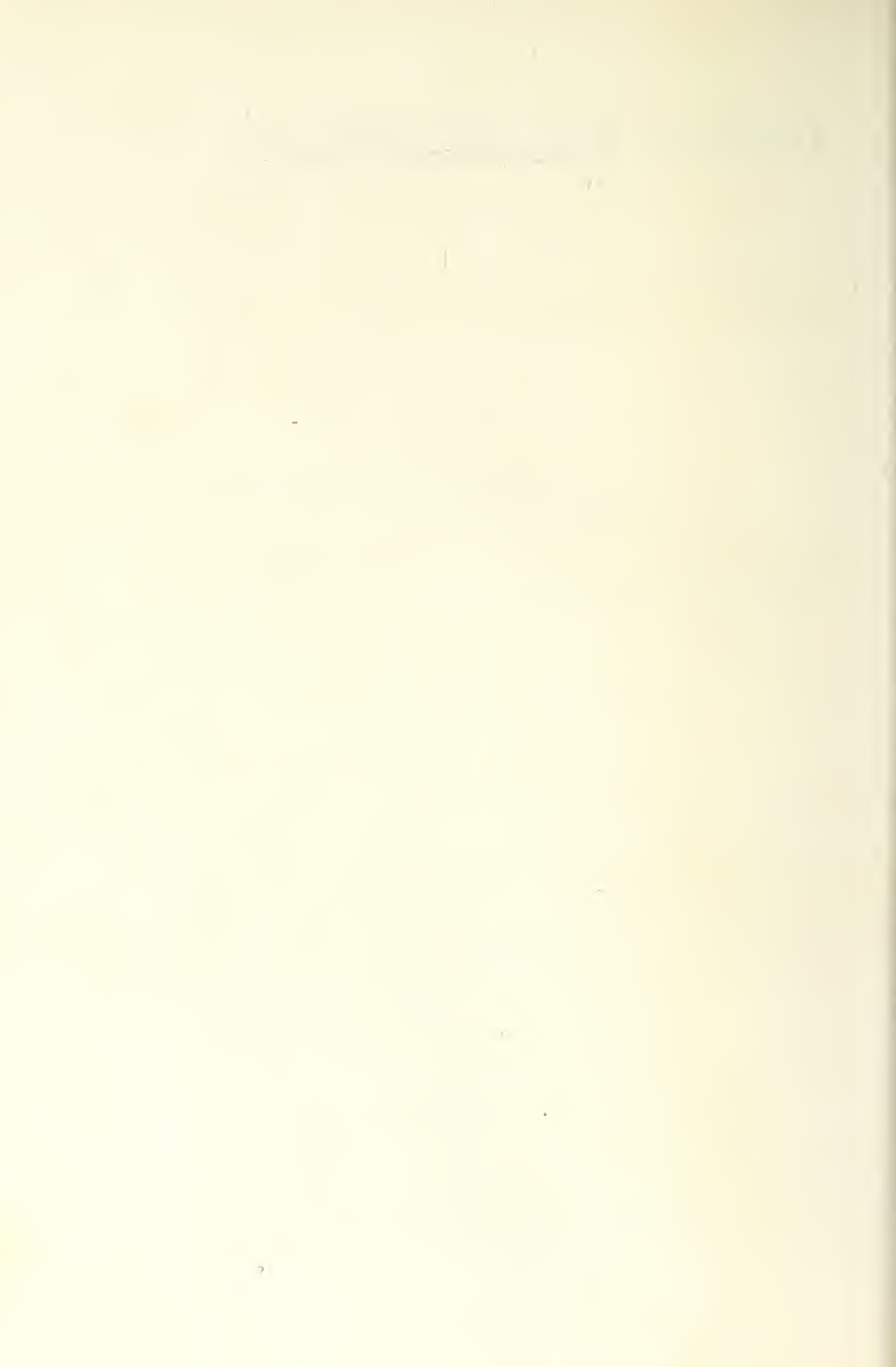
POR

F. T.

Après le plaisir de posséder des livres, il n'y en a guère de plus doux que celui d'en parler....

CH. NODIER.

(SEGUNDA SERIE)

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1877

CARTAS BIBLIOGRAPHICAS

I

Meu amigo

Excedeu por tal fórma a minha expectação o lisonjeiro e benevolo acolhimento, que obteve a primeira serie d'estas *Cartas* da parte dos illustrados bibliophilos do paiz a quem as enviei, e foram tão animadoras as expressões de que se serviram, mostrando-me desejos da continuação d'ellas, que me obrigaram a satisfazel-os.

Ao meu amigo, porém, pela sua persistencia e incessantes pedidos para a sua publicação, cabe em bom direito uma grande parte d'este acolhimento, porque, se algumas novidades dei, e algum pequeno serviço prestei á nossa biblio-

graphia, isso se deve na maxima parte ao meu amigo, que bastante me animou.

E, em verdade, é pena vermos nós, os pouquissimos que algum apreço damos a estas materias, é lastima vermos quão pouco cuidados têm sido no nosso paiz os estudos bibliographicos.

De todas as nações da Europa (não receio affirmal-o) é Portugal a mais atrazada neste ramo de estudos; e, se muito fez o Abbade de Sever, Antonio Ribeiro dos Sanctos, Figanière e o *nunca esquecido* Innocencio, muito resta ainda por fazer.

Que de thesouros escondidos e inteiramente ignorados não existem em as nossas poucas bibliothecas publicas e na maior parte das particulares de certa importancia! Que respondam os ex.mos Pereira Caldas e Fernando Castiço, Rodrigues de Gusmão, Camillo Castello-Branco, Joaquim Martins de Carvalho, Antonio Francisco Barata, e o meu bom amigo, os quaes bastante têm feito a favor da nossa bibliographia.

Pela parte que me toca, se conseguir acompanhar, ainda mesmo de longe, as pisadas de tão illustres e distinctos mestres, dar-me-ei por satisfeito, e por isso vou continuando a tractar (não como devia, mas como sei e posso) de um ou outro livro, que o mereça por qualquer circumstancia.

Falla-se tanto hoje por ahi na interminavel questão da instrucção publica, que não virá fóra de proposito chamar

a attenção do meu amigo sobre um escripto que possuo ácerca dos estudos no nosso paiz, no tempo do dominio de Castella, com o titulo de: *Informacion | en la causa de los Estudios | de Portugal. | Dirigida a Don Fran | cisco de Sandoual y Roxas, Duque de Lerma, | Marques e Denia, Sumiller de corps, caua | llerizo mayor de su Magestad, Capitan Gene | ral de la caualleria de España, Ayo y Ma | yordomo mayor del Princepe | nuestro señor.* (escudo de armas aberto a buril). *En Madrid. por Luiz Sanchez,* Año M.DC.XI. fol. de II inn. (sendo a 2.ª branca) 25 folh. num. por uma só face.

Este opusculo anonymo, mas que pelo contexto se conhece ser escripto por um padre da Companhia de Jesus, é, a meu ver, inteiramente desconhecido; pelo menos, ainda o não vi mencionado nem citado nos poucos auctores que entre nós têm tractado estes assumptos.

Debalde tambem o procurei no *Cat. de la bibl. de Salvá,* e no *Ensayo de una bibl. de libros raros y curiosos,* de Sanches Rayon, e Zarco del Valle, e egualmente nada colhi do exame da monumental *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jesus, etc. par Augustin de Baeker, de la Comp.e de Jesus, avec la collaboration d'Alois de Baeker et de Charles Sommervogel, de la même Comp.e Nouvelle éd. refondue et considérablement augm.* Liège et París, chez les auteurs, 1869-1876, fol. max. à trois colonnes. (A tiragem d'esta edição foi sómente de 200 exemplares, todos rubricados pelo auctor, e não se expoz á venda.)

Pela leitura da excellente *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal,* do infatigavel investigador, o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, conheci que tambem nenhum conhecimento tem d'este escripto, julgando-o por todas estas razões de grande raridade; e não só por este motivo, mas por me parecer importante o seu conteúdo, far-lhe-ei d'elle uma rapida analyse.

Divide-se este livro em quatorze capitulos, e pela sua leitura se vê que da parte do governo castelhano houve o projecto de reduzir as escholas em Portugal sómente ás duas universidades de Coimbra e de Evora, extinguindo-se por isso, além das de Braga e Bragança, as celebres escholas do collegio de Sancto Antão de Lisboa, as quaes, bem como aquellas, eram dirigidas pelos jesuitas. Pelo resumo que passo a fazer do primeiro capitulo verá o meu amigo as razões em que se fundamentava a referida extincção.

A primeira era: que, em vista de tanta commodidade de escholas, qualquer pessoa que tivesse dois filhos, destinava logo um d'elles ás letras, donde provinha a falta de gente para lavrar e cultivar os campos, para os officios mechanicos, para a marinha, e sobre tudo para a guerra e exercicio das armas, com as quaes se tinha fundado, estabelecido e augmentado o reino de Portugal, pela conquista de tantas terras e nações, não havendo então gente para officio algum, por causa da muita que se occupava nos estudos.

A segunda consistia no excessivo numero de clerigos,

para os quaes não havia no reino beneficios, nem ministerios sufficientes para os empregar, ficando por isso muitos sem collocação nem occupação alguma com pouca decencia do estado sacerdotal.

A terceira era egualmente o crescido numero de letrados, de fórma que, não havendo no Reino em que os occupassem e provessem, ninguem fazia caso das suas letras.

A quarta: que, como os mesmos letrados viam o pouco ou nenhum proveito que lhes resultava das letras, não se applicavam diligente e cuidadosamente ao estudo, donde se seguia não haver nessa epocha tão avantajados e consummados jurisconsultos, como em outro tempo, do que era causa o seu grande numero, sem terem quem os procurasse.

Finalmente a quinta era: que os estudantes, que não chegavam a ordenar-se ou a formar-se noutras faculdades, ficavam inuteis para a republica, não a podendo servir em tempo de paz, por não saberem officio algum, nem em tempo de guerra, por não serem educados para isso, concluindo que todas as escholas, exceptuando as universidades de Coimbra e de Evora, se deviam extinguir, com tanta mais razão, quanto a estas duas podiam concorrer todos os que quizessem seguir a vida litteraria.

No capitulo 8.º e seguintes principia o nosso auctor a responder ás razões acima expendidas, mostrando que era negocio de muita gravidade privar os homens dos meios accommodados para aperfeiçoar a sua alma, além de se

impedir a boa educação dos mancebos, sendo que em Portugal, onde havia treze cidades cathedraes, e outras que o não eram, além de muitas villas importantes, apenas existiam cinco escholas, faltando ellas especialmente nos bispados da Guarda, Vizeu, Lamego, Portalegre, e em todo o reino do Algarve, e que por isso, em logar de se extinguir, devia pelo contrario augmentar-se o numero d'ellas, a fim de remediar a grande e geral ignorancia que todos os dias se encontrava nos clerigos, e muitos ecclesiasticos de todos os bispados e comarcas mais distantes das universidades, a qual muito cresceria, supprimindo as escholas, ou estudos de Braga, Bragança e Lisboa, especialmente no districto de Entre o Douro e Minho e Trás-os-Montes, pela falta de curas e clerigos habilitados para reger os milhares de egrejas e parochias que havia em toda aquella parte do paiz.

Que o argumento do pouco territorio do reino, e a sua consequencia da falta de gente, tambem de nada valia, antes era uma affronta que se nos fazia, poisque, além de muito populoso, como mostrou Duarte Nunes de Leão, na sua *Descripção de Portugal*, tinha muita capacidade para maior numero de escholas, principalmente comparando-o com a Sicilia, onde, apezar de ser mais pequena do que Portugal, havia treze escholas; com a Flandres, cuja parte catholica, menor do que o nosso paiz, tinha dezenove collegios da Companhia, todos com escholas. E bem assim a parte catholica da Allemanha tinha trinta e seis collegios, a

França egual numero, havendo em París 15:000 estudantes, e nos collegios da Companhia, em todo aquelle paiz, 40:000; a Polonia quinze escholas, e finalmente a Italia mais de quarenta, excluindo as da republica de Veneza, e não podendo haver comparação possivel entre as cinco escholas que unicamente possuia Portugal e o grande numero d'ellas existentes nos paizes indicados. «Que aconteceria aos mancebos de Lisboa (exclama o nosso auctor), a qual por si só é um Reino, se extinguissem os estudos de Sancto Antão? Andariam desnorteados, como gado sem pastor, transformados em filhos pródigos, com todos os vicios a que a natureza depravada pelo fervor do sangue os inclina, principalmente os cavalleiros, como mais ociosos, appetitosos e atrevidos.»

Continúa depois respondendo a cada um dos restantes argumentos com muita proficiencia e conhecimento das sagradas e profanas letras antigas e modernas, mostrando os bens que a Companhia de Jesus tinha feito com as escholas que abriu em todos os seus collegios, e o muito que lhe devia a instrucção publica d'essa epocha.

Deprehende-se egualmente d'este livro que a Companhia de Jesus pediu e obteve de Filippe 3.º de Hespanha (e 2.º de Portugal), que então reinava, a permissão de ser ouvida ácerca da projectada extincção dos estudos de Braga, Bragança e Lisboa, dirigindo em seguida a informação que nos occupa ao Duque de Lerma, a quem o auctor faz grandes elogios como protector das letras.

Ainda assim, meu amigo, tal modo de pensar da parte do governo castelhano não nos deve causar espanto. O que devéras me surprehende é que mais de um seculo depois um dos maiores politicos que houve, não só em Portugal, mas até na Europa, o grande Sebastião José de Carvalho e Mello, entendesse egualmente que se devia limitar não o numero das escholas, mas o dos seus frequentadores, como claramente mostra o paragrapho de uma carta ao reitor da universidade, datada de 16 de novembro de 1772, e citada a paginas 381 do tomo 1.º da excellente *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal* do sr. conselheiro Silvestre Ribeiro, em que diz, fallando do numero de estudantes que se achavam matriculados: «quando, porém, chegarem a mil e duzentos, creio que se entenderá que são bastantes, porque os quatro mil que até agora se matriculavam, *seriam prejudiciaes ao reino, faltando nelle homens para as outras profissões, não podendo haver logares para todos, ficando com a sua ociosidade fazendo perturbações entre os seus compatriotas.*

Notar-lhe-ei que eram já conhecidas em 1611 as fabricas de lanificios da Covilhã e Portalegre, como se vê da seguinte passagem do capitulo XII, a folh. 19 verso, onde o nosso auctor anonymo, tractando ainda de responder ao argumento da falta de gente, diz que não faltava para a guerra, *ni tambien para la mecanica, antes esta se va cada dia aumentando con la arte de los paños en Portalegre y Couillan, y con otras en todo el Reyno.*

Terminando dir-lhe-ei que, sem querer apregoar a importancia d'este documento, parece-me comtudo muito digno de attenção, olhando á epocha em que foi escripto, e ás minuciosas noticias que nos fornece ácerca do estado da instrucção publica em todo o paiz, e mesmo no extrangeiro, e ainda a de nos revelar o projecto dos castelhanos, de quererem aniquilar quasi totalmente os poucos centros de instrucção que existiam no Reino.

E quem sabe se a este desconhecido e obscuro jesuita, auctor do livro de que acabo de fallar, se deve o não ir por deante tão incrivel medida?

Louzã—março—1877.

F. T.

II

Meu amigo

Se na carta antecedente lhe dei noticia de um curioso impresso, nesta fal-o-ei travar conhecimento com um não menos curioso manuscripto, que julgo inedito pelas razões que abaixo apresento. Este manuscripto prende inteiramente com a nossa infanta D. Beatriz, filha de el-rei D. Manuel, que depois foi duqueza de Saboya pelo seu casamento com Carlos 3.º, duque soberano d'aquelle estado, e para onde a mesma sahiu do porto de Lisboa em 9 de agosto de 1521, a bordo d'uma armada, composta de dezoito velas, dando-lhe seu pae por essa occasião umas in-

strucções que deviam servir para a regular, tanto na vida particular, como na publica.

O original d'este documento, escripto em tres meias folhas de papel no formato de folio pequeno, e com o titulo de: *Istruzione del Re di Portugallo Emanuele, a Beatrice Duchezza di Savoya, sua figlia, in lingua portoghese, e dal medesimo sottoscritta. Marzo 17,* existe actualmente no archivo geral do Reino de Italia, em Turim, onde o Visconde de Alte, quando alli se achava na qualidade de nosso ministro juncto do rei Victor Manuel, fez tirar em 1856 uma copia photographica das alludidas instrucções, cujos exemplares foram distribuidos em presentes por algumas pessoas das relações do mesmo diplomata. O que eu possuo obtive-o no leilão da bibliotheca do Conde de Lavradio, que teve logar em Lisboa em maio de 1875.

Parecendo-me de alguma importancia o documento em questão, procurei saber se os poucos auctores portuguezes, que especial ou incidentemente se referem á infanta D. Beatriz, teriam d'elle tido conhecimento, mas debalde folheei a *Historia Genealogica da Casa Real,* de D. Antonio Caetano de Sousa, e suas respectivas *Provas,* a *Chronica de D. Manuel,* de Damião de Goes, a *Vida e feytos de D. Manuel,* do bispo de Silves, D. Hieronymo Osorio, pois em nenhum d'estes escriptos encontrei a mais insignificante referencia a tal documento. Egual resultado tirei da leitura d'uma biographia da mesma infanta, que se acha (acompanhada do competente retrato, copia do que existe na ga-

leria dos duques de Saboya, em Turim) nos numeros 43, 44 e 46 do vol. 10.º do *Archivo Pittoresco,* devida á penna do distincto litterato M. Pinheiro Chagas; mas ao ler a curiosa *Notizie storiche intorno alla vita ed ai tempi de Beatrice di Portogallo, Duchezza di Savoia, con documenti, per il Barone Gaudenzio Charetta,* impressa em Turim em 1863, na Typ. Eredi Botta, em 4.º gr. de 196 pag. (bella e nitida edição, com um retrato de gravura em cobre, copia de uma das medalhas cunhadas em honra da Duqueza) nella encontrei a paginas 34, fallando d'estas instrucções, a seguinte passagem, que reproduzo aqui traduzida: «O interessante documento original que as contém conserva-se no archivo geral do reino, e é um testemunho certo da nobreza de sentimentos que se descobre naquelle monarcha (D. Manuel), do qual só resumidamente posso fallar, em virtude de algumas lacunas que tem o manuscripto, e ser muito difficil a sua publicação, por causa do portuguez antiquado em que é escripto.»

Em vista do que deixo exposto, creio que ao meu amigo não lhe desagradará transcrever-lhe aqui esse curioso documento, e pelo contexto d'elle verá que, se algumas lacunas existem, resultam unicamente da maior ou menor difficuldade na leitura de duas ou tres palavras, e d'essas mesmas apenas uma composta de duas syllabas se não pôde decifrar, mas ainda assim essa pequena falta não produz obscuridade alguma no sentido.

INSTRUCÇÕES DE D. MANUEL, REI DE PORTUGAL, A SUA FILHA D. BEATRIZ, DUQUEZA DE SABOYA

Señora filha. Posto que aja por certo pelo siso que vos noso señor deu e vertude, a ele sejam dados por isso muitos louvores que nam sera necesario dar vos lembranças do que ajaes de fazer. Por me vos pedirdes, pelo amor que vos tenho e desejo de serdes a mais acabada e perfeyta Primcesa que nunca foy ho faço.

Primeiramente vos peço sobre tudo teenhaes gramde cuydado de por neemhuma cousa deste mundo quanto a vos seja posyvel, nam façaes cousa com que ofendaes a noso Señor por que elle teenha cuydado de vos pello tamto averdes mester, aleem da necesidade e obrigaçam geeral que todos teemos.

Apos isto vos roguo que sempre tenhaes muyto cuidado em amardes e comtemtardes a vosso marido e de nunca fazerdes cousa de sseu descontentamento, e em tal maneyra que amtre vos e ele se usa aveer desvayro algum, e o que vos parecer que he seu Louvor ou que elle deve fazer, sempre lho leenbray, e em tal modo que vosos boos comselhos e Lembranças lhe façam muyto proveyto e elle conheça que lhas fazees com o muito amor que lhe temdes, fazemdo sempre com aquele acatamento que he rezam e que as molheres a seus maridos devem de ter.

Asy vos rogo e emcomendo que os Irmãos e paremtes

chegados ao duque voso marido ssejam de vos sempre homrrados e favorecidos e lhe aproveytes o que beem poderdes, porque alem de ser assy rezam e uso fazerdes o que devees sera cousa de comtemtamento de voso marido e cousa pera elles mais folgarem de vos sempre e aproveytar quando se caso ofereçer.

Asy meesmo nos parece que os homrrados e homrradas da terra devem Receber de vos muita homrra e gasalhado segundo as pesoas foreem. E quando por elles fordes Requeridos (requerida) pera os ajudardes em alguns Requerymentos ou favores com voso marido e cousas que lhe cumpram (competem?), parece-nos que devees folgar de o fazer, em maneira que todos conheçam de folgardes e desejardes seu bem, e porem fazer ysto com tal temperança que o duque voso marido se nam descontemte dos Requerimentos que lhe fezerdes neem tome deles importunaçam. E assy isso meesmo quando por outras pesoas fordes Requerida, posto que nam sejam dos Señores e omrados da terra pera por eles averdes de procurar a voso marido algumas merces ou cousas de piedade vos folgay sempre de o fazer quando vos parecer que as cousas e pesoas forem pera yso. E porem seja tudo em tal maneira que o duque nam Receba com yso algum nojo ou importunaçam.

As Religiosas e Religiosos que esteverem na conservancia e em vertude vyverem vos encommendo que Recebam de vos toda caridade e esmola que beem poderdes quando vos vierem requerer e souberdes que teem diso necesidade

*

E asy folgay de os ajudardes com voso marido no que vos Requererem, e ouverem mester vosa ajuda com elle.

Da onestidade e guarda e vertude de vosa casa vos peço filha que teenhães muito grande cuidado por seer cousa que tamto toca a voso louvor, e a que tamto obrigaçam teemdes.

Das vosas criadas, e criados, tende muyto cuidado pera procurardes todo seu boõ encaminhamento e asy de os ajudardes e fazerdes merce ssegundo seus serviços e necesidades, e primcipalmente aos que vos beem e fielmente e com amor vos servirem.

Do governo e justiça de vosas terras que a voso careguo esteverem, vos encomemdo que tenhaes muito cuidado fazeemdo tudo com conselho de voso marido. E aveemdo vos de por pesoas que governem a justiça e pedires a voso marido que vos queyra buscar e escolher pesoas que beem governem as terras em justiça e descaregue vosa conciencia. E sempre trabalhares e procurares de saber, quanto em vos for, como as taes pesoas ho fazem, e semdo necesario algum coregymento ou mudança de pesoa o averdes de fazer com conselho de voso marido.

De vosa fazenda filha me parece que devees trabalhar de teer boõ cuidado aproveytamdo-a e olhamdo por ela quanto vos beem poderdes e asy procuramdo de saber de vosos oficiaes dela como vos servem, pera o que for necesario averdes de emendar o Remedeardes como comprir. E primcipalmente vos encomemdo que trabalhees por que vosa despesa sseja meenos, o mais que pode ser nam lei-

xamdo de compryr com ho necesario a vosa onra e estado, do que for a remda que tiverdes.

Prazeemdo a noso Señor que vos dee filhos, como nelle esperamos que seja, e muy cedo, devemos (?) muito de lembrar a criaçam deles que sseja em toda vertude e boõ emssyno como filhos vossos devem de seer e netos meus e de vossa may.

Parece-nos filha que deves sempre lembrar a voso marido quando ho caso oferecer, que queyra procurar quanto a elle seja posyvel a paz e concordia damtre o emperador e ElRey de frança, porquanto serviço niso se fara a noso Señor e a ele e a vos tamto louvor, parecendo que por vosa parte se aproveyta nisto.

A ordem do serviço da vosa capela e ouvyr os oficios devynos segundo fostes criada vos encomemdo que tenhaes muito cuidado em tal maneira que asy nesta como em todas as outras cousas de vertude e devaçam sse veja que cada dia vaõ em vos em crecimento, e isto vos emcomemdo muito, que tenhaes muy grande cuidado, aleem de pelo que a vos toca, porquamto prazer e consolaçam e contentamento sera pera mym ouvyr sempre estas novas de vos as quaes eu espero em noso Señor que eu sempre ouvirey asy como eu desejo e he rezam que ho vos façaes.

Parece-me filha que devees hordenar huma certa cousa em vosa fazenda pera em cada hum anno despenderdes em esmolas naquelas cousas que mais caridade e serviço de deus vos parecer e esta soma sera aquela que vos beem

poderdes aveemdo respeito a vosas remdas e a necesidade que teverdes, ordenamdo de ser sempre a mais carridade que poderdes avendo os respeitos sobreditos.

Acerqua das homrras que antes vos dizemos que nos parece que deves de fazer aos Irmãos e Parentes do duque e aos outros Señores e onrados da terra, parece-nos que deves de fallar com voso marido e veer que de tudo fazerdes o que elle ordenar que lhe bem parecer.

Dona Mecia filha de dom Denis que comvosquo vay vos encomemdo que tenhaes dela muyto cuidado asy pera Receber de vos toda onra e favor como seja rezam como pera a mandardes porem de tudo o que lhe for necesario de vestido e de todas outras cousas asy como vos parecer que se deve fazer e que ella deve dandar. E sobretudo vos encomemdo muyto que trabalhes quanto a vos seja posivel por a casar e omrrar e emcaminhar honradamente como ella merece por ser tam chegada noso sangue, e ha levardes comvosquo fora de sua natureza por omde temdes a yso tamta obrigaçam.

A filha do comde dodemira me parece tambem que deves procurar por a casar omrradamente porque tudo o que...... deso fazerdes sera muyto voso louvor e avido por muyta vertude. E asy o deves procurar por esas outras damas que comvosquo levaes.

De todas estas cousas Señora filha vos peço e encomemdo muyto que tenhaes muyto cuidado e lembrança pera as averdes de fazer (?) e compryr como merece o muito amor

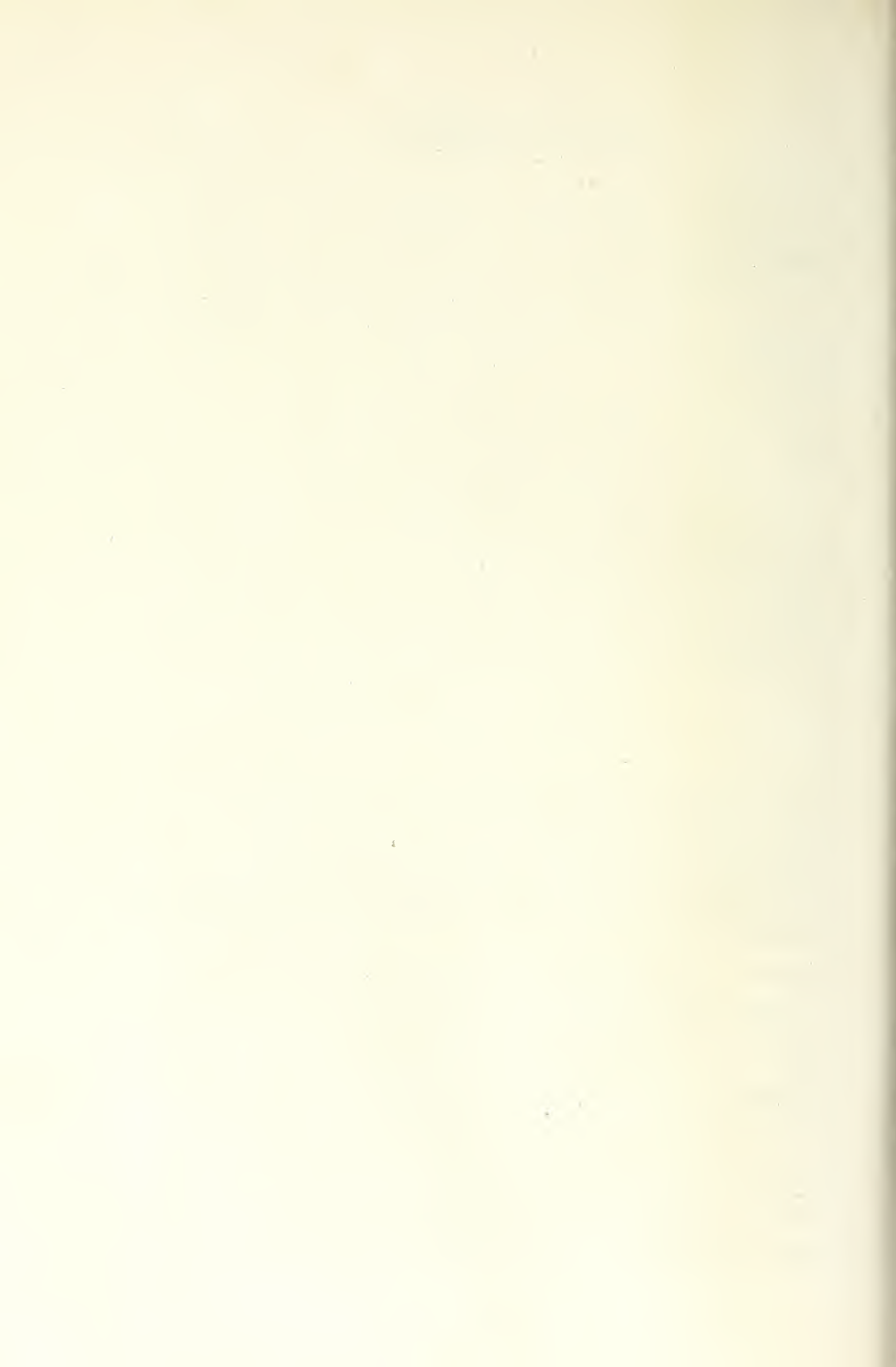
que vos tenho e volas digo em tal maneira que com elas primeiramente ganhes a bençam de noso Señor, e despois de vosas avos a Rainha de Casteela e minha may que tam vertuosas e eccelentes princezas foram, E asy a minha e ha de vosa may.

Apos estas lembranças vos peço Señora filha que nõ menos teenhaes de sempre me fazerdes saber de vosa saude e desposisam e de como vos achaes na terra e asy todas as outras novas de vos e de todas vosas cousas e da maneira em que estam e se fazem, porquanto prazer e consolaçam e descanso Receberey de as sempre saber.

(assignado) Ho que vos muito ama Rey........

Noutra carta dar-lhe-ei noticia de umas pomposas festas que se fizeram em Lisboa por occasião do casamento da Infanta D. Maria, neta de el-rei D. Manuel, com um principe da casa Farnese.

Louzã—março—1877.

F. T.

III

Meu amigo

Continuando com estes modestos estudos bibliographicos, tractarei nesta carta de differentes livros de nautica, que possuo na minha collecção. Dão-se nelles circumstancias, que os tornam, a meu ver, dignos de se examinarem um pouco detidamente, e, feito isto, estou certo de que o meu amigo se convencerá de que ainda estamos muito longe de possuirmos obra a que verdadeiramente possamos dar o nome de *Bibliotheca Lusitana,* com todos os predicados e minucias, modernamente introduzidos pelos Brunet, Quérard, Salvá, etc., com os quaes se tem aperfeiçoado a

bibliographia «*la plus aimable et la plus utile des sciences littéraires*», como muito propriamente a denomina o nosso bem conhecido Ferdinand Denis.

E com effeito, meu amigo, ao passo que prosigo nestas para mim interessantissimas investigações, vou conhecendo a verdade do que acabo de expender, tendo como cousa assente que uma verdadeira *Bibliotheca Lusitana,* nas condições com que deve ser formada, não é para um só individuo, tendo nós os exemplos d'isso em Barbosa e Innocencio, e que este supremo *desideratum* dos bibliophilos nacionaes só se conseguirá com o concurso de todos elles, parecendo-me que deveria ser já um grande passo para isto a formação de uma sociedade de bibliophilos portuguezes pelo modelo das que existem nos paizes extrangeiros.

Não sei o motivo por que nós, imitando os extranhos em quasi tudo, o não temos ainda feito nisto, de certo muito mais util e proveitoso, do que grande parte das cousas que de lá temos importado e continuamos a importar, não valendo dizer-se que poucos membros contaria essa sociedade, se por ventura se chegasse a constituir, poisque os amantes dos livros não são entre nós em tão pequeno numero, como geralmente se acredita.

A todos elles pois daqui lhes faço o mais caloroso appello a ver se concorrem para fim tão util e agradavel, esperando que sirva de incentivo, para que vozes mais auctorisadas do que a minha me auxiliem nesta solemne cruzada dos bibliophilos.

Devo porém accrescentar, em homenagem á verdade, que nenhum d'estes alvitres me pertence originalmente, sendo o da sociedade de bibliophilos, como já tive occasião de dizer, suggerida pelo indefesso auctor do *Diccionario Bibliographico;* a da *Bibliotheca Lusitana* é exclusiva dos meus bons amigos e distinctos bibliophilos, dr. Pereira Caldas e Fernando Castiço, da cidade de Braga, ambos competentissimos (e d'isso têm dado sobejas provas) para pôrem hombros, auxiliados por todos os bibliophilos, a tamanha empresa. Se nada d'isto se conseguir, fique ao menos aqui registado que houve um d'esses bibliophilos, embora o mais humilde, e menos competente, que pugnou para se realisarem tão importantes alvitres.

É tempo porém de me occupar do principal assumpto d'esta, e para isso vou descrever um exemplar da *Hydrographia,* de Manuel de Figueiredo, que differe em muito de qualquer dos mencionados pelo sr. Innocencio, não no frontespicio, mas na formação do volume, como vai ver:

Hydrographia, | Exame | de Pilotos, no qval se contem as regras | Que todo Piloto deue guardar em suas naue- ga | ções, assi no Sol, variação dagulha, como no car- | tear, com algũas regras da nauegação de Leste, | Oeste, com mais o Aureo numero, Epa- | ctas, Marés, & altura da Estrel- | la Pollar. | Com os Roteiros de Portugal pera o Brasil, Rio da Prata, | Guiné, Sam Thomé, Angolla, & Indias de Portu- | gal, & Castella. | Composto por

Manoel de | Figueiredo, *q̃ ora serue de Cosmographo Mór, | por mandado de Sua Magestade.* | *Em Lisbõa.* | *Com licença da Sancta Inquisição, & do Conselho do Paço.* | Impresso por Vicente Aluarez. Anno 1614. 4.º

Vêm no principio IV folhas innumeradas, nas quaes se comprehendem, além do rosto, as licenças, privilegio, prologo, advertencia e taboa, seguindo-se depois 24 folhas numeradas só na frente, com o texto enquadrado por um filete. Após estas vêm 4 folhas sem numeros contendo a *Taboa do apartamento do Sol ao nascer de Leste, Oeste, & ao por em qualquer altura, e em qualquer dia do Anno,* etc. em papel e typo diverso, e sem os filetes.

Continúa depois a numeração a folhas 29, com typo, papel e filetes eguaes ás primeiras 24 folhas, até folhas 32, depois da qual vêm outras 4 folhas sem numeração, e tambem com differente papel e typo, tornando a seguir a numeração a folhas 37, já com o mesmo papel, characteres e filetes, e terminando a folhas 44. Vem logo o *Roteiro de Portugal pera o Brasil, Rio da Prata, Angola, Guiné, Sam Thomé,* com 66 folhas numeradas só na frente, em papel e typo egual aos das IV folhas preliminares. A este segue-se o *Roteiro de Portvgal pera a India, com os ferros dagvlha, Debayxo da Frol de Lis. Por Vicente Rodriguez * E novamente emmendado * Segundo os Pilotos modernos,* egualmente impresso no mesmo papel, com eguaes characteres, e o texto enquadrado como na primeira parte, começando o d'este roteiro com a numeração de 32 e ter-

minando a folhas 63, comprehendendo por isso 31 folhas. Vem finalmente o seguinte:

Roteiro | e navegação | das Indias Occidentaes, | Ilhas, Antilhas do mar | Oceano Occidental, com suas derro- | tas, sondas, fundos, & | conhecenças. | Novamente ordenado | segundo os Pilotos Antigos, Modernos, por Ma | noel de Figueiredo, *que serue de Cosmo- | grapho Mor, por mandado de sua Ma- | gestade nestes Reynos, e senho- | rios de Portugal. | Dirigido a Dom Carlos de | Borga, Conde do Ficalho, do Conselho | do Estado de Sua Magestade. | Com licença da Sancta Inquisição, & do Concelho do Paço.* | Em Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1609. | 4.º de II, inn. 42 folhas num. só de um lado.

Comprehende pois este singular volume a seguinte numeração: IV inn. 44—68—31—II inn. 42 folhas numeradas só na frente, conhecendo-se, pela simples inspecção d'elle, que a segunda parte, composta de 68 folhas, foi impressa em diversa officina e com materiaes muito differentes dos da primeira e terceira, sendo a sua impressão muito menos aprimorada, e sem os filetes que enquadram cada uma das paginas das referidas partes 1.ª e 3.ª No alto das paginas da primeira parte ha a designação de *Arte de | Navegar,* tendo as da terceira em egual local a de *Exame | de Pilotos.*

Possuo egualmente um bello exemplar do *Regimento de Pilotos,* do Desembargador Antonio de Mariz Carneiro, da edição de 1655, o qual differe tambem do descripto no

Diccionario Bibliographico, tom. 1.º, pag. 203, n.º 1:107, á excepção do rosto, que combina com os dizeres d'este ultimo, dando-se a differença na numeração, que naquelle é como se segue:

I folha innumerada, contendo o frontispicio e as licenças no verso. Em seguida vêm 35 folhas numeradas pela frente, (ainda que a ultima é cotada 32, por haver antes grande irregularidade na numeração) incluindo-se nestas 3 folhas sem numeração, intercaladas entre 24 (cotada erradamente 23) e 58 (por 25) — 113 folhas numeradas egualmente pela frente, tendo a ultima, tambem por erro, a cota de III, devidas todas as irregularidades apontadas a trocas e repetições que se encontram na numeração das anteriores.

Comprehende a primeira parte a *Arte de navegar e seus fundamentos,* e a segunda o *Roteiro de Portugal pera o Brasil, Rio da Prata etc.,* vindo em seguida as onze estampas ou mappas mencionados no *Diccionario Bibliographico.*

Comparando-se os dois tractados de nautica de que acabo de fallar, vê-se que não podemos deixar de alcunhar de plagiario a Mariz Carneiro, em relação a Manoel de Figueiredo. E, com effeito, meu amigo, o mais ligeiro exame d'estas duas obras nos mostra evidentemente que o primeiro copiou o segundo, podendo chamar-se á obra de Mariz uma nova edição da de Figueiredo, reimpressa quasi textualmente, com pequenissimas e insignificantes differenças. Egual reflexão fez já o illustrado Innocencio no seu *Diccionario.*

Como assumpto correlativo dir-lhe-ei que na minha serie de escriptos sobre nautica, astronomia, meteorologia, etc., conservo alguns de grande raridade e importancia, em relação ao tempo em que foram escriptos, alguns dos quaes ainda nesta carta lhe descreverei. Foi um d'elles, ainda que escripto em hespanhol, incluido pelo sr. Innocencio no seu *Diccionario*, illudindo-se com o nome de auctor, Jeronymo de Chaves, suppondo-o portuguez, apezar de o não encontrar na *Bibliotheca Lusitana*. A edição que vou descrever não é a mesma que vem citada no *Diccionario*, como verá:

Chronographia | o reportorio de los tiem- | pos, el mas copioso y preciso que hasta ahora | ha salido a luz | Compvesto por Hieronymo | de Chaues Astrologo y Cosmographo | (retrato do auctor, de gravura em madeira, num medalhão oval, mettido num quadrilongo, tendo em volta a seguinte legenda: Virtus in infirmitate perficitur.) *Añadio se le en esta vltima impression una Tabla perpetua para saber las Lunas | nueuas: y otra regla y tabla perpetua para saber la hora de la marea: y assi | mismo otra tabla perpetua de las fiestas mouibles. | Con licēcia del cōsejo general de la sancta Inquisiçiō, y Ordinario | Con privilegio* | 1576 | 4.º de VIII. inn. 188 folhas num. só na frente, e II inn. contendo a taboa das luas novas e a das marés, em portuguez. No verso da folha 188 acha-se a seguinte subscripção: *Aqvi fenesce el reportorio de Hyeronimo de Chaues, el mas copioso que hasta | agora ha salido a luz. Foi impresso em Lisbôa | por Antonio Ribero.* Anno 1576.

No verso da folha de rosto encontram-se as licenças para a impressão, e na folha seguinte um prologo de *João de Hespanha Liureiro ao Candido lector,* no qual, fallando dos motivos que o deliberaram a reimpremir este livro, diz «& vendo quanto proueito recebem todos dos liuros que chamamos Reportorios, quando são compostos com a erudição & prudencia que a materia requere, determinei polla obrigação que tenho de meu officio & desejo que em mim mora de seruir á Republica, imprimir este, que cõpoz o licenciado Hieronymo de Chaues natural de Seuilha, q̃ d'esta materia se póde affirmar (sem fazer agrauo a alguem) que tractou milhor & mais copiosamẽte que quantos ategora d'ella escreueram, &.»

Transcrevi este trecho da prefacção do editor, para justificar a phrase de que acima me servi, quando dei o motivo de ser este auctor mencionado no *Diccionario Bibliographico,* e não apparecer na *Bibliotheca Lusitana.* Bem andou pois o auctor d'esta ultima obra em o não incluir, porque elle nos não pertence, mas sim á Hespanha, como natural de Sevilha, como dicto é.

Numa outra edição da *Chronographia,* que examinei ha tempos, impressa em Sevilha (não me podendo recordar do anno, e nem ainda se é a mesma apontada no *Diccionario)* ahi vi dada a qualificação de *vezino de Sevilha* ao Jeronymo de Chaves, e isto nos alvarás de privilegio, o que julgo desvanecer qualquer duvida que ainda podesse haver neste sentido.

As tres obras que lhe vou descrever em seguida estão mencionadas no *Diccionario Bibliographico,* ainda que muito imperfeitamente. Parece-me que não devem unicamente ser consideradas debaixo do ponto de vista meramente bibliographico, porque, além d'este, offerecem outro aspecto mais importante, o ser um documento comprovativo do atrazo ou adiantamento das sciencias naturaes na Peninsula durante o seculo xvi. Por todas estas razões julgo de alguma utilidade fazer d'ellas individuação mais minuciosa:

Regimento | da | Navegaçam, no | qval se contem hvm | breve svmmario dos principaes | Circulos da Sphera material: Regras para se conhecer a altura | do Polo pelo Sol, & Estrellas. Como se deuem fazer as derro- | tas de hum logar a outro. Como se conhecerá a variação da | Agulha & se lhe dará o resguardo: Como se saberão as | marés pelo Aureo numero, & Epactas, &, finalmen- | te as festas mudaueis de todo anno, que | celebra a Igreja, conforme ao | Kalendario Grego- | riano. | Dirigido a Sebastião Cesar de Menezes. | Ordenado novamente por | Valentim de Saa *natural desta Cidade, & cida- | dão della, Cosmographo mór de Sua | Magestade em este Reyno, & Co- | roa de Portugal. | Com licença da S. Inquisição, Ordinario & Paço.* | Em Lisbõa | Por Pedro Craesbeeck Impressor delRey, anno 1624. 4.º de ii. innum. contendo o rosto, licenças e dedicatoria, 46 folhas numeradas só na frente.

Almanach | prototypo | e exemplar de | prognosticos. | Com particulares Ephemeridas das conjunções, & aspectos dos | planetas, Eclypses do Sol, & Lua, & pronosticação de | seus effectos pera o presente anno de 1645. | *Calculado pela noua, & genuina theorica do motu | celeste, & thesouro das observaçoens astrono- | micas Lausbergienses, Argolicas, & de | Origano ao Meridiano desta | Cidade de Lisbôa. | Composto, e offerecido | A Rainha N. Senhora | Pelo Licenciado* Francisco Gvilhelme Kasmach | *Philosopho, & Astrologo, Cyrurgião do numero | Del-Rey Nosso Senhor, | & das mesmas Pessoas Reaes. | Com todas as licenças necessarias.* | Em Lisbõa. Por Paulo Craesbeeck, & a sua custa. 1644. 4.º de 26 folhas sem numeração, contendo as quatro primeiras, além do rosto, as licenças, dedicatoria, versos latinos de Diogo de Paiva d'Andrade e um epigramma na mesma lingua, de um anonymo, em louvor do auctor, etc. Segue-se depois o prologo, comprehendido em 4 folhas, vindo em seguida: Que cousa seja o Anno, e o *Juizo em geral do anno de* 1645 & *explicação da sua figura,* o qual remata com as seguintes passagens, que, por curiosas, me não posso furtar ao desejo de lhe dar conhecimento d'ellas:

«Finalmente será este anno muito semelhante nos successos ao de 40. porq̃ nelle se vão rematãdo os effeitos do Cometa, que no anno de 1618. appareceo, & se rematarão parte dos effeitos, & pronosticações da conjunção maxima, que ouue de Saturno com Jupiter em noue gráos, & 36.

minutos de Sagittario, no anno de 1603. vespora de Natal. E porque della escreuerão varios authores com largos discursos, que nam parecem tam Catholicos, como sahirão certos, os não refiro, por forrar o tempo, & poupar papel, pera fazer participantes aos Leitores de hũa marauilha, que pode ser ategora não ouuirão, & pelo menos não aduertirão em seus mysterios: foi esta aquella prodigiosa Estrella, que o Eterno Deos criou de nouo, & appareceo no pe direito do Serpentario em 17. gráos, e meyo de Sagittario, como quasi dois gráos de latitud, como os mais insignes Astrologos do mundo obseruarão, como foi Dauid Fabricio Astronomo, & Ioão Keplero Mathematico Imperial, & outros que elle allega. Appareceo esta Estrella no anno de 1604. em que nasceo nosso Serenissimo Rey, & senhor Dom Ioam o iv. no signo a que está sogeito Portugal, Hierusalem, & o mar Africano, &c. Oucãome os incredulos, que ainda duuidão do que vem com os olhos, & tem outras esperanças, como os Hebreos do seu Messias. E vejão os sinaes euidentes, com que Deos nos manifestou nesta estrella ser este Rey o prometido, cujo Reyno se trocara muy cedo em Imperio, & suprema Monarchia, com felecidades nunca vistas, nem ouuidas.

«Aduirto primeiro, que supposto começaram os trabalhos, & infortunios de Portugal em a perda DelRey Dom Sebastião, não começou contudo nella nosso captiueiro, & total ruina, pois ainda tiuemos por legitimo successor, & Rey paterno ao Serenissimo Cardeal Dom Henrique, mas

com sua morte se principiou, & ficamos sogeitos a Castella, o que succedeo no anno de 1580. em que appareceo aquelle fatal Cometa, pelo qual Heliseu Roslino, a quem refere Keplero, veio a conhecer, & calcular *Rerum omnium Europa e Catastrophen,* a fatal destruiçam de Espanha, & tambẽ a apparecimẽto desta noua Estrella, como elle escreueo no anno de 1604. a 14 de octubro, por estas palavras: *Stella haec tanto mihi plus creat admirationis, quod inde à viginti amplius annis ex stella anni 1572. & Cometa anni 1580. praeuidi hoc anno 1604. aliquid futurum, quod omnia miracula supret. Rogo autem legas quae tractatu meo meteorastrologo Physico de Cometis anni 1580. & 1590. scripserim, inuenias, mirabile dictu, Cometam anni 1580. digitum intendisse in hanc nouam stellam; disparuit enim in hoc loco, quo nunc stella fulget, & conjunctio magna planetarum accidit. &c.* O qual, vertido em portuguez, vem a dizer: Esta estrella he pera mim de muito mayor admiração, porque ha mais de vinte annos que da Estrella do anno de 1572. & do Cometa de 1580. preui auer de acontecer neste anno de 1604. hum prodigio sobre todos os milagres da natureza. Porque te peço leas, o que escreui no meu tratado dos Cometas do anno de 1580. & 1590. & acharas cousas admiraueis que o Cometa de 1580. quasi apontaua com o dedo nesta estrella; porq̃ desapareceo no mesmo logar, em que esta noua estrella resplandece, & em que aconteceo a conjunçam maxima. Atequi sam palavras deste insigne Astrologo; porem

eu fazendo diligente computo do mouimento dos Planetas, & particularidades, que ouue no tempo que appareceo a Estrella, vim a colligir com alguns authores, que não nomea Keplero, que Saturno andara seis graos, & 12 ou 14 minutos, que restauam pera se ajuntar com a Estrella em 60. dias, pellos quaes se collige auerem seus effeitos de succeder passados 60. annos do tempo, em que o Cometa naquelle lugar desaparecera, e Jupiter senhor do lugar do Cometa, conjunçam, & estrellas andou os ditos graos, & minutos em 36 dias, que representão 36. annos, os quais juntos aos 1604. que entam corriam, fazem 1640, como tambem os sessenta de Saturno juntos aos do Cometa 1580. fazem 1640. em que começou a reynar aquelle, que esta Estrella por mandado de Deos representaua. Outras muitas particularidades bem notaueis pudera aqui dizer, mas sahirão á luz em outra obra mais copiosa. Donde se vè claramente com quanta certeza poderia affirmar antes, que no tal anno aueria em Portugal Rey Portuguez; pois alem da certeza, & verdade de tantas profecias, que o dezião, auia estas razoens, & outras muitas, sem que pera isso nos ajudassemos das pronosticaçoens rediculas, & sonhadas ficçoens judiciarias, de que vzauão os Egypcios, não conuenientes aos Catholicos Christãos.

«Quero rematar este Juizo geral com o Hieroglifico, com que os mesmos Egypcios significauam os dous numeros que atras dissemos, aos quaes chamarão quadrados, & perfeitos: a saber o do Anno da creaçam do mundo de 5400.

& o de Christo de 1640. que vem ambos a ser hum mesmo, aquelle, representauão no retrato de hũa mão direita, fechados o dedo do meyo, & o anular & direitos o index, & o meminho, & este por o de hũa mão esquerda, com o dedo polegar sobre o Index, como se faz quando se jura pela Cruz, como se já quizessem significar: que o anno de 5400. & o de 1640. representados nas duas mãos, não só demonstrauão com o index das profecias, mas com o meminho das estrellas, & conjecturas naturaes, a felice restauraçam deste Reyno, & gloriosa aclamaçam Del Rey Dom Joam o felice, que Deos guarde, em o qual se auia de comprir a promessa, que Christo nosso Redemptor tinha feito de por os olhos de sua mesericordia em Portugal, & estabelecer nelle seu imperio, peraque per este meio seu, venha o mundo todo areceber a Fé Catholica: *Respiciam, & videbo.*»

Ahi tem pois o meu amigo como já os Egypcios previam a acclamação de D. João IV! E creio ninguem dirá merecer esta originalissima passagem o olvido em que tem permanecido ha mais de dois seculos. Que bons tempos aquelles, em que a fé dos patriotas *eximios* era tão viva, que até iam buscar á mais remota antiguidade a predicção de um acontecimento d'esta ordem, não fallando nas dos Cometas, conjuncções de estrellas, e outras crendices de egual jaez.

Para terminar esta, que já vai extensa, deixe que lhe copie o titulo de uma outra obra do mesmo auctor, e do mesmo genero e assumpto da precedente:

Brachylogia | Astrologica | e Apocatastasis, | Apographica do Sol, Lua, & mais | Planetas, com todos os seus aspec- | tos, Eclypses, & pronosticação | de seus effeitos, pera o pre- | sente Anno de 646. | Calculado pela nova, e genvina | Theorica do motu celeste, & thesouro das obseruações As- | tronomicas Lansbergienses, & Argolicas, Parisienses, | & de Orîgano, tychomicas, & proprias pera | o Merediano desta Cidade de Lisboa. | Composto, e offerecido a | Nobreza Lusitana. | Pelo Licenciado Francisco | Guilhelme Casmach Filosopho, & Astrologo, & Chyrurgião das Magestades Reaes. | Em Lisboa. | Com todas as licenças necessarias. | Por Paulo Craesbeeck. Anno de 1646. 4.º de 18 folhas sem numeração, comprehendendo as primeiras tres o rosto, licenças, dedicatoria *A Mvito Insigne, Antigua, & Illustre Nobreza Lusitana,* prologo, que o auctor intitula: *A quem ler este papel,* e no verso um Horoscopo de egual fórma e desenho do inserto no *Almanach,* mas com referencia ao anno de 1646.

Louzã—abril—1877.

F. T.

IV

Meu amigo

Mais um enigma bibliographico para junctar aos já tão numerosos da nossa bibliographia. Da bem conhecida chronica monastica do erudito Fr. Leão de S. Thomás, intitulada *Benedictina Lusitana,* existem exemplares da mesma edição, mas com rostos differentes, sendo uns dedicados ao Patriarcha S. Bento e outros a el-rei D. João IV.

Possuo na minha collecção de chronicas das ordens religiosas exemplares de ambas estas tiragens; irei pois fazer-lhe á vista d'elles a sua descripção, indicando-lhe os pontos em que divergem.

Benedictina | *Lvsitana.* | *Dedicada ao grande* | *Patriarcha S. Bento.* | *Ordenada pello P. M.* | *Frey Leão de S. Thomas Monge da Congrega-* | *ção de S. Bento de Portugal, & Lente de Ves-* | *pora igualado a Prima na Real, & insigne* | *Vniuersidade de Coimbra.* | *Tomo. I.* (Escudo de armas de S. Bento, representando «um castello, de cuja porta sáe um ribeiro, com uma cupola e sobre ella o sol, e á direita um leão rompente tendo nas garras um baculo,» tudo aberto em chapa de metal.) Em Coimbra. | Com todas as licenças necessarias. Na Officina de Diogo Gomes de | Loureiro, Typographo da Vniuersidade. Anno. 1644. fol. de VIII inn. 566 paginas e mais 38 contendo o indice.

Benedictina | *Lvsitana* | *Tomo segvndo* | *Offerecido ao nosso* | *gloriozo Patriarcha São Bento.* | *Ordenado pello P. Mestre* | *Fr. Leão de Santo Thomas Monge do grande Pa-* | *triarcha S. Bento da Congrecação de Portu-* | *gal, & Lente de Prima na Real Vniuer-* | *sidade de Coimbra, & natural* | *da mesma Cidade.* | (Escudo de armas egual ao do tomo 1.º, com a differença de ser grosseiramente gravado em madeira, e sem o ribeiro que naquelle corre da porta.) Em Coimbra. | Com todas as licenças necessarias | Na officina de Manuel de Carualho, Impressor da Vniuersidade anno M.DC.XXXXXI. folhas de VI innum. 519 paginas.

***

Benedictina | Lvsitana. | Dedicada a Magestade | Del Rey N. S. D. João IIII. | Ordenada pello P. M. | Fr. Leão de S. Thomas Monge da Congrega- | ção de S. Bento de Portugal, & Lente de Ves- | pora igualado a Prima na Real, & insigne | Vniuersidade de Coimbra. | Tomo. I. | (Brasão das armas portuguezas aberto em chapa de metal.) Em Coimbra. | Com todas as licenças necessarias. Na Officina de Diogo Gomes de | Loureiro Typographo da Vniuersidade. Anno. 1644. | fol.

Benedictina | Lvsitana | Tomo segvndo | Offerecido a ElRey | nosso Senhor Dom Ioão IV | de Portugal. | Ordenado pello P. Mestre | Fr. Leão de Santo Thomas Monge do grande Patriarcha S. Bento da Congregação de Portu- | gal, & Lente de Prima na Real Uniuer- | sidade de Coimbra, & natural | da mesma Cidade | (Brasão egual em tudo ao precedente.) Em Coimbra. | Com todas as licenças necessarias | Na officina de Manuel de Carualho Impressor da Vniuer- | sidade anno M.DC.XXXXXI. | fol.

Segue-se agora, apresentado o frontispicio dos dois exemplares, indicar as variantes que entre elles se notam, as quaes se dão simplesmente nos rostos e nas folhas preliminares do tomo 1.°, designando, a fim de se me tornar mais facil o elencho d'essas differenças, o exemplar des-

cripto em primeiro logar pelo algarismo 1 e o mencionado em seguida pelo numero 2.

Exemplar n.º 1, tomo 1.º Comprehendem-se nas VIII paginas preliminares innumeradas, além do rosto, as censuras, licenças e taixa, uma estampa aberta em chapa de metal, com a figura em corpo inteiro do patriarcha S. Bento, sustentando na mão esquerda o baculo, e tendo juncto a si e do lado direito a mitra descançando sobre um livro. A chapa mostra estar já *cançada,* e na parte inferior lêem-se os seguintes versos latinos:

Religio Lusi, quae caepit fundere riuos
Te viuente, rigat fluxit vt anté, fluat.

As duas ultimas paginas incluem a dedicatoria a S. Bento, e ao Pio Leytor, rezando aquella (que se acha por baixo de uma grosseira vinheta de gravura em madeira) da seguinte fórma:

Dedicatoria ao Grande Patriarcha S. Bento.

«Se a fermosura das flores, & abundancia de frutos, com que a aruore fecunda se veste, & enriquece, ao tronco, & rais della se deuem: se as aguas dos Rios caudalozos ás fontes donde nacem se atribuem: se as pedras preciosas á terra que as gera se agardecem, tudo quanto neste liuro se trata a vos Patriarcha Santissimo se deue, porque tudo de vos procedeo, como de tronco & principio radical; tudo de vos manou, como de fonte perenne semelhante a do

Paraizo terrestre; tudo de vos teue origem, como de terra benta, & regada com mil influxos da diuina graça, *Gratia Benedictus, & nomine*. Por onde como tudo seja vosso por tão justos titulos, com rezão a vossos sagrados pès o offereço, peraque como vosso o defendais, & por vosso o patrocineis. Indigno, & H. Filho. Fr. Leão de S. Thomas.»

Segue-se o texto e indice.

Tomo 2.º Comprehendem-se nas VIII paginas preliminares sem numeração, além do rosto, as informações, licenças e taixa, o prologo ao Pio leytor, e um *Breve index latino, em que summariamente se aponta a materia deste liuro*, texto e indice.

Exemplar n.º 2, tomo 1.º Nas paginas preliminares encontra-se o mesmo que nas do exemplar n.º 1, á excepção da ultima licença e da taixa, a mesma gravura de S. Bento, porém, a meu ver, tirada de chapa ainda em bom estado, com os mesmos dois versos latinos, a dedicatoria a D. João IV, mas sem a vinheta, e o prologo do mesmo teor do exemplar n.º 1. Reproduzo em seguida o texto da dedicatoria:

A Magestade DelRey N. S. D. João IIII.

«Muy Familiar, & domestica foy sẽpre (Augusto, & soberano Senhor) a deuação do grãde Patriarcha S. Bento na Real Caza de Bragança. Por testemunha desta verdade, mayor que toda a exceição, se offerece o Senhor Alexandre charissimo penhor da Senhora Dona Catherina Auó de V.

Magestade, o qual quando estudaua em Coimbra, de certo, em certo tẽpo vinha ao nosso Collegio de S. Bento venerar suas Sagradas Reliquias & mãdar tomar a medida do pescoço de sua Sancta Imagem, a qual lançava & trazia ao seu, com grande piedade Christã, renouando outra, como hũa se gastaua, dizendo em certa ocasião, em que eu estiue presente, que Sua Alteza a Senhora Dona Catherina, o criára cõ aquelle pio costume, & que expressamente lhe mandaua que o guardasse, sendo já de mayor idade, querendo que os Principes daquella Caza estimassem mais os colares de S. Bento, que os colares de ouro, de perolas, & pedras preciosas.

«Proua desta deuação nos offerécem tambem as Senhoras Dona Brites, & sua filha Dona Isabel, das quais sabemos que ardendo Villa viçosa, & as mais partes do Reyno, em peste, a Fé, & deuação grande, que tinhão nos merecimentos do glorioso Patriarcha S. Bento, as fez mudar sitio, & caza para a Villa do Landroal, tendo por certo que ficando á sombra do grande Patriarcha (que na dita Villa tem sua Igreja feita por milagre) ficauão seguras do mal contagioso. E o effeito mostrou bem que as não enganou sua credulidade: porque nem a suas Excellencias, nem a pessoa algũa de seu seruiço tocou o mal, antes de algũas que vinhão já feridas se soube depois, q̃ vntando-se cõ o azeite da alampada do Sancto Patriarcha, cobrarão perfeita saude. Agrauo fizera a testemunhas tão calificadas ajuntar outras de menos porte, principalmente constando que com

a caza herdou V. Magestade a mesma deuação, como juro hereditario della, augmentãdoa de nouo com querer reconhecer por Rey ao grande Patriarcha, tomando o habito da Illustrissima Ordem de Christo, que milita debaixo de sua Sancta Regra, pera mayor lustre do grande numero de Reys, que a professarão.

«Esta deuação, Senhor, me deu animo pera offerecer a V. Magestade a obra q̃ intitulo: *Benedictina Lusitana,* por ser o argumẽto della tratar grãdezas do Patriarcha S. Bento, de sua Religião, & dos Mosteyros que tem, & teue em todas as Provincias de Portugal. Receba V. Magestade nesta pequena offerta meu animo cõ a benegnidade de Principe, q̃ com a mesma aceitou a Magestade Delrey Cyro o punhado de agua, que a pobreza do outro vassalo lhe offereceo. E quãdo não mereça que V. Magestade lhe ponha os olhos pella forma, que lhe dei, pella materia, que he benta o merece. Guarde Deos a Catholica pessoa de V. Magestade. Deste Collegio de S. Bento de Coimbra 15. de agosto de 1644. D. Fr. Leão de S. Thomas.»

Texto e indice.

Recapitulando as variantes das duas tiragens, observamos: 1.º Que ellas se dão sómente nos rostos e folhas preliminares, havendo naquelles, além das dedicatorias, brazões diversos, sendo gravados o do tomo 1.º do exemplar n.º 1 em metal, e o do tomo 2.º em madeira, e os do exemplar n.º 2 ambos em metal; 2.º Que o texto e indices são em tudo conformes nuns e noutros exemplares; 3.º

Que o aspecto da gravura nos leva a acreditar que a tiragem dos exemplares offerecidos ou dedicados a D. João IV foi talvez a primitiva, poisque nestes se apresenta a gravura muito mais nitida do que nos outros, nos quaes se conhece evidentemente o muito uso da chapa de metal.

Terminando, far-lhe-ei notar que os exemplares com a dedicatoria a D. João IV apparecem rarissimas vezes, sendo mais communs os offerecidos a S. Bento. Qual a explicação d'isto não a sei, nem mesmo o motivo das variantes que se notam entre aquelles exemplares; outro mais competente, e com outros conhecimentos bibliographicos, que me faltam, talvez seja mais feliz. Ahi fica esse ponto para se decidir, se por ventura valer a pena.

Em frente achará o retrato do chronista Fr. Leão de S. Thomaz, copiado do que pertenceu ao extincto Collegio de S. Bento de Coimbra (actualmente Lyceu) e que existe hoje numa das salas da Imprensa da Universidade, denominada das *Conferencias*. Aqui reitero os agradecimentos ao meu amigo, o sr. Antonio Maria Seabra d'Albuquerque, digno empregado d'aquelle estabelecimento, e erudito escriptor, a quem devo a copia photographica do mesmo retrato, pela qual foi feita a gravura que acompanha esta, offerta tanto mais de apreciar, quanto, que eu saiba, é este o unico que existe d'aquelle notavel Chronista, não havendo nenhum na riquissima collecção de retratos que se conserva na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Louzã—abril—1877. F. T.

Fr. LEÃO DE S. THOMAS Nᵃˡ DE
COIMBRA CHRON. BEN. Cᵒ DA ORD. LENT. DE
PRIM. VICE-R. FALLEC.
J. RIBEIRO. DES. E GRAV.

V

Meu amigo

Vou nesta carta dar-lhe noticia d'um rarissimo livro, escripto em italiano, onde se descrevem as festas que se fizeram em Portugal e na Italia no anno de 1565, para solemnisar o casamento da Infanta D. Maria, filha do Infante D. Duarte e de D. Isabel, e neta do Duque de Bragança, D. Jayme e de El-Rei D. Manuel, com o Duque de Parma e Placencia, Alexandre Farnese.

Este rarissimo livro (e tão raro, que nem o proprio Brunet o conheceu, pois não faz menção d'elle entre as obras do mesmo auctor, no seu excellente *Manuel du li-*

braire, et de l'amateur de livres), é um documento curioso e importantissimo dos usos, costumes, trajos e divertimentos portuguezes no terceiro quartel do seculo XVI, como poderá ver pela parte que se refere ás festas que por essa occasião tiveram logar em Lisboa, da qual lhe vou apresentar a traducção, descrevendo-lhe primeiramente o livro, cujo titulo é como se segue:

Narratione | particolare | del Capitan Francesco de' Marchi da | Bologna, | del gran feste, e trionfi | fatti in Portogallo | ed in Fiandra | nello sposalitio dell' Illustrissimo, & Excellentissimo Signore | il Sign Alessandro Farnese, Prencipe di Parma, | e Piacenza e la Sereniss. Donna Maria | di Portogallo. | Con licentia de' Superiori. | In Bologna | Apresso Alessandro Benaci | M.DLXVI. 4.° de II inn. 34 folhas num. por uma só face, car. gripho.

Dei-lhe conhecimento do livro, e resta agora apresentar-lhe a promettida traducção. Depois de a ler, estou certo que ha de concordar comigo em que esta obra, quando não tenha outro merecimento, tem pelo menos o do interesse e curiosidade, além de ser subsidio para um trabalho «sobre os antigos usos, costumes, trajos e divertimentos nacionaes» o qual, infelizmente, ao contrario dos outros paizes, ainda entre nós está por fazer.

«Tendo a Majestade do Serenissimo Rei Catholico D. Filippe d'Austria, pela muita e singular affeição que

consagrava a madama Margarida, sua irman, e actualmente governadora de Brabante, e dos restantes estados dos Paizes-baixos, e a toda a Illustrissima casa Farnese, ajustado o casamento do Principe de Parma e Placencia, Dom Alexandre Farnese, filho do Duque Octavo e da mesma D. Margarida, com a muito alta Princeza D. Maria de Portugal, prima carnal de S. M., foi este celebrado solemnemente na real cidade de Lisboa aos 22 de maio de 1565, intervindo o snr. D. Affonso de Tavora, embaixador de S. M. C. em nome de S. E. o Principe.

«Quando o embaixador conduzia a dicta esposa ao Paço, indo acompanhado pelo Cardeal Infante, de D. Duarte, irmão de S. A., de S. Ex.ª o Duque d'Aveiro, filho do fallecido Rei D. João, com seus dois filhos o Marquez de Terra Nova e D. Pedro, e mais o snr. D. Constantino, irmão do fallecido rei D. Manuel, e tio de S. A. a Princeza, com toda a côrte portugueza, em que iam a maior parte dos Grandes do Reino, montados em magnificos ginetes, cobertos de gualdrapas pretas até ás joelheiras, como é costume neste Reino (e muito mais estimadas aqui, do que os mais ricos vestuarios d'ouro e seda) encontraram a meio caminho S. M. o Rei D. Sebastião, que tinha sahido do Paço para receber o dicto embaixador, e logo este e o Cardeal Infante, fazendo uma grande mesura ao Rei, o collocaram no meio d'elles, vindo S. M. ricamente vestido com habitos reaes, e ornado de muitissimas joias, acompanhado por um bellissimo esquadrão de senhores e cavalleiros da sua

casa, tudo isto muito vistoso, por causa dos magnificos vestuarios e adornos que alli se admiravam.

«Perto do Paço encontraram a Rainha D. Catharina, e a Infanta D. Maria, filha do fallecido Rey D. Manuel e da Rainha D. Leonor, irman do Imperador Carlos, e a Infanta D. Isabel, mãe de S. A. a Princeza, com muitos outros senhores, damas e Grandes do Reino. Em seguida S. M. o Rei, com o Cardeal Infante, e os restantes fidalgos e damas, acompanharam o embaixador, e S. A. a Princeza, á Capella Real, onde, em presença do Rei, da Rainha, e de toda a côrte, foi a dicta Princeza esposada pelo referido embaixador em nome de S. E. o Principe de Parma e Placencia, sendo celebrante Monsenhor D. Julião d'Alva, Capellão-Mór de S. M. C.

«Concluidas as ceremonias do casamento, resoou na capella uma suave e dulcissima orchestra de variados instrumentos, e vozes raras; á noute fez-se uma pomposa festa, a qual foi a mais bella e alegre que desde muitos e muitos annos se tinha feito em Portugal, poisque, alem de outras muitas circumstancias, S. M. o Rei dançou com S. A. a Princeza, sendo muito elogiado naquelle acto por todos os que o viram, não só porque S. M. dança muito bem, e de diversos modos e graciosamente, mas ainda porque é uma criança muito bem disposta de sua pessoa, muito formoso e elegante, e de educação e virtude conforme á sua grandeza, o que tudo admira a quem attender á sua edade, pois tendo apenas doze annos, no bom senso e juizo parece

um homem feito. Dançaram da mesma forma o senhor D. Duarte com a senhora D. Catharina Dez, dama muito estimada da Rainha, e dignissima de tão grande favor, por ser de sangue real, e, pela sua belleza e elegancia, uma das singulares damas que existem em Portugal. Os outros senhores e cavalleiros, dançaram com as outras senhoras e damas, as quaes se apresentaram, como que á porfia, com esplendidos vestuarios e joias, sendo estas em tão grande numero; que me faltam palavras com que o exprima, por não passar por exaggerado. Durou esta festa até á meia noute, sendo muito alegre e divertida, agradando por isso muito ao Rei e á Rainha, á Infanta D. Isabel, a D. Duarte, e a toda a côrte.

«No dia seguinte deu S. M. o Rei um banquete ao embaixador, em honra de S. E. o Principe de Parma e Placencia, cousa soberba e real, por isso que o embaixador, o Cardeal Infante e D. Duarte, comeram á mesma mesa do Rei, o que foi um alto e singularissimo favor, visto não ser costume neste Reino o Rei sentar nunca pessoa alguma á sua mesa para comer, não sendo seu filho, irmão ou tio, havendo pessoas de avançada edade em Portugal que affirmam não terem visto nunca fazer tal favor a alguem que não fosse principe de sangue.

«Teve logar este banquete na sala real, onde se tinha erguido um amphitheatro de madeira, com sete e oito degráos, o qual rodeava toda a sala, estando tanto esta, como aquelle, forrados com finissimas tapeçarias de ouro, prata

e sêda, cousa riquissima e de grande vulto, attendendo ao tamanho da sala, e ao do amphitheatro. Neste havia um baldaquino recamado de perolas de espaço a espaço, sob o qual estava uma cadeira com almofadas guarnecidas de ouro, e o chão coberto com tapetes de sêda. Ao pé havia duas grandes credencias, fechadas por uma balaustrada, cada uma com oito degráos e por cima das quaes estavam dois doceis de tela de ouro, estando numa uma baixella de vasos dourados, com alguns jarros, bacias, taças e copos de ouro macisso, e na outra um grande jarro e bacia de ouro puro, cravejado de pedras preciosas de enorme valor, digno, na verdade, de um Imperador, de forma que não se cansavam os olhos de admirar esta grande e riquissima credencia, ornamentada com um tão copioso numero de copos, bacias, jarras, frascos, taças, candelabros, tudo isto com profusão de subtis e varios lavores de folhagens, e diversos esmaltes, sendo os trinchadores dourados, e alguns de ouro macisso.

«Era a outra credencia de egual tamanho, e com vasos da mesma riqueza, toda ella cheia de baixella de prata, polida como um espelho, mas estas duas credencias estavam d'esta forma sómente por grandeza e pompa real, porque nas cozinhas havia uma outra baixella, composta de um sem numero de pratos, taças e outros generos de peças adequadas ao serviço da mesa. Os pratos em que exclusivamente comeu o Rei eram todos dourados e outros brancos, sendo servido a tres pratos, e cinco cobertas magnificas, e cada vez que iam e vinham as viandas da cozinha, passa-

vam pela frente de varios musicos, que tocavam differentes instrumentos. Os que traziam os pratos eram nobilissimos cavalleiros e gentis homens da casa do Rei; pelo decurso de tres grandes horas que durou o jantar se ouviram continuamente suavissimos sons e cantos de musicos, verdadeiramente divinos, de tal forma que pareciam deslumbrados quantos estavam nesta sala. Esteve S. M. o Rei muito alegre, e fallou com D. Duarte e com o embaixador, sendo novidade em Portugal que o Rei fallasse assim familiariamente em publico e á mesa.

«Nesta mesma noute, em um outro aposento do palacio real, deu tambem a Rainha um solemnissimo banquete, não menos pomposo do que o do Rei, no qual tambem havia uma grande porção de baixella dourada, ainda que em menor numero do que a da credencia da sala do Rei, não havendo egualmente muitas peças da branca. Estava o aposento riquissimamente adornado com tapeçarias de ouro, prata e de sêda, com um baldaquino de brocado de ouro, sendo o banquete servido pelos cavalleiros e fidalgos do Reino, os quaes traziam os pratos com as viandas até á porta do aposento, onde estavam as damas da Rainha, que ahi recebiam os pratos da mão dos dictos cavalleiros, e iam servil-os dentro á mesa da Rainha e da Princeza, e isto porque, desde muito tempo, é costume prohibir-se a entrada dos homens no mesmo aposento em que estão as damas. Ao banquete assistiu sómente a Rainha, S. A. a Princeza, a Infanta D. Maria, filha do fallecido Rei D. Ma-

nuel e da Raínha D. Leonor, e a Infanta D. Isabel, pois que egualmente não é costume que senhora alguma, por grande que seja, coma á mesa, ou se sente em local onde esteja o Rei e a Rainha.

«Quatro dias depois d'estes dois banquetes dados pelo Rei e Rainha, convidou a Infanta D. Maria a S. A. a Princeza, e sua mãe, ás quaes deu um magnifico jantar, servido como o da Rainha, até á porta da sala pelos cavalleiros, e depois pelas damas, vestidas deslumbrantemente, e com muito maior numero de joias. Revestia este aposento uma tapeçaria especial de ouro, prata e sêda, e uma credencia que vergava ao peso de toda a especie de vasos, e centros de mesa dourados, sendo esta servida com baixella de prata. Foi este banquete muito alegre, porque á noute houve sarao, isto é, dançaram, ao qual concorreram muitos senhores, cavalleiros e gentis homens, e quasi todas as damas, assim da casa da Rainha, como da Infanta D. Maria, de S. A. a Princeza e da Infanta D. Isabel, durando a festa grande parte da noute, sem nunca se interromperem os cantos, musicas e danças.

«Quinze dias depois teve logar a festa official, a qual se fez na praça do Palacio Real, onde pelo lado banhado pelo mar se levantaram uma grande quantidade de palanques, com cinco e seis tablados sobrepostos, todos de bella architectura, tapetados alguns de veludo com ouro, outros de simples veludo, outros de pannos da India, estes á mourisca, aquelles de pannos de setim, e outros de tape-

çarias de ouro, prata e sêda, com varios quadros de pinturas, entre os quaes sobresahia e excitava a admiração pela sua elegancia, belleza e riqueza o da nação Flamenga, porque levantaram um edificio de madeira, similhando um palacio, todo elle ornado de riquissimas tapeçarias de ouro, prata e sêda, dentro do qual, á moda de Flandres, serviram um soberbo banquete, onde, entre outras cousas raras, se via uma grande quantidade de toalhas magnificamente bordadas com figuras de personagens da historia antiga, sendo certo que em muitas das mais ricas casas não existem eguaes serviços de toalhas, guardanapos e tapeçarias, completando um tal apparato uma orchestra, como divina, composta de musicos e cantores flamengos, sendo servidos ao modo de Flandres todos os convidados, e outras muitas pessoas que se apresentaram.

«Alem d'estes palanques, havia outros muitos em que estavam os nobres e fidalgos do paiz, onde egualmente se comia, e tocava de forma que em toda a praça se ouviam as orchestras de variados instrumentos que alli estavam, apezar de ser este largo ou praça muito extensa, e proporcionalmente larga. No lado para onde olhava a fachada do Palacio Real não havia palanques nem tablados, estando todas as janellas do palacio adornadas de tapetes de sêda, com suas almofadas de ouro, de veludo e de setim, com borlas e passamanes da mesma côr.

«Principiou a festa por um combate de dezesete touros bravissimos, animaes terriveis e ferozes, entrando no pri-

meiro combate homens a cavallo, todos elles cavalleiros e gentis homens da alta aristocracia, os quaes combateram sobre ginetes ricamente arreiados, tendo cada um na mão uma azagaya de dois ferros, e com tanta destreza, agilidade e bom aspecto matavam estes animaes, que era cousa digna de ver-se, porque, não obstante portarem-se muito bem os cavalleiros, ainda os cavallos eram mais ageis e destros em se esquivarem aos encontros dos touros, similhantes a chammas, e parecendo ter um não sei quê de sentimento humano, o que não obstou a que dois d'elles ficassem alguma cousa feridos pelas armas dos touros, ferimentos aliás de pouca importancia.

«Havendo pois estes valentes cavalleiros mostrado nesta brava corrida todo o seu valor, apezar do grande trabalho, mataram um por um aquelles terriveis animaes, os quaes davam taes saltos, que pareciam veados e côrças. Concluido este combate, foram introduzidos na praça outros touros, ao encontro dos quaes vieram alguns mancebos a pé, com espada e capa, muito bem exercitados em similhantes corridas, porque, dirigindo-se o touro para elles, immediatamente lhe lançavam as capas sobre os paos, e assim, tornando-os cegos, evitavam-n'os com facilidade, dando-lhe em seguida uma cutilada na cabeça, ou nas ventas, ou nas mãos, mas se por acaso estas são dadas noutra parte, logo os espectadores dão signal de desapprovação, podendo, depois d'estas cutiladas, feril-os nas pernas, o que lhes não é permittido fazer antes, mas ainda assim não andaram com

tanta agilidade e presteza, que alguns não fossem alcançados e lançados ao ar pelos touros, porque estes, ao receber aquelles ferimentos, ficam como enraivecidos, todavia ao cahirem em terra os colhidos pelos touros, eram soccorridos pelos companheiros, que afugentavam aquelles animaes ás cutiladas, para evitar que os accommettessem outra vez, o que elles fariam, se não fossem perseguidos.

«Em summa estes touros foram, como os primeiros, valorosamente mortos pelos mancebos, e um e outro combate foi julgado magnifico, e muito divertido, se bem que alguns ficaram feridos, por causa da ferocidade dos touros, que têm as armas muito ponteagudas, ficando por isso em misero estado aquelles a quem elles apanham.

«Concluida a matança dos touros, tiveram logar os jogos das cannas e carroceis, ambos verdadeiramente maravilhosos, e dignos de ver-se, os quaes foram por esta forma:

«Entraram na praça quatro companhias ou esquadrões de cavalleiros, montados em magnificos ginetes, a dezeseis por companhia, perfazendo o numero de sessenta e quatro. Os capitães d'estas companhias eram os seguintes: da primeira, o sr. D. Diniz de Lencastre, filho do sr. Commendador Mór; da segunda, D. Miguel, filho de D. Affonso de Noronha, irmão do Marquez de Villa-Real; da terceira, D. Luiz d'Alcaçova, filho do Secretario Mór de S. M.; e da quarta, D. João Pereira, filho de D. Francisco. Os restantes quinze, que formavam cada uma das companhias, eram todos gentis homens, vestidos de librés de setim

amarellas e pretas, á mourisca; os jaezes dos cavallos eram á gineta, e de prata e ouro, com os estribos dourados e prateados, tudo damasquinado, e os acicates de egual riqueza. Os peitoraes e retrancas dos cavallos eram cheios de anneis de prata, com os collares de campainhas de prata e de ouro, com grandes borlas de sêda e ouro, e as testeiras e freios dourados, com as sellas cobertas de bordaduras de ouro á mourisca, tudo tão bello e raro, que superior a isto nada havia a desejar.

«Cada um dos capitães das companhias fazia conduzir á mão na sua frente, por pompa e grandeza, seis soberbos cavallos andaluzes e granadinos, tão ricos e magnificos, que cada um d'elles valia muito dinheiro, poisque nos jaezes e arreios só se via o ouro e prata batida, a sêda e ouro tecidos, e o ferro e a prata damasquinada, com mosaico de ouro e prata; os couros e pelles eram bordados a ouro e sêda, e por tal forma tornavam estes cavallos tão ricos, que pintor algum, por mais primoroso que fosse, os poderia pintar, e ainda menos fixar na mente tanta belleza e elegancia. O vestuario dos cavalleiros era á mourisca, com turbantes finissimos, e ornados de joias de grande valor, com as tarjas de couro bordadas a ouro e prata, e as franjas de sêda, indo cada um d'elles acompanhado por oito andarilhos, e oito pagens, que caminhavam na frente d'elles, com vestuarios eguaes aos dos cavalleiros, perfazendo todos o numero de mil e vinte e quatro pessoas.

«Andaram primeiro uns após outros, em formatura, em

redor da praça; e dividindo-se em seguida em duas partes eguaes, ficando duas companhias de um lado e duas do outro, d'alli foram sahindo a dois e dois de cada lado, e carregando uns sobre os outros, arremeçavam as cannas tão ferozmente, que pareciam settas disparadas, mas em virtude do continuo exercicio dos cavalleiros, e da agilidade e destreza dos cavallos, já habituados a este jogo, quando o choque estava imminente, cobriam-se a si e ao cavallo tão dextramente com a tarja de couro, que, sem a menor lesão, perpassavam como settas velozes, evitavam o encontro, e, fazendo rodar o cavallo como uma penna, voltavam num momento para traz.

«Depois da corrida de dois, entraram a quatro, em seguida a seis, a oito e a dez, e por ultimo corriam todos reunidos, jogo maravilhoso no qual se admira o aspecto, destreza e agilidade dos cavalleiros e dos cavallos. Alguns havia entre elles, que, atirando adiante de si a canna, imprimindo-lhe uma velocidade quasi egual á das settas, a acompanhavam com o cavallo a toda a brida, e apanhavam-n'a antes que ella cahisse no chão, lançando as outros ao ar, e a tal altura, que se perdia de vista.

«Depois d'isto, fizeram o jogo dos carroceis, ou alcanzias, o qual é da mesma forma do que o das cannas. Estas alcanzias são de terra amassada e secca, do tamanho e grossura de um limão grande e cheias de carvão moido, as quaes, atiradas ou jogadas a um cavalleiro, e apanhando-o nas costas, se esmigalham e o cobrem de pó, o que porém

acontece a poucos, sabendo evital-as, ou esquivar-se como no jogo nas cannas.

«Foram estas as grandes e magnificas festas que se fizeram em Lisboa pelo felicissimo consorcio de S. A. a Princeza, as quaes pelos ornatos, banquetes, bailes, concertos, velocidade dos touros, agilidade dos cavallos e cavalleiros, e belleza dos jaezes, arreios, librés e vestuarios, e pela perfeição dos combates a pé e a cavallo, foram as maiores que ha mais de cem annos havia memoria de se terem feito em Portugal.»

Longa vai já esta carta, e o que ahi deixo traduzido (correspondente ás sete primeiras paginas do original) será de certo sufficiente para o meu amigo poder avaliar o interesse e curiosidade do livro, considerado como documento historico. Continúa depois o seu auctor dando conta da armada, que veio de Flandres a Lisboa buscar a Princeza e sua comitiva, descrevendo minuciosamente os navios que compunham a mesma frota, os quaes eram em numero de sete, a forma e ceremonias do embarque, que teve logar a 14 de setembro, a viagem por mar até á Italia, e por ultimo os festejos que naquelle paiz se fizeram pela chegada da Princeza.

E porque o livro de que acabo de fallar, apezar de

escripto em lingua italiana, e publicado na Italia, tracta assumpto essencialmente nacional, me occupei d'elle nesta serie de cartas, unica e exclusivamente dedicadas a investigações de bibliographia portugueza.

Louzã—abril—1877.

Seu am.º e obr.º

F. T.

VI

Meu amigo

Á similhança do que practiquei com o nosso poeta Antonio Lopes da Veiga, conversarei nesta carta com o meu amigo ácerca do capitão Manuel Botelho de Carvalho, natural de Vizeu, cujo nome e obras (todas impressas fóra do Reino), debalde as procurará no *Diccionario Bibliographico.*

Se naquella que lhe vou descrever não superabundam as poesias portuguezas, dava-lhe de certo direito a ser mencionada pelo sr. Innocencio, não só a nacionalidade do auctor, mas ainda o assumpto principal d'ella, que é um

facto do nosso dominio no Oriente; antes porém de ir mais adeante, copiar-lhe-ei o que diz Barbosa, o unico dos nossos bibliographos que falla d'este auctor e dos seus escriptos:

«Miguel Botelho de Carvalho, Cavalleiro professo da Ordem militar de Christo, nasceu em a cidade de Vizeu, da provincia da Beira, no anno de 1595, sendo filho de Manuel Botelho de Carvalho e de Filippa Machada, egualmente nobres e virtuosos. Passou á India no anno de 1622 com o Vice-Rey do Estado, D. Francisco da Gama, IV Conde de Vedigueira, eleito segunda vez para tão honorifico logar, do qual foi Secretario, em cujo ministerio mostrou o seu judicioso talento, como tambem valor heroico, rebatendo com o posto de Capitão o impulso dos inimigos do Estado, e pelejando com uma Nao ingleza no Estreito de Sincapura. Restituido a Portugal, acompanhou a D. Vasco Luiz da Gama, I Marquez de Niza, quando no anno de 1647 foi por Embaixador extraordinario á côrte de París. Teve natural inclinação para a poesia, compondo com elegancia e cadencia versos de todo o genero de metros» etc.

Segue-se depois a menção das differentes obras d'este auctor, e entre ellas a seguinte, que faz o objecto da presente carta, cujo titulo, transcripto do exemplar que possuo, tem estes dizeres:

Rimas varias | *y* | *Tragi-comedia* | *del martir d'Ethiopia.* | *Por* | *El Capitan Miguel Botelho de Carvalho* | *Secretario del Exm.º señor Conde* | *Almirante.* | *Dedicadas al mismo Señor.* | En Ruan | En la Imprenta de Lourenço

Mavrry | Año M.DC.XLVI, 8.º de VI innum., 258 paginas e mais I sem numer. com as erratas.

Occupam as VI folhas preliminares a dedicatoria, datada de París *y Henero 2 de 1646,* e assignada pelo auctor, um prologo, um soneto em portuguez de Antonio de Sousa de Macedo, então Residente pela embaixada de Portugal em Inglaterra, uma decima em hespanhol de Antonio Moniz de Carvalho, Commendador de Vimioso, e finalmente duas na mesma lingua do celebre judeu Antonio Henriques Gomes, terminando tudo pela *Tabla de las Rimas.*

A data, porém, da dedicatoria leva-me a crer que a da ida do auctor para França, assignada por Barbosa como effectuada em 1647, poderá não ser exacta, visto que Botelho de Carvalho já ahi se achava nos principios de 1646, e não sei mesmo se no anterior de 1645, pois nesse anno ahi imprimiu uma outra obra citada por Barbosa com o titulo de: *Soliloquio de Cristo nuestro Señor en la Cruz.* París, Miguel Blageart, 1645, 8.º

Do que não póde restar duvida é da sua estada naquella cidade em 1646, em companhia do seu Mecenas D. Vasco Luiz da Gama, Conde da Vidigueira, a quem já na dedicatoria qualifica de *Embaxador de su Magestad al Christianissimo Rey de Frãcia.*

Não será este ponto de grande importancia; no emtanto supponho pelo menos conveniente a rectificação do equivoco de Barbosa, se é que nelle incorreu.

Compõe-se o volume acima descripto propriamente de

*

duas partes, incluindo-se na primeira, que corre até paginas 105, as *Rimas,* comprehendendo sonetos, elegias, canções, decimas e romances, e preenchendo o resto do livro a tragi-comedia *El Martir de Ethiopia,* dividida em tres actos.

Tem esta por assumpto principal a morte de D. Christovam da Gama, irmão de D. Estevão da Gama, governador da India, o qual, indo no anno de 1541 com quatrocentos soldados ao reino da Ethiopia, ou do Preste João, em soccorro, e a pedido d'este, a fim de expulsar d'alli a Gradáme, irmão de El-Rei de Zeyla, ahi foi feito prisioneiro com doze soldados, e sendo «apresentado ao inimigo, mandou-o despir, & atar com as mãos detras, & dar-lhe muitos açoutes, & bofetadas com os çapatos dos seus negros. Das barbas lhe mandou fazer candeas de cera, & pôr-lhe o fogo, & algũas que lhe ficarão com as pestanas & sobrancelhas, lhe mandou arrancar com hũa tanás de ferro.»

Assim reza d'este facto um curioso e raro livro que tenho á vista, intitulado: *Primor e honra da vida soldadesca no Estado da India. Livro excellente, antigamente composto nas mesmas partes da India Oriental, sem nome do auctor, e ora posto em ordem de sahir á luz pelo P. Mestre Fr. Antonio Freyre, da Ordem de Sancto Agostinho, etc. Dedicado ao ill.mo sr. D. Affonso Furtado de Mendonça, Arcebispo de Lisboa.* Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1630, 4.º Vai sem a respectiva alineação, por carecer de

frontispicio o exemplar do meu uso, transcrevendo-o na fé do sr. Innocencio.

Do martyrio d'aquelle illustre e valoroso cabo de guerra, D. Christovam da Gama, faz tambem larga e honrosa memoria o nosso Diogo do Couto, na sua *Decada* 6.ª, liv. 8.º, cap. 14.º

É escripto todo o volume de Botelho de Carvalho em lingua hespanhola, exceptuando uma canção a folhas 79, e parte da 1.ª scena, do acto 1.º da tragi-comedia, que o são na portugueza; como simples curiosidade vou pôr-lhe deante dos olhos a referida canção, que, não revelando grande colorido poetico em seu auctor, nos dá comtudo uma idêa da facilidade e naturalidade dos seus versos.

Cancion segunda

Al nacimiento del señor Don Francisco
Baltasar, Luis Antonio da Gama hijo
del Conde Almirante, que nacio en
el Castillo de la Vidiguera el primero
de Março de 1638.

Escutay, bello Infante, o Zelo puro,
Do mais Constante amor, o ardente Zelo,
De hum coração, que tanto vos adora,
A fineza mayor, Infante bello,
Ouvi do amor caracter, que seguro,

Sempre no coração habita e mora.
Neste prado, que agora
Por açucenas veste
Estrellas do celeste firmamento,
Que imitando o celeste,
Mais envejoso, e menos envejado,
Se julga ceo, e se duvida prado.
Ouvi de minha voz o brando acento,
Não leve o vento não, detenha o vento.

Bem como a roixa luz q̃ amanhecendo,
Dourando campos, e bordando montes,
Enche a terra, e o mar de fermosura;
Desassombrados deixa os Orizontes
A tunica funesta desfazendo,
Sepultando da noite a sombra escura.
Assi vossa luz pura,
Desfez em breve espaço,
As trevas do temor, tornando em breve,
Este Castello, paço,
Corte esta villa, que seu bem publica,
Ficando o paço vfano, a corte rica
Parado já do sol o carro leve,
Que mais q̃ escumas ja, confusoens bebe.

Vivei porque imiteis a grão façanha,
Do primeiro Almirante esclarecido,

Nos anáes da memoria rubricado.
Aquelle que imitar soube atrevido,
O q̃ pode alcançar com gloria estranha,
O desejado veo, o veo dourado.
Aquelle, que adornado
Do esforço peregrino,
Vio do luzente sol a bella cama,
O leito Cristalino,
Aquelle que, com glorias singulares,
Abrio caminho em mais remotos mares,
Subio seu nome á mais eterna fama,
O segundo Iasão, Vasco da Gama.

Vivei dando esperanças ao desejo,
As pisadas segui com gloria suma,
De quem pisando estrelas vive agora,
Do conde vosso Avô, Portugues Numa,
Que foi duas vezes do dourado Tejo,
A ver as prayas da Luzente Aurora.
De aquelle por quem chora,
O Ganges deleitoso,
Por quem ha de chorar o ameno rio,
Em quanto o sol fermoso
Nacer em berço de jasmins ardentes,
Morrer em tumba de cristais luzentes.
Em quanto o luminoso senhorio
Por costume nacer, morrer por brio.

Vivei porque sejais, excelso Gama,
Aplaudido não só do Lusitano,
Dos mais remotos climas aplaudido.
Porque sejais retrato soberano,
Do Cõde vosso pay, em quem derrama,
A docta erudição nectar florido.
De quem foy conduzido,
O mais doce desvelo,
Que Adonis desejou, q̃ vio Narciso.
O serafim mais bello,
Da quelle paraiso da cidade,
Da quella gloria a maior beldade,
Da quelle espanto, o maior aviso
O maior bem da quelle paraiso.

A quella soberana fermosura
Por quem o Tejo convertido em magoas
Berte suspiros, q̃ a memorias deve,
Ficando saudosas suas agoas,
Que beijando seus pés de neve pura
Regalava suas mãos, de pura neve.
A quem com passo leve,
Tantas vezes correndo
As ninfas de cristal, as ninfas bellas,
Mil capellas tecendo
De fermoso jazmin, de branca rosa,
Postas em Nisa, ninfa mais fermosa,

Parecião de aljofres as capellas,
O Ceo de flores, e o jardim de estrellas.

Canção, se valer queres,
Não subas arrogante descobrindo
Da belleza os poderes,
Os da humildade podes hir abrindo,
Com seguro desvelo,
Aos pés te postra desse Infante bello,
Abraçando a humildade,
No templo vivirás da eternidade.

Além do douto Barbosa, é citado este nosso escriptor e as suas obras no *Ensayo de uma biblioteca de libros raros y curiosos,* de Zarco del Valey Sanches Rayon, tom. 2.°, col. 125 a 127, e no *Catalogo de la biblioteca de Salvá,* tom. 1.°, pag. 194, na qual não existia o livro que nos occupa, mencionando-o apenas em nota, e com referencia ao *Ensayo* acima apontado, o que não deixa de ser uma prova da sua raridade.

Aproveitando a tal ou qual paridade do assumpto, cumpre-me, terminando por hoje, rectificar uma asserção que fiz a paginas 31 da 1.ª serie d'estas Cartas, e no final da terceira, em que descrevi a *Lyrica poesia,* de Antonio Lopes da Veiga. Ahi digo: que não encontro esse livro no *Catalogo de la biblioteca de Salvá,* o que é menos verdade,

achando-se alli descripto a paginas 263 do tom. 1.º sob numero 741, e mencionando-se até a circumstancia de ser a terceira parte d'elle composta exclusivamente de poesias portuguezas, e advertindo-se que não o conheceram nem Ticknor, auctor de uma excellente *Historia da litteratura espanhola*, nem os seus traductores e addicionadores D. Pascual de Gayangos, e D. Enrique de Vedia, o que tive occasião de verificar ocularmente.

Louzã—maio—1877.

F. T.

VI

Meu amigo

No vol. 9.º (2.º do Supplemento) do *Diccionario Bibliographico Portuguez* a paginas 234, e no artigo relativo a um Flos Sanctorum impresso em Lisboa em 1513 por Herman de Campos, promette o fallecido sr. Innocencio falar de um outro Flos Sanctorum, com o titulo de *Livro e legenda de todos os sanctos martyres,* etc., o qual diz ser estampado egualmente 'naquella cidade, e no mesmo anno de 1513, mas por João Pedro Bonhomini.

Por fatalidade veio a morte d'aquelle distincto bibliographo suspender a publicação do mesmo Supplemento,

antes da letra L, onde se devia encontrar a descripção d'aquella rarissima obra, da qual tenho porém a fortuna de possuir um exemplar, e aproveitando esta conjunctura passo a dar d'elle nesta carta minuciosa noticia, sem esperar pela conclusão do Supplemento, que não sei (infelizmente para a nossa bibliographia) se chegará a ter logar.

Não entra nisto, póde crel-o, a mais pequena vaidade, mas unicamente o desejo de concorrer quanto em mim caiba para o successivo aperfeiçoamento dos nossos estudos bibliographicos, lisongeando-me por isso de acreditar que não deixará de ser agradavel aos bibliophilos e amadores, como o meu amigo, encontrarem aqui a resenha minuciosa, e tão completa quanto possivel, de um livro que o merece, tanto pelo lado da raridade, como pelo typographico, para o que, embora não tenha a proficiencia e os conhecimentos especiaes do distincto architecto do grandioso monumento chamado *Diccionario Bibliographico,* resta-me comtudo a melhor boa vontade.

A despeito das investigações a que tenho mandado proceder nas bibliothecas publicas do paiz, em nenhuma d'ellas se tem encontrado esta obra. E aproveito a occasião para agradecer ao meu bom amigo e aos ex.[mos] Visconde de Castilho, de Lisboa, dr. Pereira Caldas, de Braga, e Antonio Francisco Barata, de Evora, que, a meu pedido, se promptificaram a fazer estas indagações, tendo de luctar com não poucas difficuldades, que só podem avaliar os que conhecem as decepções que se soffrem neste genero de tra-

balho. E, a proposito, darei aqui a descripção do Flos Sanctorum de Herman de Campos, já apresentada pelo sr. Innocencio no vol. e pag. retro citados, que repito, por ser a que se segue (e que devo ao trabalho do meu amigo Visconde de Castilho) muito mais completa e minuciosa do que aquella, como poderá ver cotejando a que vou dar com a do *Diccionario:*

Ho flos sctõrų em
lingvagem porgè

Este titulo, em gothico maiusculo, acha-se dentro de uma cercadura composta de ornamentações no estylo da renascença, com seis figurinhas sagradas e profanas, quatro no lado superior, e duas na parte inferior das cercaduras lateraes. No fundo da pagina acha-se o seguinte: — *Com graça e preuilegio del. Rey nosso senhor* — egualmente em characteres gothicos. No alto da folha do rosto, e por cima do titulo acima transcripto ha o brazão das armas reaes de Portugal, com o elmo coroado, tendo a singularidade de estar este voltado para a direita e fechado, o que é, neste caso, contra as regras da armaria. No verso da folha do rosto começa o prologo, que está incompleto, sendo as primeiras folhas (em que não existe numeração) occupadas pela Paixão de Christo, e seguindo-se depois uma folha, com a numeração de II, tendo no alto, e em tinta vermelha

o seguinte: *Aquy se começa a leenda dos sanctos, a qual se chama estoria lõbarda,* &.

Consta o volume todo (que é no formato de 8.º gr.) de CCLXV folhas numeradas, ás quaes se seguem mais duas sem numeração, occupando a *Tauoada* a primeira e terminando na primeira pagina da folha seguinte, encontrando-se no verso d'esta a subscripção final, que aqui lhe copio completa:

Aqui se acaba a leenda dos sanctos tresladada em lingoagem portugues. a qual se chama ystorea lombarda, pero commũmente se chama flos sanctorum porque em ella se cõtẽ a flor das vidas dos sanctos com diligẽcia corregida e ẽmendada e acreçentada de duas vidas louuauees. s. de sancta Anna e sam Erasmo: que por grande negligençia foram esqueçidas. E nom menosprezando nem esqueeçẽdo os nossos sanctos que nos regnos de portugal resplandeçem per muytos milagres acreçentamentos destes aa presente. XIX. *vidas. Ha qual obra foy feita e tresladada a fym que os que a lengua latina nom entẽdem. nom sejam priuados de tam exçellentes e marauilhosas vidas y exemplos. Et por que cada hũu estando em sua casa despenda o tẽpo em leer tam exçellentes e sanctas vidas e exemplos que outras ystoreas vaãs, ou liuros de pouco fructo. E a sobredicta obra foy empremida em a muy nobre e sempre leal cidade de Lixboa. Com preuilegio del Rey nosso Senhor: per Herman de campis bombardero delrey. e. Roberte rabelo. a* XV *dias de Março de mil quinhentos e treze.*

Eis agora a descripção do Flos Sanctorum de Bonhomini:

> Este he o liuro e legẽda que fala de todolos feytos e payxoões dos sãtos martires. em lingoagem portugues. cõ a payxõ de nosso senhor. assy como ha escreuerõ os sanctos quatro euãgelistas, e assy com duas tauoas. s. hua geeral. e outra particular q chamã os. capitolos e folhas. Per espeçial mãdado do muy alto e muy poderoso senõr Rey dom Manoel empremido.
>
> Com preuilegio de sua alteza

Acha-se este titulo (com o mesmo numero e disposição de linhas em que está transcripto) impresso com tinta vermelha dentro de uma cercadura aberta em madeira, tendo por cima, e dentro da mesma cercadura, duas vinhetas a par, representando a da direita o escudo ou brasão portuguez, e a da esquerda a esphera armillar, assente em seu pé, vendo-se na ecliptica as letras C. A. D. A. T. G.

No verso, e occupando-o todo, segue-se *O prologo de sam Paulo primeyro jrmitaão.*

Na segunda folha innumerada começa a *Tauoa,* que occupa dezesete folhas, egualmente sem numeração, vindo em seguida uma com um outro prologo, que é exactamente o mesmo (pelo menos as tres primeiras linhas) do Flos Sanctorum de Herman de Campos ou Kempis.

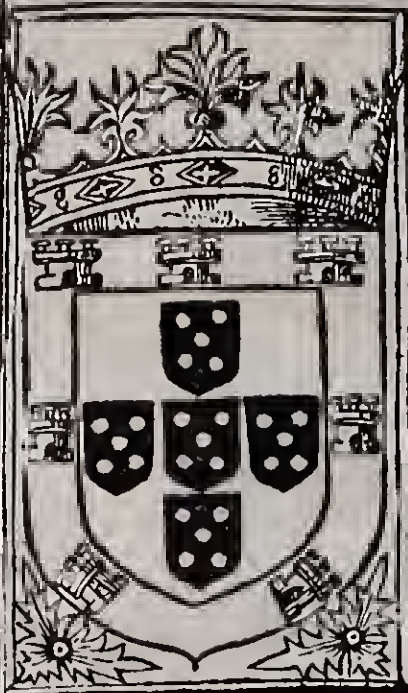
Na folha seguinte reproduz-se a folha do rosto, com insignificantes discrepancias, impressa a preto, tendo por cima e em torno os mesmos emblemas e cercadura que se encontram no primeiro frontispicio.

No verso e dentro de egual cercadura uma estampa representando El-Rei D. Manuel sentado em cadeira de espaldar, tendo na mão direita a esphera armillar, de que sahe uma fita que se enrola no sceptro que o rei tem na mão esquerda.

No alto da folha seguinte numerada Fo. ij. lê-se em tinta vermelha:

Aqui se começa ho terceyro liuro que falla de todolos feytos, e de todallas vidas e das payxones dos martyres q̃ forã marteryçados no tempo do Empador Nero. e do Empador Neruia. e outros Empadores muytos como polla tauoa estã decrarados. Prymeyramẽte da vida e payxam de sam Torpetto e de como o Empador Nero mandou fazer çeeo. sol e luna.

Termina a foliação d'este volume na folha CCXXIJ, tendo repartidas as vidas dos sanctos por CCXXIIJ capitulos, seguindo-se finalmente uma folha sem numeração contendo uma poesia na lingua latina, com a epigraphe: *Versus feytos en latin da vida d'sam Lupclo,* que occupa as duas paginas da mesma folha, devendo encontrar-se depois d'esta a ultima folha, onde devia existir a data e nome do impressor.

É singular, porém, que em nenhum dos quatro exem-

Este he o liuro ⁊ legēda que fala de todolos
feytos ⁊ payxoões dos sātos martires. em
lingoagem portugues. cō a payxō de nosso
senhor. assy como ha escreuerō os sanctos
quatro euāgelistas. ⁊ assy com duas tauo-
as. s. hūa geeral. ⁊ outra particular q̄ chamā
os capitolos ⁊ folhas. Per especial māda-
do do muy alto ⁊ muy poderoso senõr Rey
dom Manuel empremido. vn.

Com preuilegio de sua alteza.

Secç. Phot. Heliog. typ.

plares conhecidos, se encontre a ultima folha, carecendo por isso todos elles de subscripção final, sendo fóra de duvida a sua existencia primitiva, porque, na menção que dos versos latinos acima mencionados se faz na tauoada, lê-se o seguinte: Versos feytos em latym da vida e payxom de sam Luperculo *na penultima folha os acharam.*

Pelas reproducções heliographicas da folha de rosto e da estampa do verso do segundo frontispicio, que acompanham esta, poderá o meu amigo apreciar melhor a descripção que acabo de lhe fazer.

Não condiz porém ella com a que d'um exemplar da mesma obra, que existe na bibliotheca do fallecido bibliophilo Conde de Azevedo, devo á bondade do illustrado e consciencioso bibliographo o sr. Tito de Noronha, da cidade do Porto, na qual se notam as seguintes differenças:

A *Tauoa,* que no meu exemplar occupa dezesete folhas, contém-se no do Porto em dezoito, seguindo-se a esta a 19.ª, em que se lê: *Aqui começa ha paixom do eterno Prinçipe christo Jhesu nosso Senhor: e saluador. Segũdo os santos quatro euãgelistas. Segũdo escreue sam Matheus aos vynte e seys capitulos. Segũdo escreue sam Marcos aos quatorze capitulos, &.*

Esta epigraphe é impressa a vermelho. Segue depois o texto, em duas columnas impresso a preto, como o resto do livro, excepção feita do titulo do segundo capitulo, que tambem é impresso a vermelho, e no verso uma gravura intercalada no texto e na cabeça do capitulo. *Do lauar dos*

pees sam Johã aos treze apostolos. Na folha seguinte o prologo, que combina com o do meu exemplar, e na outra *A paixom De nosso senhor,* findando na folha 34.ª com gravuras intercaladas no texto, e uma que occupa a pagina inteira, representando o Christo na cruz, tendo aos lados a Virgem e S. João. Segue depois o segundo frontispicio e a gravura do verso, como no que tenho á vista, observando-me o já citado sr. Tito de Noronha ser esta a mesma que serviu na edição das *Ordenações* de 1514.

Differe tambem no numero dos capitulos e folhas, que neste é de CCXXIIIJ folhas e CCXXIIJ capitulos, faltando-lhe, ao que parece, as duas ultimas folhas, em que existe a poesia latina atrás mencionada e a subscripção final.

É impresso em characteres gothicos e a duas columnas, exceptuando os prologos, e a poesia final, que o são em *longas linhas,* com quarenta e oito letras cada uma, pouco mais ou menos. O meu exemplar está perfeitamente conservado, com grandes margens, mostrando que não o tocou ainda o, em muitos casos, *terrivel* ferro do encadernador.

Por simples curiosidade lembrar-lhe-ei que alguns typographos reproduziam em diversas obras sahidas das suas officinas as mesmas estampas, sendo o muito conhecido German Galharde um dos que mais vezes o practicou, como provam (entre outras) as portadas da *Regra e statutos da ordem de Santiago,* edição de Lisboa, 1548, 4.º, que é a mesma que serviu na primeira parte da *Historea de nossa redẽçam,* impressa na mesma cidade em 1552, 4.º, e a

estampa que se vê nos celebres *Statutos e constituyções dos virtuosos e reuerendos padres Conegos azuys,* na edição de 1540, 4.º gr., a qual é (com varias transposições, por ser formada de differentes vinhetas em chapas separadas) quasi a mesma que se encontra no *Liuro da regra e perfeyçam da conuersaçam dos monges,* estampada no mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra em 1531, fol.

Voltando porém ao livro que nos occupa, não receio assignar-lhe a data de 1513, apezar de, como já disse, não conhecer exemplar algum em que ella appareça, pelas seguintes razões:

Nicolau Antonio, na *Bibliotheca Hespaña nova,* Antonio Ribeiro dos Sanctos, na *Memoria para a historia da typographia portugueza no seculo XVI,* inserta no vol. 8.º das *Mem. de litter. port.,* publicadas pela Academia Real das Sciencias, a pag. 124, Innocencio, no vol. e pag. do *Diccionario* já mencionados, e o sr. Tito de Noronha, a pag. 36 do seu excellente opusculo *A imprensa portugueza durante o seculo XVI,* marcam-lhe essa data. Creio será o bastante para não duvidar o seguir taes auctoridades.

Que relação existirá porém entre este Flos sanctorum e o de Herman de Kempis? Impressos ambos no mesmo anno, serão por ventura uma unica obra, e haveria assim duas edições no mesmo anno? Qual d'elles foi impresso primeiro?

Suppuz ao principio que o de Bonhonimi tinha precedido o de Herman de Kempis, e o que me levou a isso foi,

não só a comparação do segundo prologo d'aquelle como d'este, cujas primeiras linhas transcreve o *Diccionario Bibliographico*, no vol. e pag. já citados, e que, como já disse, é o mesmo do de Bonhonimi, mas ainda a clara referencia que, na subscripção final do de Herman de Kempis se faz a outro que devia ter sido impresso anteriormente a este, e que na mesma é accusado de não ter inserido as vidas de S. Erasmo e de Sanct'Anna, *por grande negligencia*. Examinando porém detidamente o de Bonhonimi, nelle encontrei estas, mudando por este motivo de opinião, apezar da identidade dos prologos. O que neste caso tiraria todas as duvidas seria a comparação do de Herman de Kempis com o de Bonhonimi, o que ainda não tive ensejo de levar a effeito, e além d'isso o apparecimento d'um exemplar d'este ultimo em que exista a subscripção final, a fim de se poder conhecer qual d'elles tem a prioridade da impressão.

E, já que fallamos de agiographias, dir-lhe-ei que, além da *Historia das vidas & feitos heroicos & vidas insignes dos santos*, de Fr. Diogo do Rosario, edição *princeps*, Braga, por Antonio de Mariz, 1567, fol., characteres gothicos, e do *Livro insigue das flores e perfeições das vidas dos gloriosos sanctos, etc.*, traduzida por Fr. Marcos de Lisboa, Lisboa, por Francisco Corrêa, 1579, fol., possuo uma obra d'este genero, escripta em hespanhol, que julgo egualmente muito rara, por não a ter encontrado citada, a qual tem o seguinte titulo:

Historia ecclesias | tica de todos los santos de España | Primera, segunda, tercera y Quarta parte: donde se cuentã muy particularmente, todas las vi | das, martyrios y milagros, de los Santos y Santas proprios que en esta nues | tra España ha auido, assi de Martires, Pontifeces Confessores como no Pontifeces, y Religiosos de todas Ordenes: y los concilios que ha hauido desde el | tiempo de los Apostoles hasta agora (con otras cosas muy curiosas de | todas las ciudades de España que nunca han sido impressas).... | Compuesto por el Reuerendo | Padre fray Juan de Marieta de la Ordem de Sancto Do | mingo natural de la ciudad de Victoria | ... En Cuenca, en casa de Pedro del Valle, Impressor | Año M.D.XCVI.

Cada uma das cinco partes em que se divide esta obra tem folha de rosto e numeração especial e separada, e só na frente, á excepção da terceira e quarta parte em que esta numeração é seguida. Antes da primeira parte ha onze folhas sem numeração, que comprehendem o titulo, licenças, prologos, poesias em louvor do auctor, indices, taboas, etc., vindo logo a primeira parte com 160 folhas e mais VIII sem numeração; a segunda com V inn. 222 folhas; a terceira e quarta com 122 folhas; e a quinta que se intitula: *Tratado de las fundaciones de las Ciudades y Villas principales de España donde se resume todo lo conteeiudo en las quatro partes, con otras cosas muy curiosas*, com 56 folhas subdividindo-se ainda estas cinco partes em 22 livros.

Comprehendem-se nesta obra muitas biographias, e noticias curiosas de personagens portuguezas, como a de S. Gonçalo de Amarante, a do nosso Fr. Gil ou Egidio de Santarem, cognominado o — *Fausto portuguez,* e a de Fr. Luiz de Granada, que, apezar de hespanhol, exerceu entre nós a sua actividade litteraria. Se esta não fosse já tão longa, receando por isso tornar-me fastidioso, de certo, meu amigo, lhe daria mais minuciosas noticias d'este e d'outros livros de egual especie; mas terminarei com esta, e creio já não será cedo. Emfim a sua benevolencia certamente me relevará mais uma vez a minha insaciavel *gourmandise* bibliographica.

Louzã — junho — 1877.

F. T.

ADDITAMENTO

Só depois de impressa a primeira serie d'estas cartas pude adquirir o raro e interessante livrinho de Mr. Ferdinand Denis, benemerito das lettras portuguezas, e que tanto tem concorrido para fazer conhecida em França e nos outros paizes a nossa historia politica e litteraria, o qual foi publicado em 1843 com o seguinte titulo: *Le monde enchanté, cosmographie et histoire naturelle fantastiques du moyen-âge*... París, Fournier, in 32.º de IV-376 paginas, não podendo por isso dar ha mais tempo a noticia de mais uma edição do *Livro do infante D. Pedro,* inteiramente desconhecida, ainda que posterior quatro annos á de 1602. Apezar de não poder já ser incluida no logar competente da serie anterior, aproveito a occasião de a mencionar, transcrevendo da pagina 315 do alludido livro as proprias palavras do illustre escriptor:

«Je suppose que les voyages de l'Infant don Pedro ont été écrits primitivement en espagnol, *quoique j'en connaisse une version portugaise de l'année 1606*, dans touts les cas c'est la chronique castillane qui est devenue populaire. C'est bien à tort qu'ont a fait honneur de cette relation fantas-

tique au comte de Barcellos, fils du roi Denis. Comment se fait-il qu'un des plus nobles héros du Portugal, que le frére du fameux don Henrique soit devenu, dans cette légende, fils du roi don Pedro? C'est que j'ignore. Ce qu'il y a de certain, c'est que don Pedro d'Alfaroubeira, avait prodigieusement voyagé en Europe, et jusque dans l'Orient, et que le peuple de la Péninsule en fit bientôt le principal personnage d'un de ses livres favoris.»

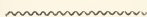
Á vista da affirmativa de pessoa tão competenle, deve junctar-se ás edições já mencionadas na minha Carta esta de 1606, de que não posso dar mais indicações, por não ter examinado exemplar algum d'ella, nem o sr. Ferdinand Denis accrescentar mais pormenores, bem como se devem incluir na lista que apurei mais as seguintes: Lisboa, por Francisco Borges de Sousa, 1769, 4.º, de 20 paginas. Ibi. pelo mesmo, 1792, 4.º, de 16 paginas.

Ácerca d'este livro e do seu supposto heroe, póde ver-se com proveito o erudito livro do sr. dr. Theophilo Braga: *Poetas palacianos,* Porto, 1871, pag. 113 e seguintes, e a conferencia do sr. Marquez de Sousa Holstein: *A escola de Sagres e as tradições do infante D. Henrique.* Lisboa, 1877, pag. 12, 13 e 65 a 67, not. 4 e 5, que nos fornecem algumas noticias curiosas.

APPENDICE

Com a devida auctorisação transcrevemos dos numeros 21 do 2.º vol. e 1.º e 7.º do 3.º vol. da *Borboleta,* jornal litterario que se publica em Braga, uma serie de artigos devidos á douta penna do illustrado bibliophilo e archeologo, o ex.^mo^ dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, consummado professor de mathematicas elementares e de lingua allemã no lyceu d'aquella cidade, ácerca da primeira serie d'estas Cartas.

Por offerecerem especies novas e interessantes, são estes artigos como um complemento da mesma serie; sentindo, na verdade, que a natureza especial d'aquelle periodico não permittisse a escriptor tão competente dar mais desenvolvimento aos mesmos artigos, nos quaes de certo se encontrariam maior numero de correcções e accrescentamentos ás materias tractadas nas seis cartas de que se compõe aquella primeira serie.

Agradecemos, profundamente reconhecidos, áquelle nosso amigo a benevolencia com que nos tracta, devida unicamente á sua natural bondade, e ao desejo de nos animar e auxiliar nestes assumptos.

Acabamos de manusear um escripto prestimoso, dado á luz em Coimbra, na Imprensa Academica, no fim do anno proximo passado.

Tem por titulo *Cartas Bibliographicas,* e foi impresso em 8.º com summa nitidez.

Adornam este escripto duas heliogravuras typographicas, não menos esmeradas que a edição.

É auctor d'estas *Cartas Bibliographicas* um amador illustrado da Louzã, assignado com as iniciaes *F. T.,* assim no *rosto* da obra, como no fim de cada uma das *Cartas.*

Bastava esta circumstancia para nos dar a conhecer o nosso confrade *Annibal Pippa Fernandes Thomaz,* como escriptor d'este trabalho primoroso.

Compõe-se de *seis cartas* esta collecção epistolar; e endereçou-as o auctor ao nosso confrade *Augusto Mendes Simões de Castro,* escriptor indefesso de Coimbra.

Dá-o a conhecer assim uma allusão do fim da *Carta 2.ª,* expressa por estas palavras:

A vida de Sancta Comba... do livro de D. Timóteo dos Martyres, é muito curiosa e abundante de noticias... tal-

vez... d'algum proveito para a 2.ª edição do seu bello **GUIA DO VIAJANTE EM COIMBRA E ARREDORES...**

II

É consagrada a *Carta 1.ª* a um exordio bibliologico, attinente á missão especial do auctor, destinada exclusivamente a aproveitar algumas horas de estudo numa convalescença.

Na *Carta 2.ª* occupa-se o nosso confrade — com novidade para não poucos bibliographos — da *Vida de S. Theotonio, Primeiro Prior do Convento de Sancta Cruz de Coimbra, da Extincta Ordem dos Conegos Regulares de Santo Agostinho:* — obra rara, e prezada dos amadores, devida a D. Timoteo dos Martyres.

É consagrada a *Carta 3.ª* a uma obra rarissima, com o titulo de *Lyrica da Poesia,* escripta pelo lisbonense *Antonio Lopes da Veiga,* sobrinho de D. Diogo Lopes d'Andrade, eremita de Sancto Agostinho, e prelado de Otranto na Italia.

Por esta occasião dá-nos o nosso confrade — como especimen poetico — uma *Canção* do auctor.

Na *Carta 4.ª* occupa-se o nosso bibliophilo — e com sobeja individuação — da obra popularissima entre nós, com o titulo de *Livro do Infante D. Pedro de Portugal, que andou as septe partidas do mundo:* — obra de Gomes

de Sancto Estevão, de que são sobremodo raras as primeiras edições.

Por esta occasião dá-nos o nosso confrade — como primeiro especimen heliographico — o *rosto* da edição de 1602, que é a 1.ª de existencia incontestavel.

É consagrada a *Carta 5.ª* a uma obra rarissima no meio das que o são, com o titulo de *Historia do Abbade D. João de Monte-mór-o-Velho:* — personagem lendaria, e de veneração popular nessa antiga villa do districto de Coimbra.

Por esta occasião dá-nos o nosso bibliophilo — como segundo especimen heliographico — o *rosto* da edição de 1562 d'esta obra; — e compara o contexto d'ella com a *Historia Manlianense,* escripta por *Antonio Corrêa da Fonseca e Andrade — manuscripto inedito,* de que possuimos apenas alguns extractos em nossa collecção de apógraphos.

Na *Carta 6.ª* occupa-se o nosso confrade — com exemplificações curiosas — do *Roteiro da Segunda Viagem de Vasco da Gama á India em 1502:* — obra desconhecida até os nossos dias, como o *Roteiro da Primeira Viagem de 1497,* e traduzida em 1874 em inglez por Filippe Berjeau — amador francez illustrado, residente em Londres ao menos então.

Por esta occasião põe o nosso bibliophilo em merecido relevo qual a importancia d'esta versão ingleza do *hollandez:* — texto escripto por pessoa da comitiva de Vasco da Gama, assim como o fôra tambem o *Roteiro por-*

tuguez de Alvaro Velho — *se é que não é talvez de Alvaro de Braga, como ainda é dado conjecturar.*

III

Na *Carta 2.ª*, consagrada á *Vida de S. Theotonio,* dá-nos o nosso confrade *Fernandes Thomaz* — com individuação minuciosa — a enumeração e a exposição dos *cartões,* sobrepostos nalgumas passagens d'esta obra de *D. Timóteo dos Martyres.*

Faz-nos ver, por este modo, que o texto primitivo da obra fôra ulteriormente correcto: — resultando d'isto a existencia de *duas ordens* de exemplares d'ella.

Suppomos no emtanto ter havido ainda uma *nova ordem* de exemplares d'esta obra: — exemplares desconhecidos do nosso illustrado bibliophilo, e de que possuimos um exemplar mimoso.

Fundamo-nos para isto em suppor fidelissimas as transcripções do nosso illustrado confrade.

IV

Eis aqui a copia integral do *rosto* do nosso exemplar, transcripta com a *alienação* respectiva:

«VIDA | DO BEMAVENTVRADO | PADRE SANTO

«THEOTONIO, | Primeiro Prior do Real Mosteiro de | «Santa Crus de Coimbra de Cone- | gos Regulares do Pa-«triarcha | Santo Agostinho. | *ESCRITA EM LATIM* | «*por um Religiozo contemporaneo,* & | *discipulo do mesmo* «*Santo.* | TRADVZIDA EM NOSSO VVLGAR PORTVGVES, | juntas «as vidas de outros Santos, & Santas, colle- | gidas de di-«uersos, & graues Autores. | *POR DOM TIMOTHEO* «*DOS MARTYRES,* | *Conego Regular,* & *filho do Con-*«*uento de Santa Crus de* | *Coimbra,* & *natural da mesma* «*Cidade.* | Offerecidas | ao Grande Padre Santo Theoto-«nio. | EM COIMBRA. | *Com todas as Licenças necessa-*«*rias.* | Na impressão de Manoel de Carualho Impressor «da | Vniuersidade Anno M. D C. L.»

Fórma esta obra um volume em 4.º, com 15 paginas inumeradas, 238 paginas numeradas, e 1 pagina inumerada — além d'uma gravura em cobre, com o retrato de Sancto Theotonio.—É esta na íntegra a sua *compaginação,* individuada com exactidão catalographica.

V

Comparada a transcripção exposta com a do nosso illustrado confrade — dada nas paginas 14 e 15 das *Cartas Bibliographicas* — reconhecem-se de prompto differenças de *tiragem,* attinentes de certo a *duas impressões* distinctas.

Eis aqui a copia do *rosto* dos exemplares da *vida do*

sancto — sem os *cartões* e com elles — conforme o transumpto do alludido bibliophilo:

Vida do bemauenturado Padre Santo Theotonio, Primeiro Prior do Real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra de Conegos Regulares do Patriarcha Santo Agostinho. Escrita em latim por um Religioso contemporaneo & discipulo do mesmo Santo. Traduzida em nosso vulgar portuguez, juntas as vidas de outros Santos & Santas collegidas de diuersos & graues autores. Por Dom Timoteo dos Martyres, Conego Regular & filho do conuento de Santa Cruz de Coimbra, & natural da mesma cidade. Offerecidas ao grande Padre Santo Theotonio. Em Coimbra, com todas as licenças necessarias, na impressão de Manoel Carualho, impressor da Universidade. Anno MDCL.—(4.º—de 16 inum.—238 pag.)

Chegados a este ponto, podemos dizer aos nossos leitores — com o nosso amador Fernandes Thomaz — o que elle então lhes dissera tambem:

«Transcrevi todo o frontispicio, apezar de ser um pouco longo: — mas em bibliographia nada é superfluo; e além d'isso o livro é raro.»

VI

Nalguns dos exemplares da *Vida de S. Theotonio* falta o retrato do sancto prior de Sancta Cruz de Coimbra, filho egregio d'esta provincia do Minho.

Dá-se assim — com esta obra de *D. Thimotheo dos Martyres* — o que se dá frequentemente com outras obras analogas — como sabem os cultores dos estudos bibliographicos.

Pela falta de menção, que neste sentido ha nas *Cartas Bibliographicas,* suppomos não possuir este retrato o nosso *Fernandes Thomaz* em nenhum dos exemplares que tem.

No caso de o possuir de certo não omittiria esta circumstancia bibliographica o nosso distincto amador.

VII

Este retrato do sancto filho da aldêa de Tardinhade na freguezia de Ganfei — a nordeste da praça de Valença — é obra do nosso gravador *João Gomes,* de quem egualmente é o retrato de Sancto Agostinho, annexo ao *Breve Exemplar* do mesmo *D. Timotheo dos Martyres:* — obra famigerada entre nós, por impensado asserto do nosso finado Innocencio no *Diccionario Bibliographico,* ousando negar-lhe a existencia.

Dá-se o artista a conhecer, no fundo de cada retrato, assignando-se nelles a um canto por esta forma: *J.º Gom.*

VIII

Na *Vida e Martyrio de Sancta Quiteria,* escripta pelo

padre Pedro Henriques d'Abreu — obra nada vulgar de 1651 — assigna-se o mesmo artista, numa gravura no meio do rosto, por est'outra forma a um canto ainda: *Joaõ* (sic) *Gome* (sic).

A comparação d'estas gravuras entre si não póde deixar duvidas no espirito, em relação á procedencia d'um mesmo buril: — apezar da singularidade da expressão do nosso *João* com a abreviatura *J.º*, composta das duas lettras extremas.

IX

Na *Lista d'alguns Artistas Portuguezes,* devida á penna do nosso nunca esquecido *D. Fr. Francisco de S. Luiz,* acha-se omissa a indicação dos dois alludidos retratos: — o que prova não os ter visto o nosso erudito finado, nos exemplares de *D. Timotheo dos Martyres,* que sem duvida manusearia alguma vez.

Não omittiria de certo esta especie o egregio filho de Ponte de Lima — no seu trabalho prestimoso — uma vez que lhe passassem pela vista os dois retratos.

X

São de sobra as indicações esboçadas, para os amadores bibliographicos poderem aquilatar o trabalho valioso, de que lhes damos aqui noticia gostosamente.

Desejariamos poder alongar-nos — em relação a cada uma das *cartas* de que não fallamos — tanto ao menos quanto nos alongamos em relação á *Carta 2.ª*

Não o permittiria no emtanto a indole da *Borboleta*, semanario de litteratura amena, em que só por excepção restricta podem ter cabida alguns artigos d'outra indole.

XI

Fechamos por isso aqui esta nossa noticia, lembrando ao distincto bibliographo louzanense a rectificação d'um lapso de memoria.

É que o nosso finado *Innocencio*, no *Diccionario Bibliographico*, omitte a indicação que o nosso amigo lhe attribue, da 2.ª edição da *Vida de S. Theotonio*, escripta pelo conego cruzio D. Joaquim da Encarnação — filho illustre aqui do Minho, como nascido na villa de Barcellos.

XII

Receba o nosso *Fernandes Thomaz* os nossos agradecimentos publicos pelo exemplar das *Cartas Bibliographicas* de que se dignara fazer-nos presente, para enriquecermos com ella a nossa bibliotheca: — e disponha francamente d'este nosso amplo e selecto repositorio de livros, consultorio patente sempre a todos os cultores das lettras.

CARTAS BIBLIOGRAPHICAS

POR

F. T.

(COM DUAS HELIOGRAVURAS)

COIMBRA
IMPRENSA ACADEMICA
1876

CARTAS BIBLIOGRAPHICAS

POR

F. T.

Après le plaisir de posséder des livres, il n'y en a guère de plus doux que celui d'en parler....

CH. NODIER.

(SEGUNDA SERIE)

(COM TRES ESTAMPAS)

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1877